# AQUI É NO ALÉM

Ruth Montgomery

Tradução: Amadeu António

Quem nunca experimentou a estranha sensação, ao vislumbrar uma rua de aldeia ou um porto estrangeiro, de já lá ter estado antes? Quem nunca encontrou um estranho com quem sentiu uma afinidade instantânea, como se o conhecesse desde sempre; ou sentiu uma forte antipatia por outro antes mesmo de as apresentações estarem concluídas? Seriam estas sensações internas talvez provocadas por memórias da alma de encontros de vidas passadas?

Até há pouco tempo, tendíamos a desvalorizar estes sentimentos como curiosas aberrações, mas neste extraordinário livro da autora de UM DOM DA PROFECIA, um dos grandes best-sellers sobre fenómenos psíquicos, vários americanos proeminentes contam o que aconteceu quando decidiram investigar o significado destes súbitos lampejos de reconhecimento.

Um eminente psiquiatra passou por experiências que indicam que escolheu a psiquiatria, apesar da sua grande habilidade cirúrgica, porque sofria de culpa acumulada numa vida anterior como assistente de laboratório do famoso cientista da "glândula de macaco", Serge Voronoff, e de facto morreu devido à mordedura de um macaco.

A Sra. Elsie Sechrist, de Houston, tem razões para acreditar que pode ter sido Saskia, a primeira mulher de Rembrandt.

O Dr. Stanley Krippner, diretor de laboratório no Centro Médico Maimonides, em Nova Iorque, foi aparentemente transportado pelas cortes de Kublai Khan e Versalhes, pelo Monticello de Jefferson e, finalmente, pelo Washington de Lincoln, onde as feições de John F. Kennedy substituíram as de Lincoln — e estas imagens mentais surgiram 18 meses antes de Kennedy, tal como Lincoln, ser assassinado em funções.

O Reverendo George Emery, um pastor metodista do Illinois, ironizou a ideia de reencarnação até começar a receber indícios evidentes de que a sua alma habitara outrora o corpo físico de George Whitfield, um evangelista inglês do século XVIII.

À medida que estes e muitos outros homens e mulheres racionais e bem-educados revelam as suas experiências psíquicas, emerge um tema central: se esta não é a nossa primeira vida, provavelmente não será a última e, consequentemente, temos em nosso poder influenciar as nossas circunstâncias futuras através da nossa conduta presente.

As experiências dramáticas relatadas por Ruth Montgomery lançam luz sobre algumas das questões fundamentais da vida: as razões para as desigualdades raciais, religiosas e económicas, para o movimento de protesto juvenil, para as deficiências físicas, para as escolhas cruciais que fazemos nas nossas vidas e para tragédias aparentemente sem sentido.

As respostas deste livro vêm todas de pessoas vivas, muitas vezes figuras de destaque nas suas áreas, que acreditam que apenas começámos a desvendar os mistérios que envolvem o homem e o seu eu interior — e que, quando inseridas no mosaico maior, as suas histórias podem ajudar a resolver o enigma da vida.

Sumário
Prefácio
Como Lembrar
Inspirações Internas
O Passado é Prólogo
Nada é Esquecido
Fato ou Fantasia?
Entre Vidas
Uma Mente Aberta
Olho por Olho
Carma Coletivo
Guardião dos Registos
Talvez Sonhar
Recordação Espontânea
Nos Nossos Devaneios
Recordando o Nascimento
Desde o Princípio
Conhecermo-nos a Nós Mesmos
Deus Não Castiga o Homem

À minha irmã Margarida
com quem trilhei
muitos outros caminhos felizes
em tempos passados

## Prefácio

No nosso atual estado de desenvolvimento, não é mais possível provar a reencarnação do que provar a existência de Deus. Mas a doutrina do carma e do renascimento é tão lógica que, se dois terços das pessoas do mundo já não a aceitassem, seria provavelmente saudada hoje pelos ocidentais como um grande avanço filosófico.

A crença é mais antiga do que a história registada, tendo sido transmitida de boca em boca até que o homem aprendeu a registar os seus pensamentos em

hieróglifos. Explica, melhor do que qualquer credo conhecido, por que razão uns nascem na opulência e outros na pobreza abjeta. Por que razão um jovem é um génio e outro é um simplório. Por que razão alguns são aleijados ou cegos; outros saudáveis e belos.

O Antigo Testamento ensina "Olho por olho, dente por dente", no entanto, não precisamos de olhar além do nosso próprio bairro para observar que o pecado muitas vezes fica impune aqui, enquanto a ganância é aparentemente recompensada. Apenas quando se aceita a tese de que existimos desde o início dos tempos, e que o que um homem semeia numa vida será colhido nas subsequentes, é que a injunção bíblica faz sentido. Um princípio fundamental do Bramanismo foi afirmado há muito tempo no Bhagavad-Gita:

"Tal como um homem, descartando vestes gastas, toma outras novas, assim o habitante do corpo, descartando corpos gastos, entra noutros que são novos. Pois certa é a morte daquele que nasce, e certo o nascimento daquele que está morto; portanto, pelo inevitável não deverias sofrer."

Seis séculos antes do nascimento de Jesus, Gautama Buda ensinou que não há como escapar ao resultado das ações do homem; que sem o ciclo do renascimento a vida não tem sentido nem propósito. Os budistas, tal como os bramanes, esforçam-se pela emancipação do ciclo de retorno, o que é considerado possível apenas depois de o homem ter alcançado tal perfeição que possa merecer o nirvana, ou a unidade com Deus. Este anseio pode ajudar a explicar uma passagem, de outra forma abstrusa, em Apocalipse III:12: "A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dali nunca mais sairá."

Os Essénios, uma seita judaica considerada por muitos estudiosos como tendo sido os mestres de João Batista e de Jesus, acreditavam na reencarnação, e os primeiros cristãos aceitavam a doutrina como algo natural. Quando Jesus perguntou aos Seus discípulos quem os homens pensavam que Ele era, eles responderam: "Uns dizem que Tu és João Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas." Em Mateus 17:9-13 lemos que, depois de os discípulos questionarem Jesus sobre a profecia do Antigo Testamento de que Elias "deve vir primeiro" antes do salvador, Ele respondeu:

"Elias certamente virá primeiro, e restaurará todas as coisas. Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer às mãos deles."

"Então", acrescenta, "entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista", que tinha sido decapitado por Herodes.

A crença na reencarnação persistiu na igreja cristã primitiva durante vários séculos. Nas Confissões de Santo Agostinho 1:6 lemos: "Não vivi eu noutro corpo, ou noutro lugar, antes de entrar no ventre de minha mãe?" O livro apócrifo Pistis Sophia, que alguns afirmam serem os ensinamentos esotéricos de Jesus a Maria Madalena, regista: "Mas se ele tiver pecado uma, duas ou três vezes, rejeitarão essa alma, enviando-a de volta ao mundo de acordo com a forma do pecado que possa ter cometido."

No século VI, o Sínodo de Constantinopla (no qual não esteve presente o Papa de Roma) condenou o ensino da reencarnação, e alguns estudiosos acreditam que a maioria das referências a ela foram então expurgadas da Bíblia, mas entre os principais teólogos católicos que defenderam a filosofia durante a Idade Média estavam São Francisco de Assis, fundador da Ordem Franciscana; o monge irlandês Johannes Scotus Erigena; e o monge dominicano, Thomas Campanella.

Em tempos mais recentes, o Cardeal Mercier, prelado dos católicos belgas, afirmou que a doutrina de forma alguma conflitua com o dogma católico; e o Reitor Inge, da Catedral de S. Paulo em Londres, declarou: "Considero a doutrina (da reencarnação) credível e atraente."

François Marie Voltaire, o satírico filósofo francês, observou que "não é mais surpreendente nascer duas vezes do que uma", e personalidades tão diversas do Novo Mundo como Benjamin Franklin, Ralph Waldo Emerson, Henry Ford e Thomas Edison abraçaram a crença.

Mas se vivemos antes, por que não conseguimos lembrar-nos? Na verdade, muitos parecem conseguir. Quem não experimentou a sensação estranha, ao vislumbrar uma rua de uma aldeia ou um porto estrangeiro, de que já ali esteve antes? Quem não se encontrou numa situação que parece surpreendentemente familiar, embora a sua razão lhe diga o contrário? Quem não conheceu um estranho com quem sentiu uma afinidade instantânea, como se o conhecesse desde sempre; ou sentiu uma antipatia violenta por outro antes mesmo de as apresentações estarem concluídas? Poderiam essas agitações interiores ser talvez motivados por memórias da alma de encontros de vidas passadas?

Jornais e livros registaram inúmeros casos de crianças pequenas que insistem que costumavam ser outra pessoa, e que descrevem vividamente uma vida num local que nunca visitaram. Estas conversas infantis poderiam ser descartadas como voos de fantasia, não fosse o facto de muitas das pessoas e lugares nomeados, e os acontecimentos que relatam, terem sido posteriormente verificados por investigadores isentos.

Algumas pessoas, embora careçam destes lampejos instantâneos, treinaram-se através da meditação ou dos sonhos para recuperar memórias que parecem provir de anteriores estadias terrenas. Inúmeras outras, sob hipnose, recordaram acontecimentos autenticados da sua infância e continuaram depois a regredir até detalharem eventos que afirmam ter ocorrido em encarnações anteriores, embora não possuam conhecimento consciente dos lugares. Alguns até falam em línguas estrangeiras que lhes são desconhecidas. Outros ainda foram informados de vidas anteriores por médiuns que estavam em transe.

Mas importa se vivemos antes? Sim, porque se esta não é a nossa primeira vida, provavelmente não será a última e, consequentemente, temos o poder de influenciar as nossas circunstâncias futuras através da conduta presente. Se todos pudéssemos aceitar a filosofia de que a vida é uma força contínua, e que o que fazemos aos outros agora nos será feito em futuras encarnações, o nosso comportamento melhoraria dramaticamente. Quem quereria enganar um sócio de negócios ou roubar o cônjuge de outrem se acreditasse que, com tal conduta, estaria a prejudicar as suas próprias hipóteses de felicidade numa vida subsequente na terra?

Será Deus tão caprichoso e desamoroso que joga aos favoritos com os Seus filhos, concedendo saúde radiante a um e miséria a outro, ou reside a explicação para esta aparente desigualdade dentro de cada um de nós? Se aceitarmos a filosofia da reencarnação e do carma, podemos ver-nos como num espelho — sabendo que somos o que fomos, e que nos tornaremos o que somos agora, a menos que mudemos drasticamente o nosso rumo. Tal princípio, firmemente mantido, poderia revolucionar este mundo dilacerado por conflitos.

Este é um livro sobre pessoas que vivem hoje, muitas das quais, pela primeira vez, estão a permitir que os seus nomes sejam usados em ligação com experiências pessoais que parecem sugerir que viveram muitas vezes antes. O propósito do livro é enfatizar os profundos valores espirituais a serem derivados do conhecimento de si mesmo; pois, se o homem escolheu renascer para corrigir erros anteriormente cometidos e lutar pela perfeição do espírito, a recuperação das memórias da alma poderia ajudá-lo a descobrir a missão que era o seu objetivo pré-natal.

Quem ressentiria as suas imperfeições corporais, se compreendesse que, ao selecioná-las deliberadamente e ao lidar alegremente com a deficiência autoimposta, está a libertar a sua alma de manchas mais graves? Iria um homem revoltar-se por ter nascido na pobreza, se acreditasse que ele próprio se tinha voluntariado para essa situação humilde a fim de aprender a lição necessária da humildade? Seria outro arrogante e presunçoso se soubesse que tinha selecionado

uma vida de riqueza para testar as suas próprias qualidades de compaixão e generosidade?

Algumas das pessoas que são discutidas neste livro deram a sua permissão com relutância, mas com a consciência de que, a menos que cada um de nós tenha a coragem de se assumir, a investigação sobre o conhecimento do homem sobre si mesmo continuará a ficar aquém dos avanços científicos em campos menos vitais. A Sra. Wilfred (Elsie) Sechrist não afirma como "facto" que morreu de tuberculose enquanto casada com um artista famoso, nem o Reverendo George Emory procura "provar" que a sua alma habitou outrora o corpo físico de um evangelista inglês do século XVIII. Hugh Lynn Cayce não tem provas legais de que foi um cruzado numa vida e um conquistador nórdico noutra.

Estaria o Dr. Stanley Krippner pessoalmente presente na corte de Kublai Khan, ou seria a sua imaginação? Ele nem sequer finge saber; mas estes americanos notáveis e bem instruídos estão suficientemente interessados na filosofia da reencarnação para revelar as suas experiências psíquicas, esperando que, quando encaixados no mosaico maior, estes fragmentos isolados possam ajudar a resolver o enigma da vida.

Quem sou eu? Somos a soma total de todas as nossas experiências. Se nascer de novo, em quem me tornarei? Com cada pensamento, palavra e ação, estamos presentemente a construir a pessoa que seremos. É um pensamento impressionante.

## Capítulo 1
## Como Recordar

Tanto quanto me consigo lembrar, a primeira vez que experimentei uma forte sensação de familiaridade com um lugar estranho ocorreu em 1952, durante uma missão de recolha de notícias no Médio Oriente. O Ministério dos Negócios Estrangeiros egípcio tinha fornecido um guia e, a meu pedido, fizemos a nossa paragem inicial na Grande Pirâmide de Gizé, cujo pico eu tinha vislumbrado com entusiasmo da varanda do meu quarto à beira do Nilo, no Hotel Semiramis, no Cairo. Uma sensação confortável de "pertença" invadiu-me à medida que nos aproximávamos da pirâmide e, quando estávamos à entrada, o Guia começou: "Temos de baixar as nossas cabeças e seguir ao longo de uma passagem estreita por cerca de..."

"Sim", interrompi. "Depois viramos à direita e para cima, e depois..." e dei as restantes direções para chegar à câmara do rei. O Guia sobressaltou-se de

surpresa, dizendo: "Mas eu pensei que tinha dito que esta era a sua primeira visita ao Egipto."

"É", respondi, e acrescentei trémula, "mas eu já estive nessa pirâmide antes."

Eu não acreditava nisso conscientemente, nem conseguia compreender por que tinha feito uma observação tão espontânea. Nunca tinha dedicado qualquer pensamento particular à reencarnação e, se alguém me tivesse dito que acreditava nela, eu tê-lo-ia ridicularizado como um excêntrico. No entanto, enquanto avançávamos centímetro a centímetro pelas passagens escuras, ajudados apenas pela luz bruxuleante de uma vela, cada curva era precisamente como eu tinha indicado. Era impossível que eu pudesse ter lido tais direções em algum lugar, porque, embora as imagens das pirâmides fossem naturalmente familiares, eu sabia tão pouco sobre elas que tinha assumido que fossem estruturas virtualmente ocas. Nos anos que se seguiram, fui repetidamente atraída de volta ao Egipto, optando por ir para lá em vez de ir para lugares que ainda não visitei ou para locais mais glamorosos que conheci. De cada vez, sou novamente tomada por aquele sentimento estranho de pertença. O Nilo parece-me tão familiar quanto o Potomac, em cujas margens vivo há um quarto de século. Sou vergonhosamente descuidada a lembrar-me de nomes e rostos, mas nunca esqueço um egípcio. Em viagens subsequentes, senti-me tão em casa em Luxor e no Templo de Karnak que mal suportava partir.

Um sentido semelhante de "regresso a casa" dominou-me na Palestina, particularmente no local de Cafarnaum, no Mar da Galileia, e na área do Mar Morto, perto de Jericó. Era como se eu tivesse percorrido aqueles caminhos muitas vezes antes, embora tal reação possa ser um resultado normal de emoções religiosas.

Mesmo depois de ter começado a aprofundar-me nos fenómenos psíquicos, o tema da reencarnação não conseguiu despertar o meu interesse. O meu ceticismo inicial sobre a possibilidade de comunicação entre os vivos e os chamados mortos tinha-se dissolvido gradualmente perante as evidências crescentes; mas acreditar que cada um de nós sobreviveu a muitas mortes anteriores, e emergirá novamente do ventre de uma mãe, parece desmentir a razão. Então, por volta do final do meu trabalho em A Search for the Truth em 1965, os misteriosos Guias que traziam mensagens através da escrita automática começaram a sugerir a reencarnação, desta forma:

"Nós não somos mais o 'além' do que tu és, que brotaste de uma etapa anterior da qual não te consegues lembrar. O próprio pensamento de que seres humanos pensantes brotaram totalmente desenvolvidos nessa única etapa da

existência pareceria risível para qualquer pessoa, exceto para vós, povo da terra, que estais habituados a aceitar tudo pelo seu valor nominal. Vós, que sois mais avançados e sensíveis, viveis através de muitas fases anteriores, enquanto algumas das variedades mais estúpidas tiveram apenas o treino básico num passo anterior. Para aquela vida que foi antes, tu és tanto o 'além' como nós aqui o somos para ti. O além continua e continua, minha querida filha, até que finalmente tu e nós e todos nós eventualmente passemos por aquela Porta Dourada onde o anseio não existirá mais, onde a perfeição foi alcançada e onde somos finalmente um com Deus, nosso Criador. Esta viagem através das várias etapas da vida pode ser realizada tão rapidamente, ou arrastar-se tão lentamente, conforme a faças, dependendo da tua própria contribuição aí, aqui e em todos os vários passos. O progresso depende de ti, não de Deus, que deu a todos igual oportunidade, embora nem todos tenham a mesma oportunidade em cada nível de avanço."

Os Guias acrescentaram que, uma vez que alguns estão em diferentes fases de vida do que outros, "Aqueles a quem chamas os 'desafortunados' podem não ser de todo desafortunados. Pode ser simplesmente a sua forma de alcançar a bondade e a unidade com Deus mais rapidamente do que tu, porque se eles sacrificarem mais, e viverem mais abundantemente para os outros, são muito mais afortunados do que aqueles de vós com casacos de vison, carros com motorista e as inúmeras tentações que cercam o vosso trilho através do labirinto de festas e horas de trabalho."

Várias semanas depois, eles escreveram: "Aqueles que sentem que já viveram antes não estão muito longe da verdade. O que eles não compreendem é que nenhuma personalidade renasce completamente. À medida que a alma avança, as partes mais vis são descartadas como uma casca, e as partes brilhantes florescem para novas alturas. Como consequência, ninguém é a mesma pessoa que teria sido numa existência anterior, ou viveu antes na forma reconhecível de personalidade que agora existe.

O crescimento da alma de tal forma avança e pole a personalidade que, se fôssemos reencarnar, não pareceríamos para aqueles que nos conheceram a mesma entidade de antes. Partes de nós permanecem, mas não o homem inteiro que pecou e lutou e amou e escravizou. Nós aqui não somos a mesma entidade na sua totalidade que fomos na nossa vida terrena. Temos memórias e conhecimentos adquiridos durante essa fase, mas estamos constantemente a progredir, de modo que as coisas menos importantes da terra são agora esquecidas por nós." Noutra ocasião, escreveram: "Nascemos primeiro em Deus. Deus é o nosso lar supremo. É o ciclo do universo, procurar aquilo de que outrora fomos uma parte gloriosa. A nossa reunião com Deus será o passo final pelo qual obteremos a glória do verdadeiro amor e felicidade... mas ainda temos milénios

pela frente na nossa progressão em direção à verdade eterna e à Unidade com Deus."

Após a publicação de A Search for the Truth, vários editores contactaram-me para escrever livros para eles, e eu estava a considerar seriamente um sobre Washington, D.C., quando os Guias começaram a instigar-me a abordar o tema da reencarnação, declarando: "Discutiremos agora o caminho que uma alma segue desde o seu fôlego original de vida até à sua reunião com o Criador. Para compreender os primórdios, imagina um sol giratório, brilhante, quente e envolvente, que liberta fragmentos de si mesmo nas suas rápidas evoluções. Cada um é uma pequena luz que partiu no seu caminho através da escuridão, com apenas um objetivo em mente, juntar-se ao sol de onde brotou.

Mas à medida que as pequenas faíscas assumem o fôlego de vida concedido pelo seu Criador, elas viram-se para este e aquele lado, ansiosas por ver o que pode estar na escuridão, mas também com medo; de modo que, em vez de ajudarem a Guiar outras pequenas faíscas perdidas em direção ao centro radiante, podem esconder-se por algum tempo, ou tornar-se tão absortas no seu próprio regresso que se esquecem de cuidar de outras faíscas perdidas. Isto é apenas uma ilustração pictórica, e não pretende significar que Deus é praticamente o sol.

Poderia ser mal compreendido a menos que expliquemos aqui que o sol, tal como todos os outros planetas e estrelas e satélites, é meramente mais uma manifestação do universo de Deus de onde todos brotámos há eras, mas a jornada termina quando finalmente alcançamos tal compreensão da vontade de Deus e tal perfeição de alma que estamos aptos a reunir-nos a Deus. Tenta compreender que, ao regressarmos repetidamente à terra para completar a nossa purificação, somos cercados não apenas pelos antigos pecados que viemos resolver, mas também por novas tentações que devem ser enfrentadas e superadas, ou não crescemos."

Noutra sessão, os Guias enfatizaram que não só escolhemos renascer, como também ter livre-arbítrio para resolver o carma anteriormente incorrido. "Não existe um padrão definido", declararam, "que decrete que em tal e tal momento encontraremos uma situação que nos permitirá dissolver a cicatriz milenar no nosso registo akáshico de todas as formas de pensamento e experiências da humanidade.

Criamos as nossas próprias oportunidades e, embora possamos ter regressado para dissipar certo carma, resolveremos sabiamente outras dívidas até que chegue o momento em que sejamos capazes de dissipar aquela que particularmente desejávamos cancelar. Ver-se-á assim que cada minuto conta, e nenhum tempo deve ser desperdiçado; pois quanto mais rapidamente pagarmos

estas dívidas, mais cedo seremos libertados da roda de vidas terrenas recorrentes e avançaremos para dimensões superiores. Lembra-te de não adquirir hábitos e desejos que te prendam demasiado à terra, pois eles invariavelmente mantêm-te a voltar lá, em vez de cresceres aqui em sabedoria e espiritualmente."

Os Guias, lembrando que muitos milhões de pessoas acreditaram na reencarnação "desde tempos imemoriais", dirigiram a atenção para o que chamaram de "a atitude errada de muitos orientais, que tentam escapar da roda eterna retirando-se da vida e vivendo uma de pura contemplação". Isto, disseram eles, "derrota o próprio propósito do renascimento, pois em vez de ajudarem os outros e fazerem todo o possível para dar uma contribuição real para a melhoria da humanidade, retiram-se para dentro de si mesmos, pensando na sua própria salvação em vez de ajudarem outros a alcançá-la".

Acrescentaram que "esta atitude apática causou grande dano entre os povos atrasados, que beneficiariam imenso com as mentes aguçadas e os processos de pensamento brilhantes dos videntes e iogues que deveriam dedicar-se ao povo, em vez de à sua própria busca pelo nirvana".

Os Guias declararam que às vezes é possível para uma alma resolver o mau carma sem reencarnar, "se não houver muito dele", ajudando aqueles no plano terrestre a progredir. "Ao fazê-lo, progredimos gradualmente, oh tão gradualmente, para fases superiores aqui", continuaram. "Mas alguns, infelizmente, carecem de paciência para resolver a sua salvação aqui, ou incorreram em tanto endividamento ali que é quase impossível pagar as obrigações aqui. Assim, depois de permanecer aqui o tempo suficiente para perceber a enormidade do seu erro, uma alma escolherá deliberadamente reencarnar para um progresso mais rápido e, através das dificuldades da fase terrestre, pagar parte do dano que tinha feito lá."

Depois, escreveram esta passagem intrigante: “Alguns mergulham de volta em formas terrenas demasiado depressa para perceberem o propósito da reencarnação. Assim, carecem do desapego e da sabedoria para melhorarem a sua própria sorte, ou a de outrem. São estritamente pessoas da terra, não Almas Antigas, e são estes que causam tanto conflito e discórdia aí, pois carecem da visão ampla e da tolerância para com os outros.”

Referindo-se a soldados “que se tornaram vítimas da política nacional da sua nação e morreram em batalha”, os Guias disseram que, na medida em que foram “fraudados na sua fase terrena por eventos que não foram da sua autoria”, são frequentemente os primeiros a renascer. “Alguns permanecem algum tempo para recuperar a sua quietude e procuram comunicar com entes queridos no plano terrestre, mas outros mergulham rapidamente de volta noutro feto ou bebé recém-

nascido antes de terem aprendido a arma todo-poderosa para o bem, o poder do amor.

"Frequentemente, estes soldados e outros que morrem acidentalmente nos combates reencarnam poucas semanas após a travessia", continuaram os Guias. "Levam consigo um ressentimento ardente contra uma guerra que os roubou da vida na sua juventude, e desdém pelas pessoas mais velhas que os forçaram a tal situação através da guerra. Estes são os mais propensos a liderar as revoltas, as insurreições estudantis, a crítica ruidosamente expressa aos mais velhos; investindo contra a política no Vietname ou em qualquer outro lugar que leve à matança de jovens, e contra a conscrição que os forçaria a matar outros. É compreensível que sintam esta revolta dentro de si, mas não sabem porquê. Se compreendessem a razão do seu zelo ardente contra a guerra, poderiam adotar uma abordagem mais filosófica e ponderada, formando conselhos ou grupos de estudo para trabalhar com a geração mais velha para derrotar políticas que eventualmente levam à guerra, em vez de protestarem sem rumo e ruidosamente, sem soluções."

Na medida em que a Bíblia adverte sobre "olho por olho", perguntei como esta advertência se aplica a militares que são obrigados a matar o inimigo em batalha. Os Guias responderam: "Esta questão não é tão perplexa como parece à primeira vista. Aqueles que, em nome da proteção do seu país, são forçados a matar aqueles que a sua nação rotulou de 'inimigo', não têm responsabilidade por um ato que é cometido de acordo com leis feitas pelo homem, e pelo qual o homem não tem luxúria ou gosto.

Mas aqueles que vão além do dever ao deleitarem-se com a matança, e que infligem tortura meramente por tortura — não por serem comandados a fazê-lo por um superior a fim de extrair conhecimento do prisioneiro — devem pagar a mesma pena que um civil que tortura ou assassina semelhantes. A diferença, então, reside no coração do soldado individual. Se lhe for ordenado matar para salvar a sua nação ou um segmento da humanidade, ou porque o seu governo lhe ordenou ser um soldado corajoso e ir para a batalha, ele não carregará cicatrizes pelo massacre; mas nunca deve deleitar-se em matar, e não deve torturar cativos a menos que seja obrigado a fazê-lo para um propósito."

Intrigada por estas mensagens de uma fonte desconhecida, comecei a estudar o tema da reencarnação, incluindo as leituras de vida dadas por Edgar Cayce e inúmeros livros sobre o assunto. Surpresa ao saber que muitas pessoas eram aparentemente capazes de recuperar memórias detalhadas de vidas passadas, perguntei aos Guias como outros poderiam fazer o mesmo, e eles escreveram: "Quando pensares em certos aspetos da tua infância que se destacam como únicos, vê se te lembras de algo mais que parecia ter promulgado essa

situação para a qual parecia não haver explicação. Isto poderia ajudar a recordar-te de algo numa fase terrena anterior que te estava a influenciar nesta. Estes acontecimentos são os melhores para recordações de vidas anteriores, antes de te tornares demasiado imersa nesta. Reflete sobre esses eventos de infância que mais se destacam na memória; depois tenta determinar por que razão te impressionaram tanto mais do que outros."

Numa data posterior, escreveram: "A forma mais fácil de estimular a memória falha de alguém é mergulhar na mente através da meditação. Então, à medida que os vislumbres da verdade surgem perante o olho interior, pode-se procurar determinar de onde vieram. Como começo, poder-se-ia simplesmente recordar uma experiência passada que tenha causado um impacto invulgar, como uma ombreira de porta que parecia familiar, o aroma tentador de uma flor nunca antes encontrada, ou o anseio por uma fragrância ou sabor particular. O teu próprio amor por alcaçuz significa que outrora viveste no Oriente, onde eras viciada em anis.

Por que gostas tanto de feijões-manteiga? Porque outrora os cultivaste noutra vida. Cuidaste deles, adoraste vê-los desenvolver-se e consideraste-os a planta mais bonita do teu mundo; e antes de sabermos tanto sobre nutrição, tinhas-te convencido de que a riqueza do sabor e a qualidade sólida deviam fazer dos feijões-manteiga o alimento mais nutritivo e sustentador do Mundo. Isto foi quando não comias carne e vivias virtualmente como um eremita; mas isto é apenas uma amostra do que cada pessoa será capaz de fazer, ao extrair as influências que a tornaram no que é hoje."

Na semana seguinte, os Guias procuraram ser mais específicos nas suas sugestões para recuperar memórias. Propuseram que deixássemos a mente vaguear para trás até um lugar que sentimos já ter visitado antes, até um ambiente no qual nos tenhamos sentido tão confortáveis como se fosse a nossa casa, ou até uma situação que parecesse já termos vivido antes. Depois, deveríamos tentar analisar o sentimento. Por que era tão familiar? Tínhamos sonhado com isso ou visitado um lugar semelhante? Se não, deveríamos tomar notas das condições e manter um diário contínuo destas recordações, cruzando cada anotação com comentários sobre as circunstâncias e os lampejos percetivos até que, como peças de um puzzle, comecem a formar padrões.

Em breve, declararam os Guias, pode ocorrer um lampejo de recordação total, de modo que uma encarnação anterior nos seja subitamente revelada. Nesse ponto, disseram eles, deveríamos analisar cada fragmento dessa vida, para ver o que influenciou o nosso atual curso de ação, que erros de comissão ou omissão estamos aqui para retificar, e que bem realizámos do qual estamos agora a colher benefícios.

Outro dia, escreveram: “Aqueles que desejam recordar vidas passadas devem manter um caderno de notas sobre incidentes que são difíceis de explicar pelo intelecto comum. Estes incluiriam acontecimentos do passado que não tivessem relação com a consciência ou intelecto de alguém na altura, sonhos que não estivessem relacionados com os acontecimentos quotidianos, memórias despertadas por um lugar visitado que não tivesse sido visto anteriormente pelos olhos físicos, o reconhecimento de alguém que até então tinha sido um estranho, forte afinidade por pessoas, lugares, coisas, sabores e cheiros, medo não provocado por eventos recordados, ou felicidade não relacionada com causas conhecidas.

Mantém uma lista contínua e espaço para comentários ao lado de cada recordação; depois medita separadamente sobre estes incidentes isolados. Visualiza-te noutro tempo e lugar, tentando encaixá-lo no mosaico de recordações fragmentadas. Isola cada incidente quanto ao tempo, lugar e reação sensorial; depois vê se ele se encaixa no puzzle da encarnação passada.”

Subsequentemente, elaboraram: “Começa cada dia por meditar sobre uma experiência ou reação de infância de cada vez, tentando relaxar e levá-la contigo para os recessos do subconsciente, para que os afloramentos de vidas anteriores sejam estimulados. À hora de deitar, concentra-te brevemente no mesmo incidente que usaste na meditação e deixa a mente do inconsciente trabalhar sobre ele enquanto dormes. Mantém lápis e bloco de notas ao lado da cama e planeia anotar estes lampejos de recordação assim que acordares.”

Desde a publicação de A Search for the Truth, muitos leitores escreveram a perguntar se já conheço a identidade do Guia principal que se identifica desenhando uma flor ao lado da palavra Lily se estiver a ser usado um lápis. Continuo a não saber. Alguns sugeriram que as mensagens, em vez de terem origem numa entidade que já não está num corpo físico, podem provir do meu próprio subconsciente; outros acreditam que estou a aceder ao meu “eu superior”, ou supraconsciente. Não tenho forma de saber, exceto estar convencida de que a filosofia contida não estava anteriormente no meu pensamento consciente.

Eu estaria disposta a aceitar a explicação do “eu superior” ou da “supraconsciente”, não fosse uma estranha série de acontecimentos no início de 1967. Olga Worrell, a famosa médium de Baltimore que, com o seu marido Ambrose, foi coautora do excelente livro The Gift of Healing, tinha-me oferecido um exemplar. No canto inferior esquerdo da sua carta, ela tinha desenhado a imagem de uma flor e escrito “Lily” ao lado. Fiquei atónita! Embora eu não tivesse mostrado a ninguém a escrita automática, era precisamente assim que o

próprio Lily desenhava uma flor e assinava o seu nome, tudo num só traço do lápis.

Escrevi-lhe sobre a minha surpresa e ilustrei o que queria dizer esboçando a forma como eu acho que um lírio deve ser desenhado; pois a flor de Lily parece uma margarida de seis pétalas com um caule de tulipa de duas folhas, e foi dessa forma que a Sra. Worrell tinha desenhado a sua, até no mesmo número de pétalas e folhas. A cinco de fevereiro, recebi uma resposta da Sra. Worrell que dizia: "Ao terminar aquela carta para si, o seu Lily apareceu-me (e posso assegurar-lhe que ele não estava nos meus pensamentos) e disse que queria acrescentar a sua assinatura. Escusado será dizer que fiquei sobressaltada. Sem pensar, dei por mim a desenhar um lírio que parecia muito pouco um lírio — mas Lily insistiu que era o que ele queria. Tirei o curso de arte na escola e sei perfeitamente como se deve desenhar um lírio, mas o seu Lily tinha outras ideias. Quando o Ambrose leu a minha carta para si, comentou sobre o lírio de aspeto ridículo, e dei por mim a dizer-lhe: 'Não o posso redesenhar, mas a Ruth compreenderá'. Coisas como esta não podem ser explicadas. Estou realmente entusiasmada com a assinatura do Lily, porque isto confirma o que tem recebido dele. Ele é 'verdadeiro'."

O que a Sra. Worrell não sabia era que, três horas antes de o carteiro me entregar a sua segunda carta, eu sentei-me para a minha sessão regular de escrita automática. Que começou assim: "Ruth, fala o Lily. A forma como a Sra. Worrell desenhou a minha assinatura foi porque lha mostrámos como prova adicional para ti de que estamos aqui e somos capazes de comunicar, de que não é o teu subconsciente ou outra parte da tua mente. Isto ela dir-te-á em breve."

Nessa altura eu não tinha, claro, voltado a ter notícias da Sra. Worrell e, consequentemente, não fazia ideia de que ela tinha "visto" o Lily, ou que ele lhe tinha dito para desenhar o lírio daquela forma. No entanto, a carta dela, escrita para mim no dia anterior a Lily ter escrito o que precede, continha a mensagem que ele disse que eu receberia dela: que ele é "real", em vez de uma parte do meu próprio supraconsciente ou subconsciente.

## Capítulo 2
## Impulsos Interiores

O tumulto interior e os tormentos físicos de uma cena num leito de morte há mais de um século foram aparentemente revividos por um psiquiatra proeminente de Chicago, que é mundialmente famoso pelo seu trabalho no campo da interpretação de sonhos, mas que, por razões profissionais, pede para ser chamado apenas de Dr. Smith. A experiência dramática ocorreu na casa do Dr. e da Sra. Denys Kelsey, no Sul de França, durante o verão de 1967.

O Dr. Smith, enquanto num estado semi-hipnótico induzido pelo Dr. Kelsey, "recordou" uma encarnação alemã no início da era vitoriana, como uma jovem que entregava o seu amor de forma algo livre. Após um caso amoroso particularmente infeliz, casou-se com um alemão rico e, a partir daí, oscilou para o extremo oposto, tornando-se tão moralista e formal que era excessivamente intolerante com as impropriedades alheias. Ocultando as suas próprias indiscrições de juventude da família e dos amigos, a matriarca austera governava os seus filhos com uma vontade de ferro; mas, apesar da sua elevada posição social, era infeliz, ansiando secretamente pela parte calorosa e amorosa da sua natureza que tinha implacavelmente suprimido.

A recordação mais vívida do Dr. Smith dessa vida foram os seus momentos finais quando, perto dos oitenta anos, a mulher jazia a morrer de cancro nos intestinos inferiores. Como católica romana fervorosa, confrontava-se com um problema quase intransponível. Um dos seus filhos era o seu padre-confessor e, enquanto a sua família rodeava a cama e ele se preparava para administrar os últimos ritos da Igreja, ela via-se presa num dilema amargo: como livrar a sua alma do pecado, confessando os seus segredos guardados há muito, sem os expor aos seus próprios filhos.

O Dr. Smith diz que experimentou realmente a angústia física, bem como a emocional da mulher, enquanto ela lutava com a sua consciência, e ele acredita que a experiência traumática dessa encarnação pode ter influenciado a sua vida atual. Com um sorriso pesaroso, explica: "Deploro que, na minha juventude em Chicago, eu fosse tão correto e inibido nas minhas atitudes que perdi muitas oportunidades para atividades sociais agradáveis, e a minha primeira aventura matrimonial provou ser mal-sucedida." Será possível que a supressão estrita do calor e da emoção numa vida anterior se tenha transferido para esta?

O anfitrião do Dr. Smith, o Dr. Kelsey, é um psiquiatra britânico, e a sua esposa, Joan Grant, é uma conhecida médium e autora de livros notáveis sobre reencarnação, tais como Winged Pharaoh e Far Memories. Durante a visita do Dr. Smith à casa deles em França, outro dos hóspedes capturou um magnífico

escaravelho-vacalhão, e o Dr. Smith prontamente reivindicou-o. Enquanto estava no liceu, tinha colecionado escaravelhos, mas apenas uma vez tinha apanhado um vacalhão, e a memória disso ainda o deixava desconfortável; pois, embora pensasse que o tinha morto de forma misericordiosa antes de o montar, o escaravelho reanimou-se e teve de passar por uma "segunda morte".

Para limpar os seus pensamentos sobre o escaravelho, o Dr. Smith fez um passeio de motorizada pela zona rural que rodeia a propriedade dos Kelsey; e, no seu regresso, os cães deles saudaram-no com tal afeição indisfarçável que outros comentaram a sua facilidade com os animais. Joan Grant Kelsey também o aguardava impacientemente. Disse que, enquanto preparava o jantar, teve uma visão da "figura de Cristo rodeada por desencarnados" e ouviu as palavras: "Aquele que é cruel com o seu semelhante corta-se dos seus vizinhos, mas aquele que é cruel com um animal corta-se dos deuses." Joan disse ter sentido que a mensagem se destinava ao Dr. Smith, embora não conseguisse compreender porquê; nem ele o conseguia, porque é extremamente afeiçoado a animais.

Diz que, depois de se deitar nessa noite, enquanto num estado de semi-sono, experimentou subitamente uma "impressão vívida de mim mesmo a castrar Cristo". O choque da visão foi tão avassalador que se revirou na cama o resto da noite, incapaz de dormir. Na manhã seguinte, quando se juntou aos Kelsey para o pequeno-almoço, Joan exclamou que lhe tinha sido "mostrada" a encarnação mais recente do Dr. Smith durante a noite. Disse que ele tinha sido assistente de laboratório de Serge Voronoff, o famoso cientista russo cujo trabalho no transplante de glândulas de macaco para humanos para rejuvenescimento sexual tinha eletrizado o mundo ocidental no início deste século. A principal tarefa do Dr. Smith nessa vida, continuou ela, tinha sido a remoção de testículos de macacos, por vezes sem anestesia adequada, e que, aproximadamente em 1923, por volta dos seus trinta anos, morreu devido à mordidela de um macaco num dos seus antebraços.

"Foi no meu braço direito!", exclamou o Dr. Smith, agarrando-se logo abaixo do cotovelo; pois, enquanto Joan descrevia o incidente, um lampejo de memória pareceu dizer-lhe a localização exata da mordidela fatal. Se a visão dela estivesse correta, apenas quatro anos tinham decorrido entre a morte do assistente de investigação e o seu renascimento em Chicago como filho de um médico. Se fosse verdade, também poderia ter tido um efeito profundo nesta vida; pois durante o seu internato o Dr. Smith exibiu uma habilidade cirúrgica considerável, mas odiava tanto a ideia de cortar e magoar que se tornou psiquiatra em vez de cirurgião.

O Dr. Smith não tinha contado a ninguém a sua visão perturbadora da "castração do Cristo", mas depois de Joan Grant aparentemente despertar uma

memória de vida passada da mordidela do macaco, sentiu que tinha uma pista para o seu significado, pois Cristo ensinou que "Tudo o que fizerdes ao mais pequeno destes, meus irmãos, a mim também o fazeis". Com profunda gratidão por ainda não ter morto e montado o recém-encontrado escaravelho-vacalhão, o Dr. Smith apressou-se a ir ao seu quarto para o libertar.

Para compreender os outros, devemos primeiro compreender-nos a nós mesmos e, porque o Dr. Smith enfrentou corajosamente o seu eu de frente, ele é inquestionavelmente um psiquiatra mais capaz.

O Dr. Stanley Krippner, diretor do famoso laboratório de sonhos do Centro Médico Maimonides, em Nova Iorque, diz que a sua única experiência pessoal com a possível recordação de vidas anteriores ocorreu num estado psicadélico, sob condições de teste legais. Disse que, durante esse período, sentiu-se "como se pudesse viajar no passado, presente ou futuro". Descrevendo a sensação, continuou:

"Num momento, estava na corte de Kublai Khan, admirando os ricos brocados da túnica do imperador e notando o bordado fino e detalhado dos mantos dos seus cortesãos. Num instante, estava na corte de Versalhes com Benjamin Franklin. O grande e velho sábio era mais impressionante na sua sabedoria do que o rei e a rainha nas suas coroas e peles. A cena mudou para o Novo Mundo, onde Thomas Jefferson explicava a sua última invenção em Monticello, e depois para a capital da nação, onde o perfil trágico de Lincoln se apresentou. As feições de Lincoln desapareceram e as de Kennedy apareceram. Os meus olhos abriram-se e estavam cheios de lágrimas."

Esta sequência de imagens mentais surgiu, por sinal, dezoito meses antes de John F. Kennedy — tal como Lincoln — ser assassinado no cargo.

Noutra sessão com LSD, o Dr. Krippner viu-se aparentemente no Havai, com uma jovem a dizer-lhe: "Já não és um malihini (recém-chegado), mas um kamaaina (antigo residente)." A seguir, viu uma aldeia árabe "tão delicadamente equilibrada que hesitei em respirar por medo de destruir" as imagens. "Conseguia ver as torres, os torreões, a mesquita e os minaretes." Em sequências subsequentes, viu-se como um toureiro espanhol, como um sumo sacerdote dos Astecas, como um capitão de navio e como um soldado embriagado no Calvário.

O Dr. Krippner não faz ideia se estaria a observar breves vislumbres do seu próprio passado ou se as imagens provinham das suas leituras ou imaginação. Todos os que mergulham no fascinante reino da reencarnação concordam, no entanto, que apenas começámos a arranhar a superfície dos mistérios que rodeiam o homem e o seu eu interior.

O Reverendo George F. Emery, pastor da Primeira Igreja Metodista em Lacon, Illinois, fez a sua primeira missão de pregação no Médio Oriente em 1966 e, após proferir um sermão no Cairo, Egipto, acompanhou um grupo de outros pastores e amigos às pirâmides próximas, em Gizé. O jovem ministro é do tipo atlético, cheio de vigor e vitalidade e, no momento em que vislumbrou a Grande Pirâmide, anunciou que tencionava escalá-la. Alguns dos seus colegas voluntariaram-se para o acompanhar e ele estava na vanguarda quando começaram entusiasticamente a subida, mas não tinha avançado mais do que alguns pés quando foi "dominado por uma terrível sensação de melancolia e medo".

"Fiquei perplexo com a minha reação", confessa ele, "mas sabia que não podia continuar. Os outros continuavam a gritar-me para continuar a subir, mas eu recuei cuidadosamente, centímetro a centímetro, até me poder sentar na base da pirâmide e fechar os olhos. Imediatamente, vi escravos a empurrar os pesados blocos para o lugar, quando ouvi um grito agudo e vi os blocos a desabar sobre mim. Soube que tinha morrido como escravo no Egipto, enquanto ajudava a erguer aquela pirâmide."

O Rev. Emery considerou a experiência extremamente inquietante, porque até há pouco tempo troçava da ideia de reencarnação. Consequentemente, não fez menção ao drama estranho que se tinha desenrolado perante o seu olho interior e seguiu para a Terra Santa, a paragem seguinte no seu itinerário. Alguns dias depois, enquanto ocupava o banco traseiro de um autocarro israelita a caminho de Jerusalém para o Lago Tiberíades, fechou momentaneamente os olhos para relaxar e viu interiormente uma caravana de camelos a passar pela mesma rota.

"Portadores de liteiras levavam os seus mestres em cadeiras elaboradas", diz ele sobre a visão, "e eu próprio, sentindo-me muito principesco nas minhas vestes de seda, estava a ser transportado numa das liteiras. A impressão foi tão avassaladora que me perdi no ambiente de outro momento no tempo. Por isso, fiquei fisicamente chocado quando o altifalante começou a chiar e o guia israelita anunciou: 'Esta é a rota que em tempos passados era usada por príncipes persas a caminho de Tiberíades para férias de inverno. Eram transportados por portadores de liteiras'."

O autocarro continuou pelas colinas e vales verdes de Israel até chegar ao Mar da Galileia, ou Tiberíades, como é chamado hoje. Depois, a estrada seguia a curva varrida pelo mar e, quando o autocarro parou num local árido ao longo da margem, o Rev. Emery diz que teve uma compulsão súbita de saltar para fora, pressionar o rosto contra a terra e beijar o chão.

"Isto era o meu lar", diz ele simplesmente. "Eu não sabia onde estávamos, mas sabia que tinha passado ali os dias mais felizes da minha vida. Fechando os olhos, vi um grupo de pessoas com vestes largas, os seus rostos radiantes, agrupados em torno de um homem que está de costas para mim. Eu parecia ser um rapaz no final da adolescência e, enquanto estava parado a cerca de quinze metros do grupo, observando atentamente, uma mulher com olhos bonitos e cabelo castanho-escuro aproximou-se de mim, pegou-me na mão e disse: 'Vem, quero que conheças o Mestre'.

Nesse momento, o guia ligou o altifalante do autocarro e anunciou: 'Estas são as ruínas de Magdala, terra de Maria Madalena'. Isso abalou-me imenso, porque toda a minha vida me associei mais de perto a Maria Madalena do que a qualquer outra figura bíblica, sentindo grande empatia e compaixão por ela. Para mim, isto pareceu outra memória autêntica de uma vida passada — uma experiência com um impacto tão dramático que, ainda hoje, dou por mim a desejar regressar a Magdala."

No seu regresso à América, o pastor ainda estava relutante em falar destes estranhos acontecimentos a alguém, mas eles despertaram a sua curiosidade sobre um acontecimento anterior que ele tinha virtualmente ignorado. No ano anterior à sua viagem ao Médio Oriente, tinha-lhe sido dito por uma médium que, se estivesse "destinado" a que uma pessoa se tornasse consciente de encarnações anteriores, o conhecimento ser-lhe-ia dado durante a meditação. Na manhã seguinte, ele decidiu colocar isso à prova e, enquanto se preparava para iniciar o seu período regular de meditação, perguntou: "É importante para mim saber a minha identidade numa vida passada?" Ele diz que a resposta veio pela afirmativa e, quando solicitou que a informação fosse fornecida, ouviu claramente as palavras: "Tu foste George Whitfield."

A voz interior continuou após um momento, dizendo que ele precisava de usar o conhecimento das suas muitas lutas nessa vida, mas num tipo diferente de revolução espiritual; não como um evangelista de massas, mas num ministério de pequenos grupos. "Há muitas lições para aprender que não aprendeste antes", foi-lhe dito. "É por isso que recusaste tantas oportunidades para te tornares um evangelista nesta vida."

O Rev. Emery diz que ficou estupefacto com a mensagem e intrigado com a sua fonte. Estaria a sua imaginação a fugir com ele, ou teria ele realmente ouvido estas palavras? O pensamento certamente nunca tinha entrado na sua mente consciente, pois ele considerava-se firmemente "um homem de Wesley".

"Eu não gostava da inclinação calvinista de Whitfield mais do que John Wesley gostara", diz ele pensativamente. "Na verdade, tudo o que eu sabia de

George Whitfield era que ele tinha ajudado John Wesley a fundar a Igreja Metodista, que era um pregador eloquente e uma grande testemunha, mas que, devido às suas tendências calvinistas, tinha rompido com Wesley. Eu nem sequer gostava do nome dele, George, que também era o meu, por isso pus o assunto na prateleira. Era algo em que eu não queria pensar."

Após as suas experiências comoventes no Médio Oriente, o pastor decidiu que talvez devesse saber mais sobre George Whitfield. Ao ler biografias dele, ficou surpreendido ao saber que o evangelista inglês do século XVIII estava enterrado em Newburyport, Massachusetts. Isto ficava a apenas dezoito milhas de Portsmouth, New Hampshire, onde George Emery nasceu; e ele sempre tinha sentido um estranho parentesco com Newburyport porque, embora houvesse lugares maiores e mais próximos onde a sua família poderia ter feito compras, eles tinham ido invariavelmente a Newburyport durante a sua infância.

Whitfield tinha sido um padre da Igreja de Inglaterra e "confidente de marginalizados", pregando em estaleiros navais, fundições, igrejas e campos. Tinha sido chamado tanto de demónio como de santo à medida que subia da obscuridade para a proeminência internacional, galvanizando os pecadores de dois continentes para o arrependimento, e fez catorze viagens evangelísticas à América para conduzir avivamentos.

O Rev. Emery ficou surpreendido ao ler que, no outono de 1770, vinte e quatro horas antes da sua morte, George Whitfield tinha pregado o seu último sermão em Portsmouth. Cento e sessenta anos depois, George Emery nasceu em Portsmouth. Eles tinham até o mesmo signo de nascimento, Sagitário, e um mapa astrológico que outrora fora desenhado para Emery poderia ter descrito igualmente o grande evangelista inglês.

Quase desde o tempo em que George Emery aprendeu a falar, ele possuía um zelo evangelístico e, após pregar o seu primeiro sermão aos dezasseis anos, inúmeros membros da audiência disseram que ele poderia ser "outro Billy Sunday". Enquanto estava no liceu e na faculdade, admiradores instaram-no a abandonar a ideia de ir para o seminário teológico e tornar-se, em vez disso, um evangelista, mas ele resistiu à tentação; e ao longo dos seus anos no State Teachers College em Farmington, Maine, e na Boston University School of Theology, ele manteve o pastorado numa igreja com mais de seiscentos membros.

Ele já estava a fazer tal nome como orador empolgante que, após a sua graduação, amigos e instrutores ficaram atónitos quando ele recusou uma oferta para se tornar o pastor de uma congregação onde a sua voz eloquente seria levantada todos os domingos. Em vez disso, escolheu dedicar-se a pequenos

grupos e cura espiritual na Primeira Igreja Metodista em Springfield, Illinois, onde pregaria não mais do que três ou quatro vezes por ano. Pensando hoje nessa decisão, o Rev. Emery acredita que se absteve inconscientemente de seguir o curso evangelístico de Whitfield, a fim de aprender novas lições e enfrentar os desafios de um tipo diferente de revolução espiritual nesta vida.

Agora um crente firme na reencarnação, o pastor conduziu até Newburyport no verão de 1967, após participar na Conferência Metodista no Leste. George Whitfield estava enterrado na Old South Presbyterian Church e, depois de o reitor ter mostrado as instalações ao Reverendo e à Sra. Emery, levou-os ao andar de baixo, para a cripta abaixo do púlpito. Se o reitor estivesse ciente da experiência psíquica que parecia ligar o seu visitante ao homem célebre cujo corpo repousava na cripta, esse teria sido, sem dúvida, o limite da visita.

Tal como aconteceu, o bom reitor destrancou a porta do túmulo. Ali, fitando o ministro do Illinois com um olhar sem visão, estava uma réplica do crânio de Whitfield. É duvidoso que muitos outros que se "identificam" com uma pessoa agora morta possam igualar esta experiência estranha.

## Capítulo 3
## O Passado é um Prólogo

Uma eminente mulher cientista, cujo nome é familiar para a maioria dos americanos adultos, interessou-se pela reencarnação há três décadas, através do seu envolvimento com um rapaz de doze anos que falava alemão e persa fluentemente enquanto estava em transe espontâneo. Nem ele nem os seus pais conheciam conscientemente qualquer outra língua além do inglês, mas os estudiosos que estudaram o jovem declararam que o seu alemão era o falado no início do século XVI, e o seu persa era anterior ao alemão em dois séculos.

No seu estado de vigília, os principais interesses do rapaz eram o basebol e a pesca. Era um aluno medíocre, pouco inclinado para o estudo, mas quando em transe falava com erudição sobre uma vasta gama de conhecimentos, incluindo medicina, religião e filosofia. Continuou a intrigar os investigadores até que, ao atingir a maturidade, perdeu o seu poder de entrar em transe e tornou-se um adulto "normal", com esposa e filhos.

O caso desencadeou um interesse duradouro na reencarnação para a mulher cientista, a quem chamarei Jane Winthrop, para respeitar o seu desejo de privacidade. Intrigada pela possibilidade de que qualquer pessoa, sob a hipnose devidamente induzida, pudesse ser capaz de recordar vidas anteriores, ela

convidou um grupo de voluntários para participar numa série de experiências na sua casa em Los Angeles.

O Major Arthur Knight, um psicólogo que realizou um trabalho considerável em regressão hipnótica, conduziu as sessões e disse ao grupo que, enquanto esteve destacado na Força Aérea dos EUA em Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, por vezes dava aos aviadores exaustos "três semanas de férias", em qualquer lugar onde eles mais desejassem estar, colocando-os em transe. No espaço de uma hora, eles acordavam revigorados, como se tivessem relaxado de facto à beira-mar ou nas montanhas, prontos para o seu voo seguinte.

O Major Knight instruiu os amigos de Jane Winthrop a fecharem os olhos e a imaginarem-se deitados num relvado verde, ou a flutuarem na água, enquanto as tensões abandonavam gradualmente os pés e tornozelos, joelhos e coxas, abdómen, costas, peito e pescoço, os olhos, ouvidos, boca e couro cabeludo. "A vossa mente consegue reter apenas um pensamento de cada vez", explicou ele, "por isso, aqueles de vós que desejam ser sujeitos hipnóticos podem imaginar que os vossos olhos estão tão bem fechados que não podem ser abertos.

Se mantiverem esse pensamento como prioritário, quando tentarem abri-los, eles apenas ficarão mais firmemente fechados." Muitos dos que estavam na sala passaram este teste simples. A seguir, colocou-os num transe mais profundo, sugerindo que entrelaçassem os dedos, empurrando palma contra palma enquanto pensavam que não podiam ser separados. O terceiro teste consistia em esticar o braço esquerdo e dizer a si próprio que este era uma barra de aço, demasiado rígida para ser dobrada. Qualquer pessoa que consiga passar este teste, disse ele, pode ser submetida a uma cirurgia sob hipnose sem anestesia.

Ao contrário de um hipnotizador de palco, que pensa que dá um melhor espetáculo ao tornar a mente do seu sujeito inconsciente, o Major Knight enfatizou a cada voluntário que a sua mente permaneceria aguçada e alerta durante toda a demonstração, e que ele recordaria depois tudo o que tivesse dito. Depois, começou uma contagem decrescente, para regredir o grupo até alguma experiência de infância, quando subitamente um executivo de uma fábrica de aviões começou a soluçar incontrolavelmente. Questionado calmamente sobre o problema, ele balbuciou: "Tenho nove anos. O meu pai e a minha mãe estão a divorciar-se e o meu pai vai-se embora. Nunca mais o verei."

Depois de o executivo ter sido retirado do transe, o Major Knight voltou a sua atenção para uma mulher corpulenta do Médio-Oeste de fé protestante, regredindo-a a várias memórias de infância, antes de dizer: "Agora estamos a alguns dias antes do teu nascimento." Instantaneamente, ela encolheu-se numa posição uterina, enquanto ele continuava: "Enquanto eu conto até vinte, vais

recuar até antes da conceção. Recuar... recuar... recuar. Quando eu parar de contar, podes dizer-nos se sentes ou ouves alguma coisa. Falarás apenas inglês. A tua mente estará invulgarmente alerta." A contagem decrescente começou e, quando ele chegou a vinte, o rosto dela assumiu um semblante maduro, pacífico, quase santo.

Ela começou a responder às perguntas dele numa voz suave, totalmente diferente do seu sotaque normal do Médio-Oeste e, embora fosse habitualmente uma mulher algo desajeitada, os seus gestos eram agora extremamente graciosos. Identificando-se como uma freira na Ásia Menor durante o século III d.C., disse que o seu dever era cuidar de crianças órfãs numa escola católica. Enquanto descrevia o seu hábito preto esvoaçante, baixava repetidamente a cabeça como que em oração.

Pedida para descrever a sua morte, disse que os combates enfureciam ali perto e que, enquanto ela e as crianças fugiam por uma passagem íngreme na montanha, rochas enormes caíram e esmagaram-na. "Os soldados estão a acenar a bandeira branca de trégua", continuou suavemente, e depois fez gestos amplos em direções opostas. O hipnotizador perguntou o que ela estava a fazer e ela respondeu: "Os soldados estão a cobrir o meu corpo com um pano branco." À medida que o psicólogo a trazia lentamente de volta da hipnose, ela retomou os seus gestos habitualmente bruscos, mas todos na sala sentiram que, por alguns minutos, tinham tido o privilégio de conhecer uma mulher altruísta de verdadeira nobreza, que tinha encontrado serenidade na vida e na morte.

O sujeito seguinte foi Alice, uma mulher de meia-idade de constituição franzina, cuja voz se tornou tão suave que o grupo se esforçou para ouvir enquanto ela dizia: "Estou a andar a cavalo na propriedade do meu pai em França." O seu corpo deu subitamente um solavanco, a sua perna encolheu-se atrás dela e, entre soluços, ela arquejou que tinha sido atirada pelo cavalo, que agora a arrastava. As contorções do seu corpo e a sua expressão horrorizada convenceram os presentes de que a agonia era excruciantemente real, e o Major Knight trouxe-a rapidamente de volta à consciência, depois de lhe dizer que não sentiria mais qualquer dor.

O olho treinado do psicólogo tinha, entretanto, avistado um excelente sujeito masculino, um jovem médico esbelto, de cabelo loiro, tez rosada e uma aparência impecável. O médico estendeu-se prestavelmente no sofá e, após ser regredido para além da sua vida atual, anunciou que tinha vinte anos. Disse que os seus sapatos rasos tinham grandes fivelas de prata e que também usava meias brancas até ao joelho, calças de seda azul justas e uma camisa com folhos brancos no pescoço e nos punhos. Aqueles que o conheciam comentaram em

sussurros a mudança acentuada de personalidade enquanto ele soletrava o seu nome, Norman Devereau.

Respondendo ao interrogatório, disse: “Estou num castelo. É construído em pedra. Os tetos são em arco. São muito altos. Lá no alto, perto do teto, há um vitral com a luz do sol a atravessá-lo.”

“Em que país vives?”, perguntou o hipnotizador.

“França.”

“Vives perto de uma cidade?”

“Não vamos muito a cidades. Uma vez fui a Colónia.”

Pedida para descrever o momento mais feliz dessa vida, falou de um salão ao qual os convidados tinham vindo para o ouvir tocar cravo. Embora mais animado do que o habitual, tossia repetidamente; e quando questionado se estava bem, respondeu: “Não, cuspo sangue a toda a hora.”

“Como se chamaria essa doença agora?”

“Tísica.”

“Vamos avançar novamente. Descreve-nos a tua morte.”

“Estou doente há muitos anos. Quero morrer.”

“Que idade tens?”

“Trinta e quatro.”

“Os teus pais ou a tua mulher não estão contigo?”

“Não, nunca casei. Não está ninguém comigo a não ser uma velha criada. Ela é uma espécie de enfermeira.”

Ao ser-lhe dito que o espírito tinha agora deixado o corpo, o sujeito deu um grande suspiro de alívio e um olhar de paz instalou-se no seu rosto. Instruído a descrever o seu funeral, falou num tom monótono estranho, dizendo: “Criados vêm a meio da noite e atravessam a parede para o quarto onde o meu corpo está deitado. Estão a passar o corpo pelo buraco e levam-no por um longo caminho

montanha acima. Agora estão a deixá-lo cair numa ravina íngreme e a cobri-lo com pedras."

Disse que não tinha sido colocada nenhuma marca no local do seu sepultamento e, ao ser questionado sobre por que razão o seu corpo fora tratado de forma tão pouco cerimoniosa, respondeu: "Porque os camponeses têm um medo terrível da doença. Toda a gente tem! Apenas os meus criados mais fiéis se aproximariam de mim."

"Qual é o ano da tua morte?"

"Mil quinhentos e quarenta e sete."

O Major Knight, voltando-se para os outros na sala, delineou brevemente a sua compreensão do carma e disse que, se fosse possível, gostaria de descobrir por que razão este homem tinha sido forçado a sofrer tanto naquela vida. Voltando-se de novo para o sujeito, disse: "Agora, quero regredir-te ainda mais no tempo. Diz-nos por que razão, nesta vida que acabaste de descrever, nunca casaste, tiveste poucos amigos, tiveste de sofrer e morrer cedo, e até te foi negado um funeral decente." Começou então outra contagem decrescente, enquanto o jovem médico jazia inerte.

À contagem de vinte, um olhar de sofrimento retorceu as suas feições e, enquanto o seu rosto se contorcia de dor, a sua respiração tornou-se mais laboriosa. Repetidamente, o hipnotizador incitou-o com perguntas, mas o médico limitava-se a gaguejar até que, após o que pareceu ser um grande tumulto interior, finalmente desabafou: "Apedrejei uma mulher até à morte." Novamente o psicólogo dirigiu-se ao grupo e comentou: "Sempre que uma pessoa descreve uma vida de sofrimento, dir-nos-á invariavelmente que fez outra pessoa sofrer numa vida anterior. Isso deveria fazer-nos parar e pensar antes de agirmos."

Depois de o belo jovem médico ter sido retirado do transe, os convidados questionaram excitadamente o Major Knight, que disse ter começado o seu trabalho com regressão ao renascimento por puro acaso. Em 1930, enquanto trabalhava no seu mestrado em psicologia na Universidade do Minnesota, alguns dos estudantes voluntariaram-se como cobaias para fornecer material para a sua tese sobre hipnose. Numa ocasião, enquanto regredia um estudante até aos quatro anos de idade, outro visitante irrompeu pela sala e distraiu-o de tal forma que ele continuou automaticamente a contar. Quando parou e perguntou ao sujeito o seu nome, o jovem deu um nome diferente do seu e assumiu outra personalidade enquanto descrevia uma vida totalmente diferente da sua atual.

Alguns dos voluntários, naquela primeira noite em casa de Jane Winthrop, descreveram cenas de nascimento tão encantadoras que, numa sessão subsequente, a mulher cientista comentou que gostaria de reviver o seu próprio nascimento sob hipnose. O Major Knight regrediu-a então "até ao zero", depois de lhe dizer que ela recordaria posteriormente cada detalhe, e este é o seu próprio relato do que transpareceu:

"Mal me tinha encolhido num abençoado conforto intrauterino, o meu corpo pareceu tornar-se um ariete. A parte de trás da minha cabeça batia repetidamente contra a superfície curva do osso pélvico, causando uma dor de cabeça agonizante que persistiu até eu ser re-hipnotizada várias horas depois, para remover a dor. A seguir senti que estava a ser esmagada até à morte, e depois estava pendurada no ar, segura apenas pela cabeça enquanto os meus pés ainda estavam no canal vaginal, tão aterrorizada por cair que o próprio medo se tornou excruciante.

Simultaneamente, senti-me como se estivesse numa tempestade de neve ártica, o que deve ter sido causado pela rápida evaporação da humidade através da mudança da temperatura corporal interna para a temperatura ambiente. Dores agudas continuavam a atravessar os meus olhos e, quando o Art Knight me pediu para repetir as primeiras palavras que tinha ouvido serem ditas, respondi num tom desconsolado: 'É outra rapariga'. As palavras fizeram-me sentir tão mal-vinda que tive vontade de chorar para sempre."

Os pais de Jane e o médico que a assistiu no parto já não vivem, por isso ela é incapaz de verificar a validade desta "memória", mas sabe que a sua mãe morreu pouco depois de lhe dar à luz. O Major Knight regrediu depois Jane para além do nascimento e, quando terminou de contar, ela diz que contemplou uma cena vívida que parecia tão familiar como a sua própria sala de estar hoje.

"Os amigos à minha volta tinham deixado de existir, tal como a própria sala", recorda ela, "no entanto, sentia-me tão completamente eu própria como na vida comum. Eu era apenas um outro eu, e o tempo quase parecia 'agora'. Estava sentada numa enorme rocha, balançando os meus pés descalços em direção a uma torrente impetuosa que estava confinada por imensos penedos cinzentos. À minha direita estava uma queda de água encantadora com cerca de três metros de altura, e tão próxima que conseguia sentir os salpicos no meu rosto.

A talvez quinze metros à minha frente havia muitas árvores altas e, para além delas, o bosque adensava-se numa floresta densa. Diretamente atrás de mim, um caminho bem trilhado conduzia, através de um terreno ensolarado de erva desgrenhada, a uma pequena cabana com teto de colmo, que estava completamente rodeada por uma floresta tão densa que nenhum raio de sol

penetrava até à terra castanha. Nunca tinha visto uma floresta tão espessa e escura, nem árvores tão majestosas, cujos ramos mais baixos estavam a pelo menos seis metros do chão, mas vários anos mais tarde, ao visitar Bruxelas pela primeira vez, senti que a Floresta do Rei, na periferia dessa cidade, era quase idêntica à que eu tinha visto sob hipnose.

Eu queria que o Art me perguntasse sobre a cabana, mas ele continuava a perguntar a minha idade, o sexo e como eu era. Pela primeira vez tomei consciência da minha aparência, que era tudo menos glamorosa. Eu sabia de alguma forma que era um homem de cerca de vinte anos, que a minha camisa vermelha de tecido caseiro estava aberta no pescoço e que as minhas calças azuis justas estavam gastas nos joelhos. Sabia que tinha olhos azul-pálidos com pestanas loiras, um rosto comum e uma mecha impressionante de cabelo ruivo-cenoura pelos ombros, que parecia nunca ter sido lavado, penteado ou cortado. Seria difícil imaginar um rústico camponês mais grosseiro."

Finalmente autorizada a descrever a cabana, Jane fê-lo com detalhes minuciosos, falando das tábuas talhadas à mão, dos bancos de pernas de madeira, da localização das divisões, das fogueiras e das panelas de ferro. "Parecia que eu era filho único e que os meus pais e eu tínhamos vivido toda a vida nesta pequena cabana", reflete ela. "Tinha casado cedo, mas tanto a minha mulher como a minha mãe estavam agora mortas. Possuía um grande rebanho de ovelhas e algum gado e, como este último era escasso, sentia que o facto de o possuir me colocava num escalão social mais elevado pelos padrões da vizinhança.

"É uma experiência estranha ouvires-te a falar com uma voz desconhecida e teres palavras a jorrar com total ausência de reflexão ou conhecimento prévio do que está prestes a ser dito. Cada informação surge como uma surpresa, fazendo parecer que estás a ouvir outra pessoa falar. Quando o Art me perguntou em que país eu estava a viver, respondi que era na Holanda e, quando ele me levou mais adiante nessa vida, até aos quarenta e oito anos, anunciei que tinha agora uma esposa jovem e vistosa de vinte e seis anos, que era de boa índole, tinha olhos azuis brilhantes, bochechas vermelhas como maçãs e um aspeto lavado e engomado.

O seu cabelo, que ela usava em duas tranças grossas, era da cor da palha fresca, e eu estava perdidamente apaixonado por ela. A nossa cabana era muito maior do que a anterior e escrupulosamente limpa, com uma lareira contra uma parede e uma cama de casal extremamente alta na parede oposta."

O Major Knight instruiu Jane a avançar no tempo até ao ano da morte, e ela instantaneamente "soube" que era sexualmente impotente. Soando

profundamente deprimida, murmurou: “Sinto-me velha, velha, velha. Mas sou muito próspera, tenho muitas ovelhas e gado, e a minha jovem esposa ainda é adorável.” Ela deu a sua idade como “cinquenta e seis, creio”, e foi-lhe então pedido que descrevesse a sua morte. Jane diz que, à medida que as imagens baças se clarificavam gradualmente, viu dois camponeses vestidos de forma estranha envolvidos numa luta de punhos.

Um deles, que ela subitamente reconheceu como sendo ela própria, caiu ao chão e foi carregado por dois homens através do bosque para dentro da cabana. “Depois, tanto vi como me senti deitada na cama alta”, recorda ela, “enquanto a minha mulher se movia rapidamente, com os seus tamancos de madeira a bater no chão nu. Cada célula do meu corpo doía e uma dor cruel trespassava-me a garganta. A minha respiração tornou-se ruidosa e laboriosa, e um ferimento de faca na minha garganta parecia estar a sangrar profusamente.”

O Major Knight disse a Jane que o espírito tinha agora deixado o corpo e perguntou-lhe o que conseguia ver. “Pareço estar a flutuar no canto da sala, acima da cama”, respondeu ela. “Estou terrivelmente contente por estar morta. Posso olhar para baixo e ver o meu corpo. Parecia pequeno e mirrado. Os joelhos estão fletidos e a cabeça está voltada para um lado.” Solicitada a descrever o sepultamento, disse que pairou sobre dois homens numa floresta, observando-os a fazer um caixão de tábuas toscas, cortadas de forma irregular. “Os homens carregaram o caixão para perto da cabana e para dentro dele despejaram o meu corpo sem cerimónias, ainda vestido como antes, com os joelhos ainda fletidos e a cabeça voltada para um lado. Colocaram duas tábuas toscas sobre o topo e estão a usar pequenas facas para abrir buracos para cavilhas de madeira, que estão a cravar com grandes malhos.”

O hipnotizador pediu-lhe que avançasse um pouco no tempo e visse se havia uma marca na sepultura. Ela respondeu que colocaram uma pequena cruz feita de madeira escura rachada, numa extremidade, e a data, 1463. Depois, com uma voz angustiada, acrescentou: “Ninguém chorou quando eu morri. Nem uma única pessoa chorou!”

Antes de a retirar do transe, o Major Knight disse-lhe que ela se sentiria maravilhosamente descansada e alerta, e assim foi; mas durante o resto da noite, a sua mente fervilhava com perguntas. De onde, perguntou-se ela, poderia ter vindo tal história? Seria pura imaginação, ou algo que ela tinha lido e esquecido? Mas como poderia qualquer uma das explicações justificar as emoções violentas que ela sentira: a adoração reverente pela jovem esposa, o sentimento de vergonha pela sua impotência sexual, a dor real ao morrer e o alívio tremendo que veio com a morte?

Tantas perguntas continuaram a intrigá-la que, vários anos mais tarde, Jane pediu para ser hipnotizada novamente. Ela pensara que poderia descrever uma vida diferente, mas, à medida que a contagem terminava, soube que o seu cabelo ruivo brilhante estava tão despenteado como antes. Desta vez estava encostada à cabana, de modo que via a queda de água e a floresta de um ângulo diferente e, quando instruída a recuar no tempo até aos dez anos de idade, decidiu que o seu pai era um guarda-caça numa grande propriedade, mas que lhe era permitido manter as suas próprias ovelhas.

A Jane deu o seu nome como Hans Deverter, disse que os seus alimentos básicos eram veado, codorniz, pato selvagem, carneiro e pão, e descreveu a sua mãe como uma mulher gorda que estava inclinada sobre uma fogueira para cozer pão de centeio. Ela observou-a a enterrar pães oblongos, algo achatados, numa espessa camada de cinzas que cobria pedras quentes, e soube de alguma forma que as cinzas seriam facilmente escovadas da crosta castanha quando o pão estivesse cozido.

Levada para a frente no tempo, contou sobre viagens a feiras com as ovelhas e, após descrever novamente a sua morte, disse sobre ela: "Durante a vida, o teu corpo parece estar sempre no caminho, mas agora sinto-me leve. Estou a flutuar e a pairar pelo ar. É maravilhoso. Parece que já não há noites. Estou a flutuar sobre o prado onde as minhas ovelhas costumavam pastar. A minha mulher está tão sozinha ali no bosque que não a quero deixar." O Major Knight levou-a ainda mais para a frente, e ela notou imediatamente o quanto a sua jovem e vistosa esposa tinha envelhecido. "Ela já não é gorda. É alta e angulosa. O cabelo dela está ralo agora, pois ela não se importou em arranjá-lo. Não acho que ela esteja muito bem." Após outro lapso de tempo, descreveu a morte da sua esposa e disse que, depois de os vizinhos baixarem o corpo dela na sepultura, todos choraram. A tristeza dominou-a neste ponto e ela gemeu: "Ninguém chorou quando eu morri."

Alguns que troçam da teoria da reencarnação argumentam que um sujeito hipnotizado está simplesmente a tentar glamorizar-se ou a agradar ao hipnotizador, mas os casos que chegaram à minha atenção não se encaixam nesta categoria. A maioria das vidas descritas são monótonas e comuns, algumas até vergonhosas. Certamente que a pessoa comum, se desse rédea solta à imaginação, atribuiria a si própria papéis mais dramáticos ou heroicos em eras passadas.

Por exemplo, durante outra experiência, uma loira bonita e esguia de Nova Iorque "viu-se" parada numa ponte sobre o Tamisa, em Londres. Sob interrogatório, a sua história desenrolou-se gradualmente: "Sou uma mulher, creio que tenho cinquenta e quatro anos. Sou muito baixa. Sou terrivelmente

gorda, consigo ver grandes rolos de gordura nos meus braços." Ela acariciou a parte superior do braço e aparentemente alisou um enorme estômago saliente. Subitamente, soltou uma série de gritos penetrantes que devem ter alarmado os vizinhos de Winthrop e, quando o Major Knight tentou interrogá-la, ela soluçou: "Tenho medo... tenho medo, roubei algo... um saco de qualquer coisa. Tenho medo! Estou escondida num vão de porta, agachada num canto. Há paralelepípedos na rua. Um soldado está a chegar. Não sei se ele me vê." Um terror absoluto transparecia nos seus olhos enquanto arquejava: "Eu... não... sei." A sua voz sumiu e, após uma longa pausa, murmurou incredulamente: "Enforcaram-me!"

O Major Knight perguntou o que aconteceu ao corpo depois de o espírito o ter deixado e, quando a mulher falou novamente, a sua voz era doce e baixa. "Fica ali pendurado", refletiu ela, "como um aviso para que outros não roubem." Sob insistência, disse: "Há um homem com uma capa preta. Ele vai retirá-lo. Ele sobe alguns degraus para pegar no meu corpo." Depois, com grande firmeza, acrescentou: "Eu não sou aquele corpo. Não me importa o que aconteça àquele corpo. Não me importa." Ela situou o ano em 1737 e, após ser regredida a uma vida anterior para determinar por que razão tivera um fim tão trágico, disse beligerantemente: "Um rapazinho. Empurrei-o para o rio. Homens estão a remar num barco em direção a ele, mas ele já se afogou." Perguntada por que fizera tal coisa, murmurou com uma voz dura e amarga: "Porque ele não era meu. Eu não podia ter nenhum."

O psicólogo, voltando-se para o grupo, observou: "Acontece repetidamente em regressões pré-nascimento. Se uma pessoa encontra uma morte violenta, quase sempre tirou a vida a outra numa encarnação anterior. Ocorre com tanta frequência que aprendi a procurar por isso. Quase literalmente, parece estar a provar a injunção bíblica: 'Conforme o homem semeia, assim também colherá'."

O sujeito seguinte foi uma estudante universitária com uma voz aguda, dada a frequentes acessos de riso. Quando regredida ao seu sexto aniversário nesta vida, falou com um forte sotaque de Brooklyn, queixou-se do seu nariz "pingo", disse que nenhuma das outras crianças gostava dela e lamentou ter recebido apenas presentes "reles" no Natal, mas ao ser levada "atrás, atrás, atrás até uma vida anterior", a sua voz assumiu a qualidade distinta de uma pessoa altamente culta. Viu-se num jardim, a observar flores de cerejeira ao luar e a ouvir o tilintar de um riacho. Disse que usava um quimono branco bordado com botões de rosa cor-de-rosa, usava "tabi" nos pés e tinha cabelo preto brilhante.

"Estou triste, triste", suspirou ela. "Quero escrever, mas só me permitem pintar e fazer arranjos florais. Não sou nada mais do que uma mulher." Ela soletrou o seu nome Yumiko Ichikawa, pronunciando-o You-mee-ko Cheeka-wa,

e continuou: “Estou noiva. Os meus pais arranjaram-no e eu não deveria vê-lo, mas espreitei. Ele tem a mesma idade que eu, com cabelo preto e feições finas. Ele é o prodígio do seu pai.”

O Major Knight perguntou o que o jovem fazia da vida, e ela respondeu: “Ele não tem de fazer nada. O pai dele é um samurai rico. O meu pai é um alto funcionário do governo. Ele não está muito em casa, porque tem uma gueixa.”

Perguntada se alguma vez viajou, disse que tinha ido de barco pelas ilhas com a sua mãe e que “também temos riquexós, e um aka puxa-os”. Como a palavra “aka” era desconhecida para todos na sala, o hipnotizador disse que assumia que os carros eram puxados por pessoas. Gerações de desdém marcaram a sua voz enquanto ela respondia altivamente: “Poder-lhes-ia chamar isso.”

Em resposta a outras perguntas, disse que os seus pais eram budistas, mas que ela acreditava apenas nas “estrelas e no mar”. Levada para a frente no tempo, disse que não gostava de estar casada. “O meu marido não gosta muito de mim. Não somos amigos. Ele arranjará uma gueixa um dia destes. Não quero filhos. Eles serão tão infelizes quanto eu, mas vou ter um bebé.”

O Major Knight levou-a para a frente e perguntou se o bebé era um menino ou uma menina. Uma doçura calorosa substituiu a voz nítida com sotaque japonês enquanto ela dizia: “Não sei. Eu morri. O bebé também morreu. Está aqui uma mulher, mas ela colocou um pano à volta do bebé. Não consigo ver.” Questionada sobre o seu próprio corpo, respondeu: “Puseram-lhe um lindo quimono branco. Jaz num caixão.

O meu marido está lá, mas ele não se importa. Enterram o corpo no jardim, para que possa ir para os seus antepassados. Não há marcação, mas um registo é adicionado no altar da família.” Ela disse que a morte ocorreu no seu vigésimo sexto ano, em 1848; e quando questionada sobre por que voltou no seu corpo atual, exclamou: “Agora sou americana, posso fazer coisas.”

Depois de ser retirada da hipnose, a estudante ficou atónita com a história que contara. Como acontece frequentemente, disse que sempre fora fascinada pela ideia do Japão, embora nunca lá tenha estado ou conhecido pessoas japonesas. De forma semelhante, a mulher que descreveu a sua morte como freira disse que tem sido tão intrigada pelas irmãs católicas que frequentemente para para as observar na rua. O cético poderia argumentar que este interesse leva os sujeitos a dramatizarem-se num tal papel enquanto sob hipnose, ao passo que o crente sente que uma encarnação anterior explica a atual fascinação pelo tema.

Debbie White, uma mulher esguia de cabelo ruivo com um sotaque arrastado distintivo da Virgínia, provou ser um sujeito particularmente apto. Numa das nossas sessões com o Major Knight, contou-nos sobre uma vida na Índia antiga, quando os seus companheiros de viagem foram mortos por bandidos que a deixaram para morrer, sem comida nem água. Descreveu vividamente o rastejar sobre a areia quente, procurando desesperadamente grãos de arroz derramados, "até que o sol finalmente me apanhou". Outra vez falou de uma vida na Pérsia, onde o seu marido caçava camelos para caravanas, mas numa terceira sessão o relato mal tinha terminado antes de ela falar com um sotaque decididamente francês, dizendo:

"Ali está a nossa casa na colina. É muito grande e construída em pedra. As janelas altas e estreitas parecem fendas. Pertenceu ao pai do meu pai, e ao pai dele por centenas de anos atrás. Os retratos deles estão todos pendurados no grande salão. Oh, não temos títulos, mas somos proeminentes. O meu pai é general no exército de Napoleão."

Perguntada pelo seu nome, soletrou: "Blanche Barpour", pronunciando-o Blahnssh Baapour. "A minha mãe morreu quando eu nasci", disse-nos ela. "Vivo sozinha com o meu pai e temos muitos criados. O cabelo do pai é ruivo e, quando ele se zanga, fica direito. Ele usa uma barba pontiaguda, pequena mas distinta. Ele é bonito, mas o seu rosto é vermelho, especialmente quando está zangado. Então ele é como uma nuvem de trovoada. Os Barpour têm todos génios violentos. Ele poderia casar-se, mas não o fará. Ele tem muitas mulheres. Eu sou muito obstinada. Mando nele e ele deixa-me levar a minha avante."

Instruída a localizar a propriedade dos Barpour, continuou: "Vivemos a meio dia de viagem de Marselha. Eu e o meu pai vamos lá na carruagem de quatro cavalos para a ópera. Guardas têm de ir connosco, ou salteadores atacariam ao longo da estrada." Uma melancolia infiltrou-se na sua voz quando observou: "Nunca estive realmente no Mediterrâneo. Gostaria de ir, mas o pai diz que não podemos ir para perto da água por causa dos ratos. Raramente ficamos na cidade por causa dos ratos. Eles são grandes... e estão por todo o lado. As ruas são tão estreitas e os paralelepípedos tão imundos! Tudo está sujo. A cidade cheira mal. Está cheia de crianças esfarrapadas e as pessoas atiram coisas horríveis pelas janelas." Sob interrogatório contínuo, disse que adorava cavalos e que o seu preferido era Mimi, uma égua que o pai lhe dera como oferta de paz quando ela tinha dezassete anos.

Regredida a essa idade para saber mais sobre a oferta de paz, Debbie disse: "Estou escondida nos estábulos a ver os homens cruzar uma égua. Ninguém sabe que estou aqui. Eu não deveria estar aqui, mas sou curiosa. Algum dia poderei querer criar cavalos e quero saber estas coisas. Se tenho idade suficiente para

casar, por que sou demasiado jovem para ver uma égua ser cruzada?" Levada para a frente novamente, recordou com um riso leve: "Foi quando o pai me encontrou e discutimos. Ele gritou comigo dizendo que as senhoras não vão aos estábulos, e eu gritei de volta. O pai nunca pede desculpa. A égua que ele me deu é o mais próximo que ele alguma vez chegou de um pedido de desculpas."

Disse que estava noiva de Charles Chevez, um tenente sob o comando do seu pai, e que ele e o seu pai usavam ambos os mesmos uniformes: chapéus de três bicos e casacos azuis com correias duplas cruzadas no peito.

Depois de o Major Knight a fazer avançar alguns anos, queixou-se: "Não sou feliz. O meu marido é aceitável, suponho, mas não sabe como lidar comigo. Ele tem medo de mim. Ele é capitão no exército agora e está fora a maior parte do tempo. Temos uma menina, Barbara, que se parece com ele. O Pierre tem quatro anos agora. Tem cabelo ruivo como o pai. Fiquei muito doente quando ele nasceu. Eu não o queria e, de alguma forma, ele soube-o. Ele não me consegue perdoar." O psicólogo contou até sete, para a levar esse número de anos para a frente, e perguntou se o marido e o pai estavam lá.

"Não, foram para a Ucrânia", suspirou ela. Referindo-se aparentemente à desastrosa invasão da Rússia por Napoleão, continuou: "Era inverno e nevava o tempo todo. O meu pai foi morto em combate, mas o Charles morreu de sarampo." Ela soltou esta última palavra com desdém, como se considerasse uma forma pouco heróica de um soldado morrer. Pedida para descrever o último dia da sua própria vida, murmurou: "Tenho trinta e sete anos. Estou cansada. Não doente, apenas cansada. O Bruce enviou-me uma mensagem e eu vim aqui a Marselha, mas não deveria estar aqui."

"Quem é o Bruce?"

"Um soldado britânico, um capitão. As calças dele são brancas e o casaco é de um vermelho profundo, com botões no peito. Estou apaixonada por ele."

"O que estás a fazer?"

"Estou neste quarto com o Bruce. Oh, eu não deveria estar aqui! Alguns soldados franceses irrompem e levam-nos. As pessoas estão a revoltar-se nas ruas. Estão com fome. Tanto barulho! Gritos e brados, gritos e brados. Estão a invadir as casas das pessoas ricas e a matá-las, estão tão famintas e zangadas."

"És presa por estares com o Bruce?"

“Isso mesmo. Eles não sabem quem eu sou. Não sabem que o meu pai era um general francês e eu não lhes direi. Estão a meter-nos numa carroça de duas rodas com quinze ou dezasseis outras pessoas. Estão a empurrar-me com tanta força contra a grade que me dói o estômago. Não consigo respirar, somos tantos. Oh, dói! O Bruce está atrás de mim, mas não consegue ajudar.”

Nesta altura ela estava a soluçar e as lágrimas escorriam-lhe pelas faces. “Levaram-nos para um lugar aberto... uma praça da cidade. Há edifícios por todo o lado e uma espécie de andaime no centro. Oh, é uma guilhotina”, gritou ela, usando a pronúncia francesa. “Estou tão assustada, tão assustada. Temos de subir treze degraus. Treze. Treze. Vão decapitar todos os que estão na carroça. Eles obrigam-me a ver. O Bruce diz que sente muito e que ‘vai correr tudo bem’. O Bruce é morto antes de mim, ohhhhhhhhh!”

O Major Knight interrompeu o seu longo soluçar para lhe assegurar que não sentiria dor. Assim tranquilizada, continuou: “Ataram-me as mãos atrás das costas. Vou tropeçando na minha saia enquanto subo os degraus e penso nos meus filhos. Eles precisam da mãe! Mas o Bruce já se foi, por isso não me importa. Eu amava-o! Eu amava-o!”

O hipnotizador reiterou calmamente que ela não sofreria, e ela disse: “Obrigam-me a ajoelhar. Há um lugar escavado onde a minha cabeça encaixa. Algo mais encaixa sobre a parte de trás do meu pescoço para que eu não me possa mexer. A minha cabeça está voltada para a direita.”

Os que estávamos na sala estávamos rígidos de horror. Os nossos nós dos dedos ficaram brancos enquanto apertávamos os braços das nossas cadeiras e, após um silêncio prolongado, a voz de Debbie continuou: “A lâmina cai, mas é como se desse um salto. Tem um dente. Tantas cabeças têm estado a cair que não faz o serviço completo. O sangue está a jorrar sobre o meu ombro. Não consigo respirar! Estou a sufocar e a gorgolejar... sufocar e gorgolejar. Finalmente deixam cair a lâmina de novo.” Os arquejos e soluços pararam abruptamente e, após alguns momentos, falou suavemente dizendo: “Sinto-me tão aliviada. A minha cabeça está deitada num grande cesto de vime com várias outras. Os corpos estão a ser levados para serem queimados.”

“Encontraste o Bruce de novo?”, perguntou o Art.

“Sim, imediatamente”, suspirou ela feliz. “Mas vou ficando cada vez mais longe. Mais longe...” A sua voz sumiu no silêncio.

## Capítulo 4
## Nada é Esquecido

O hipnotismo é tão antigo quanto a história registada, tendo sido conhecido pelos antigos persas, egípcios e gregos, mas o interesse científico no assunto data do final do século XVIII, quando Franz Mesmer, um médico vienense, o usou no tratamento de pacientes. Depressa caiu em descrédito, mas alguns médicos mantiveram o interesse no "Mesmerismo" e, no século XIX, o médico inglês James Braid cunhou as palavras hipnotismo e hipnose. A partir daí, homens com formação científica iniciaram o estudo sério do assunto. E na década de 1950, tanto a associação médica britânica como a americana aprovaram formalmente o seu uso médico.

Muitos dentistas empregam agora a hipnose para adormecer a dor durante a extração de dentes, os psiquiatras usam-na no tratamento de pacientes perturbados, e os médicos induziram o estado de transe para aliviar o desconforto durante cirurgias e partos. O hipnotismo é também usado pelos nossos serviços de inteligência militar, uma vez que agentes que são hipnotizados após o seu regresso de missões de espionagem podem produzir uma recordação total de tudo o que viram, até ao número de ripas de uma persiana veneziana acima de uma secretária que revistaram; e os soviéticos estão, segundo consta, a patrocinar um programa intensivo em hipnose e perceção extrassensorial.

A Encyclopedia Britannica, num capítulo sobre hipnose, declara: "O sujeito (hipnotizado) não está, como comum e erroneamente se acredita, sem força de vontade, ou sob o poder do hipnotizador. Em vez disso, a relação entre o sujeito e o hipnotizador é de cooperação interpessoal baseada em considerações mutuamente aceitáveis e razoáveis. Consequentemente, o sujeito não pode ser forçado a fazer coisas contra a sua vontade, como por vezes se afirma." Sobre a regressão de idade sob hipnose, diz: "O sujeito experimenta uma perda retrogressiva de memórias, aprendizagens e respostas, e aquelas pertencentes a uma idade anterior são restabelecidas."

A hipnose pode ser extremamente perigosa se usada por uma pessoa sem formação, ou por alguém não versado em psicologia. Uma rapariga emocionalmente instável que serviu de sujeito para um hipnotizador amador reviveu experiências de infância tão traumáticas que ficou mentalmente doente e teve de ser internada numa instituição. Outra mulher tentou o suicídio após re-experienciar uma violação aos quatro anos de idade, um evento que até então tinha sido misericordiosamente bloqueado da sua consciência. O hipnotismo não é um brinquedo para ser usado como entretenimento ocioso, mas em mãos adequadas tem realizado um bem enorme, libertando pacientes com cancro terminal de dores lancinantes, aliviando o sofrimento em queimaduras graves e tornando suportável a tortura da privação de droga em toxicodependentes.

O Dr. James L. Rowland, um proeminente médico do Médio-Oeste, falou-nos do caso de uma rapariga adolescente atlética que, enquanto competia num concurso de mergulho, subitamente "congelou" na prancha. Ela não sabia porquê, mas a partir daí ficou tão aterrorizada com a água que os seus pais a levaram ao Dr. Rowland para tratamento da sua histeria.

Sob hipnose, ela recordou que tinha visto uma sombra em movimento na água no momento em que se preparava para mergulhar, mas quando o médico não conseguiu encontrar nenhuma explicação para a sua reação invulgar a uma sombra, nesta vida, obteve permissão para tentar regredi-la a uma experiência anterior. Ao fazê-lo, a rapariga descreveu uma encarnação no Louisiana, quando, em criança, viu uma sombra sob a superfície no momento em que saltava para a água. Era um jacaré, e a sua morte foi horrível. Após regressar à consciência, ela foi capaz de compreender a causa do seu medo irracional da sombra, que provavelmente fora causada por um pássaro a voar baixo, e passou a conquistar inúmeros prémios de mergulho. Desde então, seguiu medicina e é agora uma médica licenciada que está a fazer a sua residência num grande hospital do Médio-Oeste.

Um dos aspetos mais notáveis da regressão pré-nascimento é a capacidade de um sujeito descrever uma vida particular, vez após vez, mesmo quando colocado em transe por diferentes hipnotizadores, e ser consistente nos factos e datas. Jane Winthrop, além de descrever a sua aparente vida como um rústico camponês ruivo, detalhou frequentemente uma encarnação feminina como uma das primeiras colonas no Novo Mundo. "Nem uma única vez", diz ela sobre a série de sessões de transe, "as cenas iniciais foram duplicadas.

Uma vez estava a fiar lã e a olhar para um fogo aberto de troncos enormes. Outra vez estava sentada a olhar com terror para um balde de água vazio, com medo de ir lá fora enchê-lo. Outras vezes estava a ver o meu pai a curtir peles de vaca, ou a mergulhar os meus pés a ferver num riacho fresco, ou a cumprimentar o meu marido que tinha regressado da caça, mas de cada vez sabia instantaneamente que eu era Mary Dunlap."

Jane descobriu Mary pela primeira vez como uma rapariga magra de cabelo escuro, com dez anos, a caminhar por um trilho em direção à igreja com os seus pais. Diz que a sua atenção estava centrada no seu vestido novo de musselina crua, com uma pala alta e um folho de quinze centímetros na base da saia. "A minha mãe era uma mulher alta e esguia que segurava a cabeça com dignidade", diz Jane. "Usava um pequeno chapéu preto empoleirado no alto de um grande coque de cabelo escuro e espesso. O meu pai era consideravelmente mais baixo, de peito largo e algo entroncado. Ambos vestiam um preto sombrio. Uma dúzia ou mais de cabanas de troncos estavam espalhadas sem qualquer disposição

particular e, à volta de cada uma, havia uma confusão de potes de ferro, arados de madeira, carrinhos de mão rudimentares, carroças e carros. Estava algures perto da costa de Massachusetts, e parecia que a povoação era Salem."

Levada para a idade de vinte e cinco anos, disse que estava agora casada com Allan Horton, a viver numa cabana de troncos nos ermos do oeste de Massachusetts, perto de uma pequena povoação chamada Cambria. Recordando a sua reação enquanto em transe, Jane refletiu: "Eu estava consumida pelo terror! Os meus olhos estavam cravados num único objeto, um balde de água vazio feito de aduelas de madeira. No sótão estavam os nossos três filhos: Allen Jr., uma criança esguia de seis anos que tinha o cabelo loiro e os olhos azuis do pai; Nancy, de quatro anos, uma criança linda com cabelo ruivo encaracolado e covinhas nas bochechas; e um pequeno loiro roliço de dois anos, cujo nome era Hector.

As três crianças estavam inquietas e, com o passar do tempo, começaram a chorar de fome e sede. Tomei consciência de que os meus próprios dentes estavam cerrados para não gritar. A única porta estava barricada e, acima dela, pendiam um corno de pólvora e um mosquete. Não havia nem comida nem água em casa, e eu sabia que tinha de encontrar coragem para ir à nascente e à horta, apesar de os índios terem queimado recentemente uma aldeia e poderem estar à espreita no nosso bosque."

O Major Knight perguntou onde estava o marido dela, e Jane diz que sentiu uma solidão devastadora ao responder que ele estava "fora a combater índios". Ele fê-la avançar cinco anos, esperando encontrar condições mais felizes, mas ela desatou em soluços secos e lancinantes e gritou: "Ele nunca voltou! O Allen nunca voltou! Os índios!" Ouvi a fita na qual esta primeira sessão foi gravada e estive presente vários anos mais tarde quando Jane foi novamente regredida a Mary Dunlap, durante a qual repetiu o mesmo lamento lancinante e choroso: "Ele nunca voltou! O Allen nunca voltou!" Instruída a prosseguir para o dia da sua morte, disse:

"Estou deitada na cama perto da lareira. É uma noite de janeiro e fustiga lá fora uma nevasca... uma tempestade terrível. Há um pano sobre a janela e o vento enfuna-o para dentro como uma vela. Eu e o Hector estamos sozinhos. Ele está na cama debaixo do sótão. Ambos estivemos demasiado doentes para cuidar um do outro ou para acender o lume."

Mary (ou Jane) disse que estava a arder em febre e que manchas irregulares de erupção vermelha salpicavam os seus antebraços magros. "Tivemos escarlatina", disse-nos ela mais tarde e, embora nunca tenha tido essa doença ou observado um caso da mesma, um médico que estava presente disse que ela tinha

descrito os sintomas com precisão. Instruída a descrever o seu funeral, começou: "Na extremidade oposta da cabana, o meu corpo jaz num caixão tosco que o Allen Jr. fez. O tempo melhorou e, embora o Hector ainda esteja fraco, está levantado e vestido.

O Allen veio com a sua mulher e dois rapazes pequenos. A Nancy está aqui com o marido e o bebé. Estive morta durante vários dias antes de a notícia poder chegar à Nancy e ao Allen. Ambos estão a chorar." Ela parecia observar atentamente enquanto três homens da vizinhança ajudavam Allen a carregar o caixão através do bosque até uma pequena igreja. Depois, passado algum tempo, ela "olhou para baixo" para o adro da igreja, agora coberto de erva alta, e leu numa lápide branca arredondada: "Mary Horton Nascida em 1723 Falecida em 1779 Que a sua alma descanse em paz."

Em várias outras sessões de transe, identificou os seus pais como Joel e Liza Dunlap, que se casaram em Inglaterra e migraram para as colónias um ano antes do seu nascimento. O seu pai era curtidor e, porque ela se opunha ao odor fétido que se agarrava às roupas dele, preferia grandemente a sua mãe. Descreveu a igreja anglicana feita de troncos, chamou ao pregador "Reverendo Bartholomew" e disse que "um homem horrível vestido de preto" caminhava continuamente de um lado para o outro no corredor, carregando uma vara verde longa na qual uma pedra estava presa por meio de uma tira de couro. "Qualquer pessoa que apenas acene com a cabeça durante os sermões, que parecem durar para sempre, é prontamente atingida na cabeça com esta pedra", queixou-se ela. Disse que os bancos, feitos de troncos rachados e talhados de forma tosca, eram duros e sem encosto.

Noutra cena, viu-se a si e à mãe a fazer sabão. "Estou a cozinhar gordura misturada com lixívia", disse ela. "A mãe obtém-na ao mergulhar cinzas de madeira. Está num grande caldeirão preto sobre um fogo atrás da cabana, e estou a mexê-lo com uma longa pá de madeira. Odeio aquilo. Cheira mal. Tudo cheira sempre mal à volta da nossa casa — o meu pai, as suas peles, o peixe e este sabão." Perguntada sobre o que tinham para comer, gemeu: "Peixe, peixe, peixe. O pai cultiva milho. A mãe e eu colhemos bagas silvestres e secamos abóbora. Ocasionalmente temos veado... mas sempre peixe."

Contou que conheceu Allen Horton, que viera recentemente de Inglaterra, num convívio da igreja, e disse que se casaram a 25 de junho de 1741, quando ela tinha dezoito anos. "Senti-me tremendamente entusiasmada por casar com ele", recordou ela mais tarde. "Tivemos um casamento ao qual assistiu quase toda a gente da povoação. Uma mesa comprida de tábuas rudimentares estava ao sol e nela havia potes de ferro preto com veado cozido, coelho e aves selvagens, pão de milho e tarte feita de abóbora seca e melaço. O deleite especial foi um

bolo que a mãe cozeu de farinha de milho e xarope de ácer. Os homens beberam de um barril de rum caseiro e ficaram muito alegres. As mulheres usavam vestidos de cores vivas e várias delas sentaram-se em cepos a amamentar os seus bebés."

Mary (ou Jane) relatou em seguida como ela e o seu noivo viajaram durante semanas numa carroça ligeira, puxada por uma vaca e um boi, para encontrar terra livre. "As estradas eram um pesadelo de cepos e pedras, e tão estreitas que os ramos batiam constantemente nos nossos rostos", disse ela. "Movíamo-nos a passo de caracol, porque o solavanco era miserável, e enormes nuvens pretas de mosquitos entravam-nos nas narinas e olhos. Enxames de moscas de cavalo zumbiam em volta e, como por vezes não tínhamos nada para nos dar sombra do sol, o calor do meio-dia era cruel. Ao final da tarde apareciam nuvens de melgas e, quando parávamos para passar a noite, o Allen caçava um esquilo, coelho ou ave, que cozinhávamos numa fogueira. Quando chovia, dormíamos debaixo da carroça, sitiados pelas melgas. Pensei que nunca chegaríamos à terra livre, mas finalmente chegámos e então começámos a construir a nossa cabana."

Sob um hipnotizador diferente, noutra altura, Jane deteve-se nas privações suportadas por si e pelas crianças depois de os índios matarem Allen. "Tive de trabalhar terrivelmente arduamente", disse ela. "Tínhamos uma vaca e, ao princípio, eu trocava manteiga por velos de lã. Lavava-os, cardava-os e fiava-os em fio, que tecia à noite sem luz. Trocava o tecido acabado por bens de primeira necessidade e mais velos. Tinha todas as nossas roupas para fazer, a vaca para ordenhar e alimentar, a horta para cuidar e a lenha para rachar e carregar, além de cozinhar. Até tive de fazer a caça até o jovem Allen ter idade suficiente para conseguir veados e caça. Frequentemente não tínhamos comida quando estávamos bloqueados pela neve, e senti agudamente essas dores de fome enquanto sob hipnose."

Uma vez, instigada por uma pergunta, "viu" a família a caminhar para a igreja através do bosque, o jovem Allen a abrir caminho com um mosquete carregado, o robusto Hector e a linda Nancy a seguir, e Mary Dunlap a fechar a retaguarda com outro mosquete carregado.

Perguntei à mulher cientista que explicasse este estranho poder da mente, que torna possível a alguém dar tais massas de detalhes sobre cenas e tempos totalmente desconhecidos para si, e ela respondeu: "Não faço ideia. Apenas sei que as emoções que eram de Mary e as cenas da sua vida parecem gravadas de forma tão permanente no meu sistema nervoso como qualquer coisa que tenha acontecido na minha vida atual.

Certamente nunca conheci conscientemente um desgosto tão avassalador como o que revivi de cada vez que falei da morte de Allen. Aquilo que vem de qualquer um de nós deve primeiro estar dentro de nós. Quando penso nas privações daquela mulher, na sua integridade e coragem moral, dou por mim a amá-la e a admirá-la, e estou contente por os transes me terem espelhado esta parte de mim mesma que, de outra forma, eu não teria conhecido."

Presente numa das nossas sessões na casa de Jane Winthrop estava um jovem advogado de sucesso, cujo pai tinha sido membro do gabinete presidencial de Franklin D. Roosevelt. Observava com distanciamento divertido enquanto a sua anfitriã e outros se submetiam à hipnose, convencido de que estavam a fingir os papéis que retratavam. A sua mente jurídica aguçada era demasiado analítica para aceitar uma doutrina estranha como a reencarnação e, a fim de expor a farsa, concordou em deixar o Major Knight trabalhar com ele. Após trocar algumas brincadeiras bem-humoradas com amigos na sala, estendeu-se no sofá e em breve estava a relatar um episódio da sua infância.

O psicólogo tinha sublinhado que a sua mente permaneceria alerta, para que ele recordasse depois tudo o que se tivesse passado enquanto em transe. Depois, instruiu-o a ir "atrás, atrás, atrás no tempo" até se encontrar noutro corpo físico. À contagem de vinte e cinco, o Jim começou excitadamente a descrever um naufrágio durante uma tempestade feroz no mar. "É um navio nórdico. Está a desfazer-se", arquejou ele. "Estou agarrado a uma tábua... não sei se conseguirei aguentar-me por muito mais tempo." Levado para a frente, descobriu que tinha sobrevivido ao desastre e que vivia agora numa aldeia norueguesa num fiorde.

Continuou a descrever essa vida em detalhes gráficos, até à perda de uma mão e, ao ser-lhe dito que "o espírito acaba de deixar o corpo", foi-lhe pedido que dissesse como morreu. "Um cavalo veio a galopar na esquina, a puxar uma carroça, e atropelou-me", disse ele. "Estão a tirar os cavalos do caminho agora. Uma senhora está a puxar o corpo para o lado e alguns homens estão a ajudá-la. Agora está no andar de cima, numa cama, e a minha mulher está a chorar um pouco. Estão a vestir o corpo com o meu fato bom."

O hipnotizador instruiu-o então a avançar no tempo até habitar novamente um corpo diferente. Desta vez, o jovem advogado apresentou-se como Alice Long, uma rapariga de catorze anos numa pequena cidade da Nova Inglaterra chamada Bedford. Estava vestida com uma saia de lã, uma blusa e um xale e, quando lhe foi pedido que olhasse para a sua casa, o Jim observou em tons intrigados: "A casa parece estar fechada. Oh, vejo agora. Os meus pais morreram e fui viver com o Pastor Goodfellow para a casa paroquial. É ao lado de uma igreja de madeira branca com uma torre."

À contagem de cinco, foi-lhe dito que seria quinze anos mais velho. Desta vez disse que estava numa casa de madeira de dois andares à beira-mar. Perguntado se estava sozinho, murmurou: "Estão aqui pessoas. Há uma mulher — muito grosseira — e vários homens, tipos trabalhadores rudes." Perguntado por que razão ele (ou Alice) já não vivia na casa paroquial, respondeu evasivamente: "Tive de sair."

"Gostavas de lá estar?"

"Melhor do que aqui."

Levado para a frente até à idade de quarenta e cinco anos, a voz de Jim disse, em resposta a uma série de perguntas: "Tenho mais dinheiro agora. Não, não sou casado. Sim, sou prostituta, se insiste." Neste ponto, a mente consciente reagiu aparentemente com choque a algo que se estava a passar e ele exclamou: "Tirem-me daqui! Tirem-me deste maldito transe...."

O psicólogo disse-lhe para relaxar e disse que, à contagem de vinte e cinco, ele estaria totalmente consciente. No final da contagem decrescente, o advogado sentou-se lentamente e olhou para os amigos na sala. "Aqueles foram os homens mais horríveis que já vi", estremeceu ele. "Que raio de vida!"

Outro membro do grupo, que também aparentemente mudou de género para a vida atual, é a esposa de um executivo da International Business Machines em Los Angeles. Sob hipnose, deu uma profusão de detalhes sobre uma encarnação como um jovem advogado de Boston que foi gaseado enquanto combatia em França durante a Primeira Guerra Mundial, e morreu devido aos efeitos disso em 1924. Marion disse que ela (como Thomas A. McMahon) nasceu num subúrbio de Boston, viveu numa casa branca com um grande alpendre e lembrava-se do pai a caminhar pela rua todas as manhãs para trabalhar como mestre-de-postas da aldeia.

Disse que se licenciou em direito em 1903 e, dois anos mais tarde, casou-se com Marjorie Chatsworth, "uma rapariga sensata que conheço há muito tempo". Disse que a cerimónia foi realizada na igreja congregacional, após a qual o casal em lua-de-mel seguiu de comboio para as montanhas em New Hampshire. Thomas (ou Marion) disse que o seu escritório de advogados era num edifício de pedra cinzenta com um portal gótico, "no centro de Boston, na Hill Street". Solicitado a mencionar um dos seus casos, Thomas disse que tinha representado com sucesso um senhor idoso chamado Lucas, que estava a processar a cidade de Boston porque se ferira numa queda num passeio gelado. Disse que ele próprio estava constantemente doente depois de ter sido gaseado durante a guerra e morreu em 1924.

O hipnotizador fez a Marion apenas mais uma pergunta: “Agora que te preparas para renascer, por que decidiste mudar de género nesta vida?”

“Suavidade”, respondeu ela. Aparentemente tinha visto tanta violência na guerra, como soldado de infantaria, que queria desenvolver o lado mais suave da sua natureza.

Uma regressão hipnótica particularmente interessante foi a de Lance Farber, um católico devoto, que tinha observado com preocupação cada vez mais grave enquanto a sua mulher e outros detalhavam vidas estranhas que afirmavam ser as suas. Finalmente disse que seria um sujeito, acrescentando: “Eu certamente não acredito em reencarnação, mas não consigo decifrar isto e gostaria de ver o que diria sob hipnose.”

O Major Knight instruiu-o a falar apenas inglês, como faz com todos os seus sujeitos para não perder o contacto com eles enquanto estão em transe. Começou a contagem decrescente e, após atingir vinte e cinco, a sala estava silenciosa, exceto pela respiração pesada de Lance. Depois, em tons guturais pesados, totalmente diferentes dos seus, Lance Farber identificou-se lentamente como Heinrich Brocton, um alemão vestido com calções castanhos até ao joelho, camisa branca e botas de cano alto atadas com tiras de couro. Disse que a cidade mais próxima era Herchandt, no Reno, e que era um sucesso feito por si próprio, tendo ficado órfão aos catorze anos. Estava agora casado e tinha dois pares de gémeos, “todos a berrar ao mesmo tempo”. O nome verdadeiro da sua mulher era Helma, mas ele chamava-lhe Babe, e as colheitas eram boas.

“Possuímos milhares de acres”, vangloriou-se ele e, com arrogância prepotente, acrescentou: “Nós tirámo-los. Aqueles que não podiam pagar, nós tirámos.” Com um meio-sorriso astuto, explicou: “Oh, é legal. Aqueles que pedem dinheiro emprestado têm de o pagar de volta.”

A mulher e a irmã de Lance olharam uma para a outra perplexas. “Ora, ele nem parece ele próprio”, sussurrou Laura Farber. “Aquela gramática! O Lance é licenciado!”

O Major Knight perguntou a “Heinrich Brocton” quem ele queria dizer com “nós”, e a voz respondeu: “Eu e o meu sogro. Ele é esperto, mas não posso confiar nele. Ele era capaz de se esconder atrás de um saca-rolhas.” Art sugeriu que ele avançasse para a idade de trinta anos e perguntou se tinha mais filhos. “Ja, oito”, resmungou Brocton. “Cada vez que vou para a cama arranjo mais dois.” Instruído a repetir os seus nomes, começou: “Gertrude, Gretchen...” depois parou, como se estivesse demasiado aborrecido para continuar o assunto. Disse

que ia frequentemente ao banco em Herchandt para executar hipotecas e que tinha sessenta ou setenta pessoas a trabalhar para ele.

"Paga-lhes bem?", perguntou o hipnotizador. "Hah", respondeu ele, com um escarnecer sem humor. "Para quê pagar-lhes? O trabalho deles é produzir colheitas para mim. Mas alimento-os bem." Identificou a época como julho de 1763 e, quando solicitado a avançar alguns anos, disse que ainda vivia na mesma terra, mas que tinha construído uma casa maior e que as suas propriedades eram ainda maiores. Em tons rudes e cruéis, contou como adquiriu o título de toda a parte do seu sogro, após uma falha nas colheitas, e disse que este fora posteriormente morto por um touro.

"Um touro premiado?", perguntou o major. "Apanhou-o de surpresa, sem dúvida", riu Heinrich, com um jogo de palavras.

O alemão arrogante pareceu abalado apenas uma vez, quando o hipnotizador perguntou se todos os seus filhos tinham sobrevivido. Agora as suas palavras vinham lentamente, enquanto contava sobre duas gémeas que foram atropeladas por cavalos em fuga. "Um debulhador de milho estava no campo com a parelha", disse ele tristemente, "e um cavalo pisou uma cobra que o mordeu. Ele entrou em pânico. Era um bom cavalo, mas quando um entra em pânico, o outro vai atrás."

"Que tipo de cobra era?"

"Chamamos-lhes víboras. Não deixes que uma te morda. São cor de laranja e pretas com um rosto de aspeto feroz... chegam a ter vários pés de comprimento." Disse que as filhas de onze anos tinham "vindo procurar-me nos campos" e que eram "tão bonitas como pássaros pintalgados, tal como a mãe".

Para tirar a mente de Heinrich da tragédia, o Major Knight perguntou-lhe sobre lazer, e ele disse: "Caço javali e vou à pesca. Pescamos lúcios — um peixe preto como o gar. Pequenos bastardos agressivos, mas muito bons de comer." O hipnotizador inquiriu sobre o tipo de arma e ele respondeu prontamente: "Uma pederneira de tiro único. Não te ponhas à frente dela. Derruba um javali num só tiro." Perguntado como poderia recarregar a tempo se apenas ferisse um javali, Heinrich riu. "Já viu um homem subir a uma árvore depressa?"

Instruído a ir para o último dia da sua vida, Heinrich descreveu ter tido um ataque cardíaco no campo aos sessenta e sete anos. Disse que o seu corpo foi colocado numa cripta de família no sopé de uma escarpa e que nela estava esculpido: "Aqui jaz o homem que era capaz de cultivar milho e o caos na

mesma medida." Perguntado se gostava de tal epitáfio, rugiu: "Claro que sim, porra."

"O que vais fazer agora?"

"Vou ficar por aqui e ver o que o meu vizinho anda a tramar. Ainda o posso incomodar. Ele é supersticioso." Por um momento pensámos ter encontrado um poltergeist, mas depois a voz disse: "Ele já tem problemas que cheguem, eu vou-me embora. Uma cripta não é lugar para um espírito."

O Major Knight fê-lo avançar no tempo para perguntar o que ele tinha aprendido naquela vida. Numa voz carregada de arrependimento, disse: "Despojei demasiadas pessoas das suas terras. Sempre me ensinaram que, se fizeres um negócio, fá-lo com mão de ferro. Se não o conseguires fazer com um golpe, abate ambas as mãos juntas. Agora devo provar que sou capaz de lidar com as pessoas de forma justa."

À medida que o Lance regressava à consciência, a sua mulher e a irmã discutiam o contraste incrível entre Heinrich e o banqueiro escrupulosamente honesto que agora conheciam nele. O próprio Lance ficou bastante abalado com a experiência. Ao princípio ficou sentado como que atordoado, depois começou a falar compulsivamente. "Vêem-se imagens, não veem! Aquele milho era tão alto como este teto. Os cavalos eram maiores do que aqueles que costumavam puxar as carroças da cerveja. Percherons pesados, creio; crinas e caudas grossas e longas, e pelo espesso sobre os cascos. O interior daquele banco na Alemanha ainda é tão nítido como esta sala. Continuo a ver um pobre camponês a implorar-me para lhe dar apenas mais uma semana antes de eu executar a sua hipoteca."

Ele mergulhou num silêncio infeliz, aparentemente revendo o caráter inescrupuloso de Heinrich, e finalmente exclamou: "Uau! Ainda bem que tenho outra oportunidade agora!"

## Capítulo 5
## Facto ou Fantasia

Poucas pessoas parecem mais vibrantes e minuciosamente "vivas" do que Sam Sneed, um jovem jogador convencido que percorreu o continente em 1872, enganando os "totós locais" e saltando de comboio em comboio, sempre um passo à frente do xerife. Era assumidamente um vigarista das cartas, mas um tipo simpático e, como frequentemente dizia de si próprio: "Que talento."

A minha introdução a Samuel S. Sneed ocorreu na Califórnia, a 22 de janeiro de 1968, cerca de quinze minutos depois de uma jovem culta e bem instruída se ter estendido num sofá e seguido fielmente a instrução de um hipnotizador para se deixar flutuar "atrás, atrás, atrás no tempo". A voluntária era Barbara Larson que, com o seu marido de formação científica, vive em Palos Verdes Estates, perto de Los Angeles. A antiga Barbara Frymier licenciou-se na Universidade do Indiana em 1949 e foi professora em Fort Wayne, Indiana, até ao seu casamento. Agora mãe de três filhos, é fotógrafa freelance nos tempos livres.

Conheci a Barbara na casa de Jane Winthrop, uma cientista que é também uma hipnotizadora exímia. Primeiro regredida ao início da sua vida atual em 1927, a Barbara descreveu vividamente como o médico assistente a entregou à sua avó, e depois ao seu exuberante e jovem pai, que "se ria e cantarolava" enquanto caminhava de um lado para o outro na sala da casa dos Frymier em Albion, Indiana.

Depois, ao ser-lhe dito para ir mais atrás no tempo até estar num corpo diferente do atual, ela assumiu abruptamente os maneirismos e as características de fala de um jovem, exclamando: "Aqueles totós estúpidos... a acharem que sabem jogar cartas! Eu e o Carl demos-lhes uma limpeza. Há muito caldo para se colher destes cavalheiros." Em resposta às perguntas, deu o seu nome como Sam Sneed, a sua idade como dezanove anos e o local como Wyoming. O ano era 1872. Instruída a descrever o seu traje, o sujeito hipnotizado vangloriou-se: "Sou um tipo que se veste bem, sabem. Tenho um fato e um colete aos quadrados. As minhas botas podiam levar uma graxa, mas não tenho tempo agora. Tenho de apanhar este comboio para fora da cidade."

Jane Winthrop regrediu em seguida a Barbara até aos nove anos e, desta vez, ela falou como um rapazinho, dizendo que vivia na cidade de Nova Iorque, mas que não sabia onde estavam os seus pais. Instruída a perguntar à sua avó, fez uma pausa como se estivesse a ouvir, antes de responder: "A avó diz: 'quantas vezes já te disse que eles não estão aqui? Agora para de me perguntar'." Solicitada a escrever o seu nome e a sua escola num pedaço de papel, lambeu repetidamente o lápis enquanto escrevia laboriosamente com uma caligrafia infantil e grande: "Sammy Snead Twented". Ela pronunciava a escola como "Twentieth" [Vigésima], mas obviamente não a sabia soletrar.

Levada para cinco anos à frente e instruída a descrever o que a rodeava, disse: "Eu e o Charlie estamos a jogar cartas com uns homens na cavalariça atrás do hotel. Eles acham que sou apenas um fedelho, porque me faço de parvo. Mas os parvos são eles. Eu e o Charlie temos sinais." Solicitada a demonstrar alguns dos seus sinais de cartas, a jovem refinada passou um dedo astutamente ao longo

do nariz para indicar que tinha um ás, acariciou o queixo para designar uma dama, puxou a orelha direita para um rei e coçou a cabeça para um cinco.

Novamente avançada no tempo, gabou-se: "Não acreditariam, mas agora vivo no hotel. Subi consideravelmente na vida. O meu quarto não é grande coisa — é ao lado da cozinha — mas também não passo lá muito tempo." Questionada sobre o Charlie, escarneceu: "Ele não tem juízo suficiente para querer melhorar. O Charlie é um tipo porreiro, mas contenta-se com aquela cavalariça onde está desde o ano um.

Há todo um mundo lá fora, e é preciso pensar em grande." Sam afirmava que agora era um operador de renome e, quando Jane Winthrop perguntou o que ele estava a vender, o super-vendedor assumiu o controlo num ápice. "Diga o que quer, eu tenho", gabou-se. "Se não tiver, arranjo-lhe. Tenho muitos contactos. O que é que quer comprar? Quanto dinheiro tem para investir?"

Tentando suprimir o riso, Jane sugeriu seiscentos acres no Kansas. "Oh, quer terras de trigo", disse o Sam. "É melhor ficar com seiscentos e quarenta acres; isso dá-lhe uma secção." Jane mencionou em seguida terras petrolíferas, e o Sam disparou: "Bem, decida-se. O que é que quer? O petróleo é que está a dar. Tenho umas propriedades magníficas na Pensilvânia, mas é melhor agir depressa, porque estão a ir num instante. Já parou para pensar quanto querosene está a ser usado só nos candeeiros, e estão a descobrir mais usos para o querosene todos os dias? Agora, quanto dinheiro quer investir? Venha até ao saloon e, enquanto come qualquer coisa, eu dou um salto à Câmara Municipal para ver o meu amigo sobre umas terras petrolíferas na Pensilvânia. Tenho bons contactos."

Aparentemente, a única forma de escapar das garras do vendedor agressivo era fazê-lo avançar no tempo; por isso, Jane Winthrop disse ao Sam para ir para o dia em que ia deixar Nova Iorque rumo ao Wyoming. Rapidamente se percebeu que ele estava a enfiar os seus fatos vistosos numa "caixa de papel castanho" e a fugir para Jersey City para apanhar um comboio para o Oeste. Parecia estar com tanta pressa que Jane perguntou se a polícia andava atrás dele, ao que ele retorquiu irritado:

"Diga lá, costuma andar por aí a perguntar a conhecidos ocasionais se têm problemas com a polícia? Se calhar quem tem problemas é você." Depois de Jane ter conseguido acalmá-lo, ele admitiu que alguns dos seus negócios não tinham correspondido às expectativas dos clientes e que estava a colocar alguma distância entre si e o braço longo da lei.

O relato de Sam sobre a viagem para Oeste soava tão realista que eu e a Jane nos sentimos como se fôssemos passageiras companheiras. O dinheiro dele

estava a acabar quando chegou ao Ohio, por isso deixou o comboio para procurar um jogo de cartas, mas logo se queixou: "Estes agricultores estúpidos... camponeses suspeitos, caramba! Não confiam nos tipos de Leste." Solicitado a dar o nome da cidade, Sam respondeu: "Não tenho tempo para olhar para as placas. Vou apanhar o B & O [Baltimore and Ohio Railroad]. Aqueles bastardos suspeitos, caramba!" Durante o resto da viagem, o Sam continuou a resmungar sobre "estas cidadezinhas lúgubres" e "estes rústicos suspeitos", mas ao chegar a São Francisco o seu humor mudou para a euforia. "Um tipo esperto como eu tem de operar na cidade grande", vangloriou-se. "Um estranho dá demasiado nas vistas em cidades de província."

Sam Sneed parecia estar a prosperar em Frisco [São Francisco] e, quando Jane perguntou se ele estava a trabalhar agora ou apenas a jogar cartas, ele protestou: "Não chama trabalho a aquilo, com aqueles tipos sentados à volta da mesa, armas nos coldres, só à espera de nos apanhar!" Sam disse que também era promotor e especulador e, quando eu murmurei que ele parecia um verdadeiro entrepreneur [empreendedor], ele exclamou: "Diga isso outra vez! Entrepreneur (saboreando a palavra). Ora aí está uma palavra janota. Tenho de me lembrar dessa!"

A vez seguinte que Jane fez a Barbara avançar no tempo, o Sam afirmou estar a viver na capital, em Sacramento, "onde está o poder". Parecendo um pouco surpreendido consigo próprio, confessou: "Não vai acreditar, mas aqui estou a portar-me bem. Sou um cidadão bastante sólido, por Deus, e as pessoas respeitam-me." Disse que tinha aberto um escritório, Sneed's Land Properties, na Rua N, e vivia a uns quarteirões de distância na Rua L, no Sacramento Hotel. "O edifício de tijolo vermelho mais bonito da cidade. Não tem como falhar", gabou-se quando perguntámos como o encontrar.

Sam disse que por volta de 1888 tinha começado a vender publicidade para o Sacramento Bee porque o proprietário deste carecia de faro e tinha um anúncio da Smith's Undertaking Establishment [Agência Funerária Smith] num canto inferior da primeira página. "Ora, quem é que quer ver um anúncio de uma morgue na primeira página?", perguntou ele com alguma aspereza. "Seria diferente se fosse o Palácio de Prazer da Maizie." Perguntado se o Bee também levava anúncios de um sítio de raparigas como esse, ele riu-se: "Uns muito discretos. Apenas 'Maizie's, Almoços Grátis'." Com detalhes infinitos, o Sam discutiu os lugares e as pessoas que conhecia, como a Loja de Arreios do Jake, o Emporium, o saloon no Sacramento Hotel, o presidente da câmara Joe Calp e as raparigas da Maizie.

Levado alguns anos para a frente, afirmou que agora estava a escrever editoriais para o Bee e, quando Jane expressou surpresa por "um tipo sem

instrução como tu saber escrever", o Sam explodiu: "Tenho dois olhos bons, dois ouvidos e dois pés, e comprei um dicionário. Não se aprende tudo na escola. Eu já andei por aí e aprendi muito. Há todo um mundo lá fora, sabe? Comecei a perceber que há poder na palavra impressa. Digo-lhe, não é coisa com que se brinque. Fazemos muita moldagem com aqueles editoriais." Perguntado se assinava os seus artigos, deu de ombros. "Toda a gente sabe quem eu sou. Digo-lhe, eu sou um poder nesta comunidade."

De pequeno jogador, o Sam Sneed afirmava ter progredido para um "cidadão tão sólido" que ele e o editor estavam agora a expor a corrupção. "Também estou a escrever muitas coisas engraçadas; tenho um grande sentido de humor", gabou-se. "Meu Deus, como eu tenho talento! Um tipo esperto e jovem como eu consegue orientar-se sem a aprendizagem da escola. Sempre achei que consigo fazer tudo o que os outros fazem. Só é preciso um dicionário."

Nesta altura, Jane Winthrop foi chamada brevemente para fora da sala e, antes de sair, pegou na Barbara pelo braço e disse-lhe para descansar calmamente até ela voltar. Usei esta oportunidade para verificar o gravador e, quando olhei em seguida para a Barbara, ela estava deitada no sofá com o braço direito esticado acima do corpo. Percebendo que a Jane o tinha deixado assim inadvertidamente, disse: "Barbara, podes baixar o braço." Não houve resposta; por isso, após cerca de trinta segundos, comentei novamente: "Sam, põe o teu braço ao lado do corpo." A Barbara não se mexeu e tornou-se óbvio que ela não aceitava instruções de ninguém a não ser da pessoa que a tinha hipnotizado. Permaneceu naquela posição, com o braço apontado para o céu, até a Jane regressar dez minutos depois.

Nesta fase, a Barbara já estava sob hipnose há quase duas horas; por isso, assim que a Jane voltou e a fez baixar o braço, levou-a para o último dia da sua vida como Sam Sneed, perguntando: "Qual é a primeira coisa que fizeste hoje?"

"Mijei", respondeu Sam sem elegância. Enquanto lutávamos para controlar o riso, Sam disse que tomou o pequeno-almoço no restaurante do hotel e depois saiu para o passeio. Interrompendo uma longa pausa, Jane instigou: "O que aconteceu a seguir?"

Erguendo-se do sofá, o sujeito gritou: "Aquele bastardo ranhoso deu-me um tiro!"

"Porquê?", perguntou Jane num tom chocado.

"Algo que eu tinha escrito sobre ele."

"Corrupção? Era verdade?"

"Tão certo como Deus existir, era verdade", disse Sam de forma convincente.

Incentivado a contar sobre o seu funeral, Sam declarou: "Toda a cidade veio, e todas as raparigas da Maizie, com todas as suas galas. Que forma de partir! Que funeral!" Solicitado a recordar o que o Pastor disse nos serviços, Sam mimetizou: "Sam Sneed foi um g-r-a-n-d-e cidadão... um grande cristão." Desatando numa gargalhada rouca, berrou: "Meu Deus, conseguem imaginar-me — um grande cristão? Aquele pároco pio e porcalhão. Aquele parvo de um pároco metodista. Ora, ele é tão vigarista como eu e sabe-o. Ele há de pagar. Sam Sneed, um grande cristão! Podia ter morrido de tanto rir."

Questionado sobre onde estava durante o funeral, Sam riu-se: "Durante algum tempo estive sentado mesmo em cima daquela velha caixa de pinho. Ri-me tanto que podia ter morrido. Todos eles faziam caras tristes pelo 'pobre e velho cristão Sam'. Devo dizer que tinha muito bom aspeto naquela caixa. Felizmente, o tipo não me estragou a cara quando me deu o tiro. Abriu-me um belo buraco no peito, mas o agente funerário fez um bom trabalho a consertar-me e não se notava. Tinha um colete aos quadrados, mas tinha-me tornado mais discreto e, graças a Deus, arranjei um fato preto. Tinha um aspeto respeitável!"

Perguntado se recomendava funerais, riu-se: "Não vai querer perder. A melhor festa em que já estive. Todos eles a falar do bom do Sam, e olhem que aqueles bastardos ranhosos me enganavam nas cartas sempre que podiam, e depois faziam aquelas caras tristes." Sam disse que foi enterrado "mesmo do outro lado do rio", no cemitério de Sacramento, e que a sua lápide dizia: "Em memória reverente de Samuel S. Sneed, pelos seus amigos. 1896."

Jane Winthrop perguntou se ele deixou testamento, ao que o Sam respondeu: "Bem, eu diria que um homem bom e bem instruído como eu tinha um testamento. Deixei tudo para o Palácio de Prazer da Maizie, 'para a edificação dos seus espíritos'. Por Jesus, como elas se riram com isso!"

"Tinhas muita coisa?", instigou Jane. "Bem, deixei tudo o que tinha à Maizie. Não tinha muito dinheiro vivo, mas há uma quantidade razoável de terras e, quando resolverem as coisas do escritório imobiliário, a Maizie deve safar-se muito bem. Da forma como o valor das terras está a subir, eu diria que era uma fortuna de bom tamanho, se a Maizie guardar as terras; digamos uns quinze ou vinte mil dólares."

Sam disse que após o funeral foi "com os rapazes" de volta ao saloon do hotel, onde o barman ofereceu uma rodada de bebidas e eles brindaram: "Ao Sam, que descanse em paz." Admitindo que ficou "bastante comovido" pelas homenagens, disse: "Fui uma pessoa realmente honesta naquela cidade, por Deus. Foi a única coisa honesta que fiz, por isso Jesus não se meta com isso." Perguntado por que nunca casou, disse: "Bem, se a Maizie fosse do tipo de casar, e eu fosse do tipo de casar, provavelmente ter-nos-íamos casado, mas éramos apenas amigos. Além disso (com um risinho), não me via a dar tudo a uma só."

Jane perguntou ao Sam por que se tinha regenerado nos anos finais, ao que ele respondeu: "Era simplesmente fácil demais... já não era um desafio. Era tão fácil aproveitar-me daqueles pobres coitados iludidos e sem instrução que, ao fim de algum tempo, já não tinha piada. Ser honesto era um desafio maior."

A Barbara foi então instruída a avançar no tempo para avaliar aquela vida como Sam Sneed e dizer o seu propósito. "Não foi desperdiçada", começou ela lentamente. "Mas percebe que passei quase toda a minha vida a aproveitar-me da estupidez de outras pessoas para minha própria vantagem? Só perto do fim é que percebi que era mais divertido ser honesto do que vigarista. Aí é que fui realmente esperto, mas só tive alguns anos para tentar retificar todas aquelas más ações. Levei quase quarenta anos para perceber que não é assim tão esperto enganar as pessoas; que é melhor fazer sobressair a sua bondade do que insistir na sua estupidez."

Jane perguntou o que as almas fazem entre vidas, e a voz da Barbara continuou: "Temos de avaliar, pesar a vida passada e formular o que é que vamos precisar e o que vamos procurar na próxima." Perguntada sobre o que vai voltar para aprender, respondeu: "Agora devo aprender a amar."

"Por que escolheste nascer mulher desta vez?", continuou Jane.

"Porque não tinha tratado muito bem as mulheres naquela vida", respondeu ela.

"Que outra lição aprendeste como Sam, da qual podes tirar proveito na tua vida como Barbara?"

"Tem de ser difícil. Se for fácil demais, não crescemos. Se a vida toda for fácil, nunca aprendemos. Simplesmente não nos envolvemos no que é fundamental." E, com isto, Jane trouxe lentamente a Barbara para fora do transe.

Observar a transformação do fanfarrão e gabarola Sam Sneed numa encantadora e atraente matrona da Califórnia foi uma experiência assombrosa.

Durante duas horas estive tão envolvida na vida deste "Cromos de Personalidade" que senti que o conhecia melhor do que à maioria dos meus amigos, porque este parecia ser o homem interior a falar. Aqueles que ouviram a gravação captam esta mesma intensidade de sentimento e dão gargalhadas com as suas tiradas atrevidas.

Foi, portanto, com um desconfortável sentimento de estar a espiar um velho amigo que escrevi a Eugene Hill, editor executivo do Sacramento Bee, para perguntar se ele poderia verificar algumas das afirmações. Não lhe disse por que queria saber, mas ele foi admiravelmente cooperativo e a sua carta subsequente soou como um segundo funeral para Samuel S. Sneed. Disse que não havia registo de um Sacramento Hotel na Rua L onde o Sam o tinha colocado, nem em qualquer outra rua.

O Diretório da Cidade daquela época não listava nenhum Sam Sneed, o que poderia ser compreensível se ele vivesse num hotel, mas também não mostrava nenhum Joe Calp. Os registos da biblioteca municipal não mencionam a Loja de Arreios do Jake, nem o sepultamento de um Sam Sneed, e o Bee não tem conhecimento de que ele tenha trabalhado lá há setenta anos.

Qual é, então, a explicação? Certamente que a Barbara não fabricou deliberadamente para si própria uma vida anterior como vigarista das cartas e gabarola sem instrução. As atividades de Sam Sneed eram totalmente estranhas à educação refinada de Barbara na atmosfera conservadora de uma pequena cidade do Médio-Oeste e de um campus universitário e, tanto quanto ela tem consciência, não leu nem viu filmes de uma personagem que se aproxime da história de vida do Sam. É possível que tenha aprendido na escola primária que uma secção de terra compreende seiscentos e quarenta acres, mas está confiante de que, se alguém lhe tivesse pedido essa informação antes de ser hipnotizada, não a teria conseguido fornecer.

A mudança total de personalidade pela qual passou enquanto "revolvia" o Sam Sneed foi tão dramaticamente diferente da sua própria quanto o tom de voz, o vernáculo e a profanação. Não há dúvida de que ela estava hipnotizada, uma vez que uma pessoa consciente acharia extraordinariamente desconfortável manter o braço acima da cabeça durante quase quinze minutos — embora isso não a tenha incomodado minimamente — e a sua indignação explosiva ao ser baleada por um burlão foi digna de uma atuação de Sarah Bernhardt, caso tenha sido fingida.

Há uns anos, a Barbara viveu durante uns meses num subúrbio de Sacramento, mas estava tão ocupada com dois filhos pequenos que foi ao centro da cidade apenas duas vezes; e, se estivesse a recorrer à sua memória consciente,

não teria cometido tantos erros sobre ruas e lugares. Uma explicação mais provável é que, tendo vivido outrora em Sacramento como Barbara, colocou subconscientemente o cenário da vida de Sam Sneed também ali, ao passo que os eventos descritos podem ter transcorrido realmente noutra cidade qualquer.

Perplexa com a nossa incapacidade de resolver o enigma, questionei vários psiquiatras eminentes que trabalharam com regressão hipnótica. Eles atribuíram tais erros a três condições possíveis:

Um sujeito, ansioso por responder ao interrogatório de um hipnotizador, pode identificar-se subconscientemente com alguém de quem ouviu falar ou sobre quem leu, e fabricar detalhes tal como inventamos histórias para contar aos nossos filhos.

Enquanto em transe hipnótico, o sujeito pode ser temporariamente possuído por uma entidade ligada à terra e ser usado como médium para contar uma história gabarola.

O sujeito pode estar realmente a reviver uma das suas próprias encarnações anteriores, mas a entidade pode tentar fazer-se parecer mais glamorosa ou bem-sucedida do que os factos justificam. Muitos investigadores do caso Bridey Murphy acreditam que esta é a explicação para algumas das suas afirmações patentemente falsas, e que ela estava melancolicamente a tentar fazer uma vida extremamente monótona parecer mais importante.

Os psiquiatras sugeriram re-hipnotizar a Barbara sem lhe falar dos erros, para que o Sam Sneed pudesse ser confrontado com as inconsistências na sua história. Assim foi feito e, ao ser regredida a uma vida anterior, a Barbara surpreendeu-nos ao descrever primeiro uma encarnação como Richard Stephenson, um rapaz de uma quinta no estado de Nova Iorque, que morreu em 1811 aos doze anos, quando uma parelha de cavalos se espantou e o esmagou contra uma árvore.

O hipnotizador instruiu então a Barbara a avançar no tempo até se encontrar noutro corpo e, à contagem de vinte e cinco, ela identificou-se de forma convencida como Sam Sneed, deu a sua idade como trinta e sete anos e disse que estava a usar sapatos pretos, um casaco preto e "calças cinzentas-azuladas de risca fina". Quando perguntado sobre a cor do cabelo, o Sam riu-se ruidosamente e respondeu: "Acastanhado."

"O que é que tem tanta piada?", instigou Jane Winthrop.

“Beeeeeem”, riu-se o Sam, “já não há grande coisa lá em cima. Mas sou um tipo bem parecido.” Disse que estava presentemente numa pequena cidade do norte da Califórnia para negociar algumas terras. “Eu lido com propriedades”, explicou grandiosamente. “Aqui em cima tenho estado a comprar terras de cultivo. Há muitas outras terras que são muito rochosas e têm pinheiros, mas não consigo interessar ninguém em desenvolvê-las para madeira.” Sam disse que trabalhava a partir de Sacramento e que, quando lá estava, vivia no Grand Hotel. Admitiu que por vezes usava um baralho marcado quando jogava cartas com “um grupo regular de cavalheiros”, mas quando perguntado como marcava as cartas, disparou: “Realmente não acho que isso seja da sua conta.” (O editor Eugene Hill confirmou mais tarde que, na década de 1890, existia um Grand Hotel na Rua K.)

Sam ficou bastante indignado quando desafiado sobre algumas das suas afirmações anteriores. Insistiu que eram verdadeiras e manteve-se fiel à história original, fornecendo alguns detalhes adicionais. Deu o nome da “madame local” como Maizie Moller (uma grafia fonética, já que ele apenas a pronunciou) e disse que foi mortalmente baleado por Frank Jordan, um rancheiro.

“Eu apanhei-o num negócio sujo”, asseverou ele, quando questionado sobre a razão pela qual Jordan o matara. “Ele estava a tramar um negócio sujo, a comprar terras sob outro nome e a aproveitar-se do governo, e eu denunciei-o.” Ele indicou que não estava na folha de pagamentos do Sacramento Bee, mas que ocasionalmente contribuía com artigos sob vários pseudónimos, “e as pessoas sabiam que era eu que os escrevia”.

Informado de que o cemitério da cidade não tinha registo do seu sepultamento, soltou um “hmmmmm” surpreendido e insistiu que conseguia ver a sua lápide. “Está um bocado tombada para um lado e o cemitério parece abandonado”, refletiu. “A marcação está quase coberta por trepadeiras, mas ainda se consegue ler ‘Em memória reverente’ nela.” Com isto, desatou novamente numa gargalhada alta, como se recordasse todos aqueles tributos fúnebres a ele como um “bom cristão”.

Sam Sneed parece inteiramente real demais para ser descartado como um voo de fantasia. Pode ter-se gabado demasiado da sua regeneração e do seu estatuto como cidadão sólido, mas aqueles que viram a Barbara sob hipnose, ou ouviram as gravações, estão convencidos de que um espirituoso vigarista das cartas chamado Sam Sneed outrora viveu, respirou e existiu. Sacramento pode não ter sido o lugar onde ele se pavoneou, mas talvez um leitor deste livro possa fornecer a pista que falta.

## Capítulo 6
## Entre Vidas

Um psiquiatra proeminente que regrediu mais de cem pacientes através de hipnose, durante os últimos dez anos, relata que a maioria dos "bons sujeitos" consegue falar tão facilmente sobre o período "entre vidas" como sobre anteriores encarnações terrenas; e que, apesar de antecedentes religiosos e culturais amplamente díspares, todos dão aproximadamente a mesma descrição do "mundo espiritual".

"Em muitos casos, expressam grande alegria por estarem mortos", disse ele, "acentuando a sensação maravilhosa de se sentirem muito mais livres e 'vivos' do que quando estão no corpo físico. Numa ocasião, observei a um sujeito hipnotizado: 'Agora que estás morta, como te sentes?', e ela protestou acaloradamente: 'O morto é você, não eu'."

O psiquiatra disse que, assim que profere alguma frase como "Agora que a alma deixou o corpo", o sujeito geralmente conta a razão da vida que acabou de viver, dizendo: "Tive de aprender a ser menos egoísta" ou "Tive de experienciar a falta de bondade para poder saber quão importante a bondade é". Quando questionados sobre o propósito geral da vida terrena, a resposta é frequentemente: "aprender a amar" ou "tornar-se mais semelhante a Cristo e atencioso com os outros".

"Talvez o sujeito tenha descrito uma vida na qual era ateu ou alguém que não frequentava a igreja", continuou o hipnotizador, "mas imediatamente após lhe ser dito que 'a alma deixou o corpo', essa mesma pessoa responderá às minhas perguntas dizendo: 'Claro que acredito em Deus. Toda a gente acredita em Deus. Deus é!'. Quando questionados sobre o significado do termo almas antigas, a resposta é invariavelmente que tal entidade encarnou muitas, muitas vezes, adquirindo assim uma sabedoria considerável; ao passo que uma Alma Jovem, tendo tido menos vidas terrenas, ainda tem muitas lições a aprender. Os sujeitos costumam salientar que, quanto à idade, no entanto, todos são iguais, tendo existido desde o início. Questionei alguns deles sobre os chamados anjos da guarda, e eles respondem que todos temos muitos deles, e que podem variar dependendo do problema particular em questão. Por exemplo, uma mulher que tenha medo do parto será rodeada por anjos da guarda que, durante as suas próprias vidas terrenas, também temeram o parto, mas tiveram partos normais.

Uma pessoa que queira abandonar o vício do álcool e reze por ajuda, será rodeada por almas que superaram o problema com sucesso. O valor da oração é repetidamente enfatizado. A ideia é que, quanto mais orações forem devotamente

oferecidas, mais anjos da guarda virão ajudar; e que eles nada mais são do que almas como nós, mas entre vidas.

"Perguntei frequentemente a sujeitos hipnotizados sobre fantasmas e recebi respostas semelhantes. Os fantasmas, indicam eles, são de duas variedades: um parente ou amigo próximo que vem avisar de um perigo iminente, ou alguém que morreu violentamente e, não percebendo que partiu, permanece para 'assombrar' as instalações que conhecia.

"Os meus pacientes regredidos dizem que as mesmas almas regressam juntas vez após vez, como amigos, parentes e inimigos; e que podemos ganhar o direito de escolher os nossos próprios pais. Uma jovem continuava a dizer-me 'entre vidas' que queria nascer de novo e, quando perguntei o que a impedia, disse que a mãe dela ainda não tinha nascido. Ela situara a época aproximadamente em 1880, e uma verificação subsequente mostrou que a sua mãe não nasceu senão depois dessa data.

Estou convencido de que toda a gente que pode ser regredida através de hipnose descreverá tantas vidas quantas se deseje investigar, mas o aspeto surpreendente é que os sujeitos raramente se contradizem. Um dos meus sujeitos descreveu mais de vinte vidas passadas e nem uma única vez houve uma discrepância nas datas, de modo que uma vida se sobrepusesse a outra."

Perguntei ao psiquiatra se ele concorda com alguns críticos que afirmam que as pessoas regredidas fabricam histórias para agradar ao hipnotizador ou para alimentar os seus próprios egos, e ele respondeu: "Não na minha experiência. Muitos dos sujeitos sofrem atrozmente e descrevem vidas monótonas que apenas poderiam deflacionar os seus egos." Isto pareceria certamente ser verdade no caso do conhecido advogado, não crente na reencarnação, que, no entanto, descreveu sob hipnose uma vida como prostituta e ficou tão chocado com a experiência que depois teve pesadelos com isso. Também seria verdade para a mulher que contou aos gritos ter sido enforcada por roubar, e para a francesa que disse ter sido decapitada porque foi encontrada num quarto de hotel com o seu amante britânico.

O psiquiatra acrescentou que alguns sujeitos falam em línguas estrangeiras das quais não têm conhecimento consciente, e muitos descrevem cenários e situações que estão simplesmente fora do seu alcance normal. Citou como exemplo o caso de Jane Winthrop que, ao descrever a vida de Mary Dunlap, disse que no seu banquete de casamento várias mulheres estavam sentadas em cepos a amamentar os seus bebés. "Exige um esforço da nossa imaginação acreditar", disse ele, "que uma mulher do calibre de Jane Winthrop teria

deliberadamente ‘criado’ uma cena tão estranha como parte de uma celebração de casamento.”

Entre os aspetos mais intrigantes da regressão hipnótica está a filosofia espiritual que brota dos lábios de um sujeito em transe quando instruído a discutir o estado “entre vidas”, ou a avaliar a encarnação que aparentemente reviveu. No seu estado normal, ele pode ser pouco articulado, mas sob hipnose fala com calma segurança nesta fase da regressão. E quer os sujeitos acreditem ou não na reencarnação e em Deus, a filosofia encaixa-se perfeitamente. Para citar dois exemplos típicos:

Ao visitar Jane Winthrop na Califórnia, no início de 1968, conheci duas jovens com antecedentes altamente dissimilar. A bela e vivaz Vickey Hinchman é felizmente casada com o presidente da Research Development Manufacturing Company de Culver City, Califórnia, e é uma pessoa extremamente bem ajustada. Helen Macon, por outro lado, teve uma infância assumidamente infeliz, está em processo de divórcio e é professora primária.

Helen Macon declarou frontalmente que a doutrina da reencarnação é um disparate. Foi enfática ao argumentar que nem ela nem mais ninguém tinha ocupado mais do que um corpo físico e, talvez para provar o seu ponto de vista, concordou em deixar Jane Winthrop tentar hipnotizá-la. Estendendo-se no sofá do escritório, Helen fechou os olhos e concentrou-se nas instruções enquanto Jane lhe dizia suavemente: “Vais recuar, recuar, recuar no tempo, até que, à contagem de vinte e cinco, possas contar-nos sobre o corpo no qual te encontras. A tua mente permanecerá aguçada e clara, e depois recordarás tudo o que acontecer. Agora relaxa. Um, dois, três...”.

À contagem de vinte e cinco, Jane sugeriu energicamente que ela se descrevesse e Helen, com um ceceio infantil totalmente diferente da sua própria voz assertiva, sussurrou: “Os meus pés doem”.

“Porque é que os teus pés doem?”, perguntou Jane.

“Ataram-nos, para que não cresçam e fiquem grandes e feios como os da minha amah”, explicou ela. Depois, em resposta a perguntas, disse que tinha três anos e deu o seu nome chinês e a cidade onde vivia.

Levada quinze anos para a frente no tempo, disse que estava agora casada com um homem que o seu pai escolhera “porque ele é muito rico”. Perguntada se tinham filhos, respondeu: “Não, sou estéril. Mas não me importo. Odeio o meu marido. Ele é horrível para mim.”

Um pouco mais tarde, a amargura transforma-se em euforia ao contar que foi carregada por coolies para uma casa de chá, onde deveria ter um encontro com o seu amante. “Não deveria ir lá”, sussurrou em tons conspiratórios, “mas ele enviou uma mensagem para eu ir. Ele pagou aos coolies e a mulher proprietária da casa de chá dar-nos-á privacidade.” Avançada para as horas finais dessa vida, Helen desatou em soluços lancinantes, dizendo: “Tenho medo. Tenho tanto medo! Ele pôs uma chávena de chá à minha frente e eu tenho de a beber. Ohhhh, nunca mais verei o meu lindo filhinho.”

“Porque tens medo?”, instigou Jane. “Já agora, eu pensava que não podias ter filhos.”

Tentando suprimir os soluços que a esta altura quase a sufocavam, Helen respondeu: “Eu não era estéril de todo. Tive um bebé, mas não era do meu marido.” Sob interrogatório contínuo, a história foi gradualmente ganhando forma. Depois de descobrir a gravidez, criados leais disseram ao marido que ela estava demasiado doente para ele a ver e, quando a sua condição já não pôde ser ocultada, ajudaram-na a escapar para uma casa nas montanhas. Depois, informaram o marido de que ela contraíra lepra e fora para uma colónia de leprosos para evitar infetá-lo. Durante os últimos nove anos, tinha vivido feliz na residência da montanha com um criado e o seu filhinho, cujo pai natural vinha frequentemente visitar.

Perguntada sobre o que correra mal agora, lamentou-se: “Fui tola. Confiei na minha irmã. Queria algo da minha antiga casa — uma pequena escultura de marfim que o meu amante me dera outrora. Tinha-a enterrado no jardim e, quando um criado veio com mantimentos, pedi-lhe que fosse lá e a desenterrasse para mim. Tinha-lhe dito para dizer à minha irmã, mas não se pode confiar nela. Ela é cruel! Ela não tem um amante.”

A irmã, disse ela, contou ao pai e ao marido, que vieram às montanhas e a surpreenderam com o seu amante. Este último foi autorizado a partir com o filho de nove anos. Depois, o pai disse a um criado para trazer uma chávena de chá, “e eu tenho tanto medo”, arquejou ela. “O meu pai está a pôr um pó branco nela. Agora está à minha frente. Tenho de beber. Nunca mais verei o meu lindo filhinho.” Um momento depois, tendo aparentemente bebido a poção mortal, começou a gemer: “As minhas entranhas estão a arder.” O seu tormento físico era tão aparente que Jane veio rapidamente em seu socorro, dizendo: “Agora o espírito deixou o corpo. Não sentirás mais dor. Conta-nos o que aconteceu. Odeias o teu pai por te fazer beber veneno?”

“Oh, não”, respondeu ela, numa voz docemente submissa. “Eles sentiram que estavam a fazer a coisa certa. Consigo ver o interior do meu pai agora e ele

ama-me, mas teve de o fazer porque eu os tinha desonrado." Jane perguntou se a família não tinha feito nenhuma tentativa de a visitar na colónia de leprosos durante todos aqueles nove anos que pensaram que ela estava lá, ao que ela respondeu: "Claro que não. Não se vai lá. Eu nunca fui lá. Apanhava-se lepra!" Identificou o ano da sua morte como 1757.

Jane Winthrop disse depois a Helen que ela avançaria no tempo até se encontrar "noutro corpo". Helen pareceu dormitar durante a contagem até vinte e cinco, mas quando Jane a completou e perguntou se os seus pés doíam, respondeu: "Claro que não. Estão descalços." Disse que era uma menina de nove anos, num vestido vermelho e branco, "a correr, a correr, a correr no bosque", e que o seu nome era Nancy Woods.

"Em que país estás?", perguntou Jane.

"Missouri", respondeu ela.

"Que ano é?"

"Mil oitocentos e dezanove".

Levada para a frente até à idade de vinte e cinco anos, Nancy Woods disse que o seu apelido era agora Johnson. Estava casada desde os dezasseis anos e tinha quatro filhos. Perguntada sobre o que o seu marido fazia da vida, respondeu: "Trabalha na plantação, claro." Jane disse que nunca ouvira falar de uma plantação no Missouri, e Nancy retorquiu positivamente: "Bem, nós estamos numa plantação." Fez uma pausa e depois acrescentou: "Não é nossa, sabe."

"Têm negros para ajudar nas colheitas?", perguntou Jane.

"Ora, nós é que somos os negros", disse ela com naturalidade.

"Oh! O teu cabelo é encarapinhado?"

"Claro que sim!"

Nancy (ou Helen) identificou o dono da plantação como "Sr. Langley" e insistiu que este era o seu nome completo, até que finalmente recordou ter ouvido a "gente branca" chamar-lhe Thomas. Disse que ele chamava à mulher Caroline, e que tinham filhos chamados Caroline, Thomas, Dorothy e Mark. Perguntada o nome da cidade mais próxima, respondeu indiferentemente: "Não sei. Nunca lá estive."

Nancy teria supostamente vinte e cinco anos nesta altura, mas não tinha recordação de ter ouvido o nome do local onde os Langley compravam mantimentos que não produziam na propriedade. Jane instruiu-a, por isso, a perguntar a Caroline Langley, de onze anos; e após uma pausa, durante a qual pareceu estar a manter uma conversa privada, Nancy disse: "Ela diz que é Jackson."

Jane disse-lhe para descobrir em que condado ficava Jackson, e desta vez Nancy respondeu com alguma ansiedade: "Ela pergunta-me: 'O que é que se passa contigo? Estás louca ou quê? Para que é que precisas de saber?'". Instruída a entrar na casa grande e a perguntar a alguns dos adultos, Nancy ficou calada durante algum tempo e depois explodiu: "Eles olham todos para mim como se eu fosse louca por perguntar. Não me respondem."

Enquanto regredida à sua infância, Nancy dissera que invejava as crianças brancas nalguns aspetos, mas noutros não. "Têm roupas tão bonitas, e andam em carruagens, e têm comida tão deliciosa", suspirou. Instigada a dizer de que forma não invejava as crianças Langley, exclamou: "As meninas não podem andar sem sapatos. Têm de ter o cabelo escovado e encaracolado, e fitas postas nele. Têm de ter cuidado com os vestidos para se manterem limpas. Não podem chapinhar descalças no ribeiro e correr no bosque como eu faço. Eu adoro correr no bosque."

Aos vinte e cinco anos, a sua conversa com a hipnotizadora foi assim:

"És escrava?"
"Sim, claro."
"O patrão vende escravos, e vender-te-ia a ti ou à tua família?"
"Podia, mas não o faria. Este é o nosso lugar. Sempre estivemos aqui."
"Os teus pais vivem aí?"
"A minha mãe morreu e o meu pai é muito, muito, muito velho. Já não tem de trabalhar."
"O Sr. Langley é muito bondoso para connosco."
"Os homens brancos alguma vez se metem contigo, Nancy?"
"Claro que não. O Sr. Langley é um cavalheiro."

Jane levou Nancy ao último dia da sua vida e, quando ela falou novamente, a sua voz soou trémula de velhice ao dizer: "Sou muito, muito velha. (Suspiro longo) Devo ter uns noventa. Tenho bisnetos agora." Disse que apenas três dos seus filhos viviam. Tommy e Alice tinham morrido de escarlatina, e um bebé nasceu morto. "Mas isso foi há muito tempo. O meu marido também morreu. Difteria. Mas isso foi há tanto tempo. Tanto tempo...".

Recordou que durante a Guerra entre os Estados, soldados com longos mosquetes tinham entrado uma vez na cozinha e na sala de jantar, "e tivemos de cozinhar para eles". Perguntada se eram soldados inimigos, respondeu: "Não os inimigos, mas não eram amigáveis connosco. Exigiam tudo o que queriam, e meteram muitas galinhas a cacarejar em sacos de serapilheira e levaram-nas."

Depois de lhe ser dito que o seu espírito deixara o corpo, foi-lhe pedido que descrevesse o seu funeral, e ela tornou-se invulgarmente animada, dizendo: "É um funeral bonito. Os meus netos estão aqui em volta. Alguns estão a chorar; nem todos. As crianças pequenas estão apenas interessadas e meio entusiasmadas com o que se está a passar. Não é uma igreja, sabe. É à beira do bosque, e cavaram um buraco ali para pôr a caixa. Consigo ver o pregador. Ele é de cor. Veste uma camisa com riscas azul-escuro especial para a ocasião, e uma gravata. Está a segurar uma Bíblia contra o peito e a balançar-se sobre os calcanhares.

Tem piada observá-lo! Está a revirar os olhos agora e a dizer: 'Caros amados, estamos aqui hoje reunidos'. (Rindo) Ele parece tão pomposo, a revirar os olhos para o céu. 'Ela viveu uma vida longa e cristã. Criou os seus filhos para serem bons cristãos aos olhos do Senhor. Amém.' Todas as pessoas estão a pôr as mãos no coração e a dizer: 'Amém'. Olhem para a minha bisnetinha — ela também é Nancy — a pôr a mãozinha no coração depois de todos os outros terem feito o mesmo, e a dizer: 'Amém'. Não acham que ela é linda!".

Depois de ter lançado um último e demorado olhar ao funeral, Jane pediu-lhe que avaliasse aquela vida como Nancy, e o sujeito hipnotizado respondeu: "Houve muitas coisas sobre essa vida que foram muito importantes. Não vi realmente acontecer porque éramos felizes, mas havia um grande antagonismo entre as raças de cor e branca. Os Langley tratavam-nos como pessoas. Eram bondosos, mas eu tive de aprender a paciência, claro. Foi um tipo de vida feliz, embora eu tenha trabalhado muito e estivesse numa posição inferior."

Jane Winthrop pediu-lhe então que discutisse o período entre vidas e respondesse a algumas das nossas perguntas sobre o ciclo do renascimento. A professora em transe disse que não temos necessariamente a mesma família de cada vez, pois os nossos relacionamentos com outras entidades são frequentemente baralhados, mas que ordinariamente selecionamos os nossos pais.

"Tenho certos obstáculos que tenho de superar para aprender", explicou ela, "e os pais que escolho também têm algo a aprender por me terem, por isso é uma dupla atração. Às vezes cometes um erro na tua seleção, mas não precisas de desperdiçar essa vida em particular por causa disso. Mesmo que não possas

trabalhar nas lições específicas pelas quais pretendias regressar, podes estar a aprender outras coisas, embora por vezes estejam fora da ordem esperada."

Helen disse que o propósito do renascimento contínuo é procurar a "sabedoria — o conhecimento completo", e que a meditação é extremamente importante para todas as pessoas a fim de "desenvolver um maior autoconhecimento e, através desse conhecimento, encontrar Deus". Solicitada a definir Deus, disse: "Deus é o nome para O Que É". Instruída a explicar a diferença entre oração e meditação, disse: "O Pai Nosso é o mesmo que a meditação. Meditação significa dar a nossa total atenção a algo em que a nossa atenção está focada. A oração é diferente. Não é bom recitar orações que outra pessoa inventou. A oração que rezamos hoje não servirá necessariamente para amanhã. Devemos fazer um novo contacto com Deus de cada vez."

Disse-nos que, quando rezamos por ajuda em tempos de perigo ou de crise, "atraímos uma força tremenda, uma captação de energias de entidades que nos podem proteger do mal, se a oração for sincera". Respondendo a perguntas específicas, disse: "Tenho consciência de luz em todo o lado. Pareço estar onde quer que pense. Há almas por todo o lado e, claro, podemos comunicar. Como? Simplesmente sabemos! O nosso maior período de desenvolvimento é na terra, e não aqui, porque ali colocamo-nos contra obstáculos e, à medida que os superamos, crescemos em compreensão. Entre vidas terrenas temos um conhecimento em expansão e, após avaliarmos os erros da nossa vida passada, decidimos o tipo de obstáculos que melhor nos ajudarão a avançar na próxima encarnação."

Definiu uma Alma Antiga como aquela que "se desenvolveu mais através de renascimentos frequentes" e disse: "Todas as almas sempre existiram, mas nem todas viveram na terra ou escolheram regressar lá com frequência. Há mais pessoas na terra agora do que nunca, devido à maior oportunidade de nascer. É uma coisa puramente física. Há mais veículos disponíveis — mais corpos; uma aceleração do ritmo para o desenvolvimento."

Ela disse que a água, o fogo e a cor são essenciais para o desenvolvimento da alma, bem como para o ser físico, mas que "o amor é a coisa mais importante; um cuidado altruísta com o que acontece às outras pessoas, bem como a nós próprios".

"O homem começou na água", continuou ela, "não apenas como uma ameba no mar, mas também como um embrião na água, e as células lembram-se. Por essa razão, nadar é muito importante, bem como a sensação do sol no corpo. Estes são elementos básicos. As pessoas precisam de cor, beleza, natureza. Tudo é composto por cor, mas com a maquinaria, o pó, os edifícios feios, o lixo e a

poluição, tudo se está a tornar num cinzento baço. As pessoas precisam de cor e de solidão para comunicarem com as suas almas. Isto é tremendamente importante para o seu desenvolvimento. Tirem tempo para comungar, tempo para cuidar e tempo para amar."

Helen foi gradualmente retirada do seu estado hipnótico, após o que permaneceu calmamente no sofá por alguns minutos antes de observar, num tom de total perplexidade: "Se a reencarnação não é nada, de onde é que veio tudo isto? Simplesmente não consigo compreender!"

Será de admirar que ela estivesse intrigada? No espaço de duas horas, ela tinha sido aparentemente membro de três raças humanas: amarela, negra e branca.

No dia seguinte, o nosso sujeito foi Vickey Hinchman e, depois de Jane Winthrop a ter regredido hipnoticamente a "outra vida", ela estava a viver numa caverna, numa área que agora chamamos de Círculo Polar Ártico. Ela tinha aparentemente sintonizado um período em que a terra era jovem, há milhões de anos, porque descreveu uma terra tropical pantanosa que estava infestada de feras enormes que "fazem ruídos medonhos". Perguntada se estava a falar de dinossauros, respondeu "antes dos dinossauros", e disse que eram "monstros verdes enormes" cujas patas dianteiras eram ligadas ao corpo por membranas.

Ela foi capaz de nos falar da aparência das feras apenas depois de essa vida ter terminado e de poder olhar "para baixo" para elas; pois disse que, ao longo da sua vida, nunca saiu da vasta caverna em que tinha nascido. Explicou que os homens tinham de se aventurar lá fora para trazer comida, incluindo uma planta que se assemelhava um pouco à beringela atual, mas que nenhuma mulher era suficientemente corajosa para ir devido aos animais, que frequentemente matavam os homens. Apesar das limitações da vida na caverna, Vickey descreveu uma vida feliz, cheia de amor pelo seu marido e filhos, pais e amigos. Aparentemente, o único inimigo do homem naquela época era a fera, não o seu semelhante.

Jane sugeriu que Vickey avançasse consideravelmente no tempo e, à contagem de vinte e cinco, ela identificou-se como Japeth, uma jovem egípcia cujo pai, aproximadamente em 1500 d.C., a tinha vendido a Lander, um árabe rico. Com um olho para detalhes vívidos, descreveu uma tenda decorada com cortinas azuis e douradas, montada junto a um oásis, que partilhava com outras nove mulheres que tinham sido igualmente compradas como esposas para Lander. Solicitada a localizar a tenda de forma mais específica, disse: "Fica a quatro dias de viagem do Nilo. Fomos carregadas para aqui em caixas de seda no dorso de camelos."

Em resposta ao interrogatório, disse: “Sim, fiquei contente por ser vendida. Será uma boa vida. Todas as mulheres estavam entusiasmadas. Vamos brincar juntas e criar os nossos filhos juntas. O ar aqui é tão limpo e quente. Gosto disto. O pai recebeu camelos e sedas em troca de mim.”

Levada para a frente no tempo, disse-nos que o seu marido tinha sido morto numa “escaramuça” antes de ela chegar a vê-lo. Perguntada se voltou a casar, respondeu em tons chocados: “Oh, não. Isso ter-nos-ia maculado, ser vendida a outra pessoa. O nosso marido era rico. Fomos mantidas juntas após a morte dele. Pintávamos flores. Usávamos sumos de fruta para a coloração.”

Depois de Jane lhe ter dito que o seu espírito deixara aquele corpo, e lhe ter pedido que descrevesse o fim da vida, ela disse: “Morri com artrite. Não conseguia pintar devido à dor. Não conseguia respirar. Tive uma morte tranquila. Aquela vida foi um desperdício agradável... mas um desperdício. É mais prazeroso se realizarmos algo, e aquela foi uma vida estéril.” Jane quis saber o que aconteceu ao corpo, e Vickey continuou: “Envolveram-no temporariamente numa gaze macia e fina e estão a levá-lo numa carroça.

Será envolvido novamente num material espesso e rígido, quase como um papel. O corpo foi esvaziado, esvaziado de tudo. Porque haveriam de querer fazer isso? O que é que querem com o corpo? Estão a ser muito gentis com ele. Agora está guardado na passagem movimentada de um túnel subterrâneo onde existem lojas, para que não se sinta sozinho.”

A tranquilidade daquela vida estava em nítido contraste com o horror absoluto de uma muito posterior que Vickey descreveu em seguida. Assim que a contagem terminou, disse que estava deitada num beco encharcado nos arredores de Boston, e que gatos arranhavam um caixote do lixo no qual algo (a placenta?) acabara de ser depositado. “Acabei de nascer”, murmurou ela. “Estou com frio, frio, frio. Oh, estou com tanto frio!” Perguntada sobre a sua mãe, disse: “Ela está a ir-se embora. Vejo as costas dela. Está a deixar-me aqui à chuva. Estou com tanto frio!”

Levada para a frente até à sua morte, Vickey disse que jazera na lama e na chuva durante quase três dias antes de o seu espírito deixar o corpo, e que a lama viscosa parecia muito mais quente do que o ar. Perguntada se ressentia ter sido abandonada pela mãe, respondeu suavemente: “Não, ela amava-me, mas não podia evitar o que fez. O seu amante tinha-a abandonado. Tive a mesma mãe em várias vidas.”

Jane Winthrop perguntou a Vickey, enquanto entre vidas, para definir o Céu, e ela respondeu: "O Céu é um 'algo'. A falta de um vazio. As nossas realizações determinam se vamos para lá. Eu comecei lá. Todos começámos, mas não voltei lá desde então. Ainda não o mereci."

Jane quis saber se as almas devem continuar a reencarnar, e a jovem em transe disse: "Podes desistir se quiseres, ou podes saltar essa parte inteiramente. Precisas de motivação e entusiasmo para tentar alcançar o 'além'. Podes terminar a reencarnação e ficar na escuridão, se escolheres. Depende de cada alma. Cada vez que ocupamos um corpo, é apenas um segundo na vastidão do tempo. Voltamos de cada vez para realizar algo, para compensar qualquer mal que tenhamos feito aos outros, e para evitar que eles sejam feridos. Talvez essa seja a única morte 'natural'; quando já não temos necessidade de voltar."

## Capítulo 7
## Uma Mente Aberta

A reencarnação oferece tantas vantagens que, se mais de nós adotássemos esta filosofia, a vida poderia assumir dimensões mais agradáveis. Os ocidentais, que acreditam que vivemos apenas uma vez, parecem estar sempre com pressa, enchendo cada dia com demasiadas atividades para terem tempo para a contemplação; ao passo que os orientais, confiantes de que cada vida não passa de um breve intervalo no ciclo imutável de retorno, encontram o lazer para formalidades tão encantadoras como o beber chá e a conversação filosófica.

A busca frenética do homem pelo poder e pela riqueza perde a sua atração quando ele aceita a premissa de que os emolumentos mundanos adquiridos numa vida não terão valor na próxima; que as únicas coisas que se transferem serão o bem que ele realizou e o mal praticado. A crença na reencarnação dissipa o medo da morte e alivia a dor do luto, uma vez que aqueles entes queridos que nos precedem na morte serão encontrados muitas vezes novamente. As tensões nas relações familiares podem ser libertadas, ao compreender que os laços foram forjados através de afinidades anteriores ou relações cármicas. Os ódios podem transformar-se em amizades, se os antagonistas aceitarem que, a menos que resolvam as suas diferenças agora, terão de se encontrar novamente sob circunstâncias ainda mais difíceis.

A filosofia da reencarnação, quando devidamente aplicada à vida quotidiana, promove a compaixão pelos outros menos afortunados; mas em algumas culturas orientais é mal aplicada. Os intocáveis são um caso em questão. Aqueles hindus de alta estirpe que tratam outra casta com desprezo absoluto, argumentando que estes mereceram o seu estado inferior devido a erros

anteriores, ignoram a possibilidade de, pelo seu próprio desrespeito insensível pelo sofrimento humano, poderem estar a ganhar um destino semelhante na sua próxima encarnação. Tal como as nossas ações de ontem podem forjar o destino de hoje, a nossa conduta presente determinará o nosso destino futuro.

O Dr. Rudolph Steiner, o antroposofista alemão, comparou o carma ao sono, observando que, tal como nos levantamos todas as manhãs para retomar atividades que foram condicionadas pelas ações de ontem, as ações de ontem determinam a nossa sorte atual. "Se cometi um erro ontem, mesmo que o sono tenha intervindo, devo tentar retificá-lo hoje ou arcar com as consequências", escreveu ele em Reincarnation and Karma. "Caso contrário, seríamos criados de novo todos os dias. Enquanto dormimos, estamos retirados do campo de ação, mas o destino ou carma aguarda quando acordamos. O mesmo acontece com o carma de encarnações anteriores. Pertence-nos. A alma preserva os efeitos das minhas ações de vidas anteriores e faz com que o espírito, numa nova encarnação, apareça na forma que as vidas anteriores lhe deram. O espírito é eterno."

Isto não quer dizer que todos os infortúnios, ou defeitos físicos ou mentais, se relacionem com erros passados. Dentro da estrutura da lei universal temos livre-arbítrio, e algumas almas podem ter escolhido deliberadamente regressar com aflições para aprenderem alguma lição necessária de humildade, tolerância ou compaixão. Nem todos os bebés que morrem por causas inexplicáveis foram privados da vida porque anteriormente tinham tirado a vida a outrem. Alguns podem amar tanto os pais escolhidos que regressaram voluntariamente, e retiraram-se pouco depois, para ajudarem os pais a desenvolverem a compreensão através dessa perda. Assim, se uma mãe se mostrar inconsolável no seu luto, não conseguindo confortar outros através da visão adquirida pela sua própria dor, terá desperdiçado essa oportunidade de crescimento da alma.

Será o ciclo do renascimento realmente difícil de acreditar? Francesco Redi, um cientista italiano do século XVII, foi considerado herético pelos seus contemporâneos porque defendia que mesmo as formas mais baixas de vida têm origem na reprodução; pois os cientistas ortodoxos daquela época acreditavam que vermes, insetos e até peixes podiam originar-se de lama sem vida. Redi insistiu que todas as criaturas vivas descendiam de criaturas vivas e, dois séculos mais tarde, Louis Pasteur encontrou provas irrefutáveis de que a vida brota apenas do gérmen da vida.

Hoje, o cientista espiritual defende que a natureza da alma só pode brotar da alma e, tal como tudo o que é vivo origina-se do que é vivo, cada alma existiu anteriormente. A atual falta de prova para esta afirmação não é assim tão alarmante quando recordamos que o homem não tinha conhecimento sequer da

existência de germes até tempos recentes. A maioria de nós tem tão pouco conhecimento de ciência e matemática que temos de aceitar simplesmente a tese de que a terra gira em torno do sol, ou que Einstein sabia do que falava com a sua lei da relatividade, porque não o podemos documentar pessoalmente.

A crença na reencarnação antecipa a prova científica das leis do universo, incluindo o nosso sistema planetário rotativo, em muitos milhares de anos. Era um princípio fundamental do Bramanismo séculos antes do nascimento de Buda, e da escola de pensamento Vedântica que nem a vontade de Deus nem a culpa dos pais formavam o caráter das crianças. Em vez disso, cada criança é responsável pelas suas próprias capacidades, poderes e caráter através da conduta em vidas anteriores. No século VI a.C., Gautama Siddhartha, um príncipe que estava rodeado de amor e riqueza, renunciou ao mundo para compreender o sentido da vida. Após anos de privações recebeu iluminação e dedicou o resto do seu tempo a ensinar a reencarnação e o carma. Este era Buda, e um dos seus contemporâneos foi Pitágoras, o filósofo helénico que foi à Índia e foi iniciado nos ritos esotéricos bramanes. Os ensinamentos de Pitágoras, que dizia recordar-se de muitas das suas vidas anteriores, influenciaram o pensamento de Platão, que ensinava que a reencarnação periódica é necessária para a perfeição da natureza divina do homem, e que cada alma escolhe a sua própria personalidade e destino antes do renascimento.

O imperador romano Juliano acreditava ter sido Alexandre, o Grande, numa vida anterior, e o Talmude afirma que a alma de Abel passou para o corpo de Seth e mais tarde para o de Moisés. Os Essénios da Palestina acreditavam na reencarnação, e esta foi ensinada na Academia Platónica da Grécia durante nove séculos, até que o imperador Justiniano fechou a Academia em 529.

Em tempos mais modernos, o filósofo escocês David Hume escreveu: “A alma, se imortal, existiu antes do nosso nascimento.” Benjamin Franklin observou: “Assim, achando-me a existir no mundo, creio que, de uma forma ou de outra, sempre existirei; e com todos os inconvenientes a que a vida humana está sujeita, não farei objeção a uma nova edição da minha, esperando, no entanto, que os erros da última possam ser corrigidos.” Ralph Waldo Emerson, o maior filósofo da América, declarou: “Somos movidos pelo instinto, mas temos inúmeras experiências que não têm valor visível, e poderemos resolver através de muitas vidas antes de as assimilarmos ou esgotarmos.”

Mohandas K. Gandhi escreveu a Madeleine Slade, filha de um distinto almirante britânico, que se tornou uma das discípulas de Gandhi: “O que diz sobre o renascimento é sensato. É uma bondade da natureza não nos lembrarmos de nascimentos passados. De que serve saber em detalhe os inúmeros nascimentos pelos quais passámos? A vida seria um fardo se carregássemos uma

carga tão tremenda de memórias. Um homem sábio esquece deliberadamente muitas coisas, tal como um advogado esquece os casos e os seus detalhes assim que estes são resolvidos. Sim, 'a morte não é mais do que um sono e um esquecimento'. Se a morte não for um prelúdio para outra vida, o período imediato é uma zombaria cruel."

Pensa-se que Jesus, tal como Buda, ensinou uma doutrina interior superior aos Seus discípulos imediatos, e isto explica por que razão eles "entenderam que Ele lhes falara de João Batista" quando disse que Elias tinha regressado sem ser reconhecido. Os budistas tibetanos acreditam que o seu Dalai Lama é a reencarnação de Chenrezi, uma das almas emancipadas que saldou todas as dívidas cármicas pessoais, mas regressa voluntariamente para ajudar a humanidade.

Muitos americanos proeminentes não só professaram a sua crença na reencarnação, como pareceram recuperar memórias das suas vidas passadas. Henry David Thoreau escreveu em Letters and Journals: "Vivi na Judeia há mil e oitocentos anos, mas nunca soube que existia alguém como Cristo entre os meus contemporâneos. E de Hawthorne, também me lembro como alguém com quem eu passeava em tempos heróicos antigos ao longo das margens do Escamandro, entre ruínas de carros de guerra e heróis. Tal como as estrelas me pareciam quando eu era um pastor na Assíria, parecem-me agora como um habitante da Nova Inglaterra. Tanto quanto me lembro, referi-me inconscientemente à experiência de um estado anterior de existência."

Louisa May Alcott escreveu numa carta: "Creio que a imortalidade é a passagem de uma alma através de muitas vidas ou experiências; e conforme tais são verdadeiramente vividas, usadas e aprendidas, ajudam na próxima, crescendo cada uma mais rica, feliz e elevada, transportando consigo apenas as memórias reais do que aconteceu antes... Pareço recordar-me de estados anteriores e sinto que neles aprendi algumas das lições que desde então têm sido minhas aqui, e no meu próximo passo espero deixar para trás muitas das provações que lutei por suportar aqui e começar a encontrar alívio à medida que avanço. Isto explica o génio e a grande virtude que alguns mostram aqui. Eles portaram-se bem em muitas fases desta grande escola e trazem para a nossa classe a virtude ou os dons que os tornam grandes ou bons."

Em Song of Myself, Walt Whitman escreveu que percorria uma jornada perpétua, e "sem dúvida que eu próprio já morri dez mil vezes antes". Mark Twain escreveu sobre um sonho recorrente no qual, ao longo de um período de quarenta anos, "conhecia" a mesma rapariga em várias eras, localidades e situações. Viu-a ter uma morte horrível no Havai e encontrou-a novamente em Atenas, perto do Pártenon.

Louis Bromfield, na sua obra de não-ficção Pleasant Valley, escreveu que tivera indícios de vidas anteriores. “A França era um dos lugares que eu sempre conhecera”, declarou. “Desde o tempo em que tive idade para ler, a França tinha uma realidade para mim, o único lugar em todo o mundo que sentia uma compulsão feroz de ver.” Contou então a sua primeira visita lá, dizendo: “Tinha visto aquelas margens antes, quando, não o sei”; e acrescentou que, durante todos os anos em que lá viveu, nada pareceu mudar para ele. “Era sempre um país e o seu povo que eu conhecia bem e intimamente.”

Henry Ford, o génio automóvel, disse ter adotado a filosofia da reencarnação aos vinte e seis anos, e explicou: “Génio é experiência. Alguns parecem pensar que é um dom ou talento, mas é o fruto de uma longa experiência em muitas vidas. Algumas são almas mais antigas do que outras, e por isso sabem mais.”

Harry Houdini, o famoso mágico que passou grande parte da sua vida a tentar expor a fraude no campo mediúnico, disse numa entrevista a um jornal que estava convencido da reencarnação. “Eu próprio”, disse ele, “entrei em algumas cidades do Velho Mundo pela primeira vez na minha vida, tanto quanto tinha consciência, e achei as ruas familiares, sabendo exatamente para onde ir para localizar uma certa casa. Surgiram-me coisas que pareciam só poder ter sido resultados de alguma experiência anterior.”

A congressista Frances P. Bolton do Ohio, numa entrevista de rádio com o falecido Edward R. Murrow, declarou: “Creio que o que chamamos de tempo de vida não é senão uma de um número infinito de vidas durante as quais, pouco a pouco, experienciaremos todas as coisas.”

Talvez Arthur Schopenhauer tenha ilustrado melhor a sua crença quando, há cem anos, observou caprichosamente: “Se um asiático me pedisse uma definição da Europa, eu seria forçado a responder-lhe: É aquela parte do mundo que é assombrada pela ilusão incrível de que o homem foi criado do nada, e que o seu nascimento atual é a sua primeira entrada na vida.”

Nada disso prova a causa da reencarnação, mas com um painel tão impressionante de testemunhas, podemos certamente dar-nos ao luxo de manter uma mente aberta, que é a marca de um homem inteligente.

## Capítulo 8
## Olho por Olho

O homem a quem se atribui justamente o mérito de ter feito mais do que qualquer outro para despertar o interesse popular ocidental pela reencarnação é Edgar Cayce, o falecido vidente de Virginia Beach, que não só diagnosticou e prescreveu corretamente o tratamento para os males físicos de milhares de pacientes, como também deu aproximadamente duas mil e quinhentas "leituras de vida" que narravam encarnações anteriores. Foi o livro de Thomas Sugrue sobre Edgar Cayce, There Is a River, que inspirou Morey Bernstein a regredir uma dona de casa do Colorado a uma suposta vida anterior na Irlanda, e o seu livro subsequente, The Search for Bridey Murphy, tornou-se uma sensação nos anos 50.

Um homem invulgarmente devoto e com pouca educação formal, Edgar Cayce tinha lido a Bíblia uma vez por cada ano da sua vida, mas nada nos seus antecedentes religiosos o tinha preparado para a "nova" filosofia que subitamente começou a brotar enquanto ele estava num estado semelhante ao sono. As chamadas "leituras de vida" começaram por acaso quando Arthur Lammers, um próspero tipógrafo de Dayton que se interessara por metafísica, pediu a Cayce um mapa astrológico. No decurso do fornecimento dessa informação, o vidente inconsciente falou a Lammers sobre três das suas "vidas anteriores", e disse que numa delas ele fora um monge.

Ao acordar e ao ouvir o que tinha dito, o vidente ficou profundamente perturbado. De onde tinham vindo ideias tão estranhas? Poderia isto ser obra do Diabo, apesar do amor de Cayce por Deus e das suas orações por orientação? O homem abalado caminhou sozinho toda a noite pelas ruas vazias de Dayton, indiferente ao frio cortante. Dissera enquanto em transe que o subconsciente, ou mente da alma, é o armazém de todas as experiências e pensamentos ao longo das nossas muitas vidas. Nada é esquecido ou perdido. O que poderia isso significar?

Em leituras de transe subsequentes, Cayce ajudou a responder a algumas das suas próprias perguntas de vigília. Porque não havia menção à reencarnação no Novo Testamento? O vidente adormecido disse que os primeiros cristãos acreditavam nela, e que a seita gnóstica manteve vivos os antigos ensinamentos "secretos" dos primeiros egípcios e judeus, mas após vários séculos os líderes da Igreja Primitiva decidiram abandonar a doutrina da reencarnação. Porquê? Porque tornava a vida complexa para os novos convertidos, e porque alguns que interpretavam mal a sua filosofia tendiam a acreditar que podiam viver como quisessem, uma vez que teriam ampla oportunidade de expiação em vidas futuras.

Ainda perturbado, o vidente recorreu à sua Bíblia bem folheada e, para sua surpresa, encontrou passagens que tendiam a apoiar a teoria da reencarnação.

Jesus disse que, se um homem não nascer de novo, não pode ver o reino do céu, e que, se um homem não for perfeito, não pode voltar a juntar-se ao seu Pai. Mas que mero mortal pode alcançar a perfeição numa única vida? No nono capítulo de João, quando Jesus curou o homem que era cego de nascença, os Seus discípulos perguntaram: "Quem pecou, este homem ou os seus pais, para que nascesse cego?"

Como poderia o homem ter pecado antes do nascimento, a menos que tivesse vivido anteriormente? No décimo sétimo capítulo de Mateus, os discípulos interrogaram Jesus sobre a profecia do Antigo Testamento de que Elias deveria vir antes do Cristo, e Jesus respondeu que ele já tinha "vindo, e não o conheceram"; então os discípulos entenderam que "Ele lhes falara de João Batista". Não sugeria isto claramente que João era a reencarnação de Elias?

Havia depois o pronunciamento do Antigo Testamento: "Olho por olho; dente por dente", e a afirmação inequívoca no décimo terceiro capítulo do Apocalipse: "Aquele que leva em cativeiro, em cativeiro irá; aquele que matar à espada, importa que à espada seja morto." Toda a gente sabe que um homem que mata outro com uma espada não morre necessariamente de um ferimento de espada, pelo menos não na mesma vida.

Enquanto Cayce ponderava estas passagens, começou gradualmente a acreditar que não havia mais razão para duvidar da legitimidade das leituras de vida do que das físicas. Fosse qual fosse o poder misterioso que tornava possível a um homem sem instrução e sem conhecimento consciente de medicina prescrever com sucesso para os doentes enquanto num estado de transe, também aparentemente lhe dava acesso aos registos de vidas passadas. Certamente a reencarnação fornecia uma explicação lógica para as óbvias desigualdades entre as pessoas que conhecia, algumas das quais eram atingidas por muito mais incapacidades e problemas do que outras.

No estado de transe, Cayce era aparentemente capaz de aceder à consciência cósmica e de ler os registos akáshicos, nos quais está supostamente escrita a história total de cada alma desde o início dos tempos. Akasha é uma palavra sânscrita para a qual não existe equivalente em inglês. Refere-se aos registos imperecíveis de todas as formas de pensamento e experiências na história da humanidade.

Cayce, no início de cada leitura de vida, enumerava datas e eventos significativos na vida atual do sujeito, bem como os traços de caráter dominantes. Estes eram verificáveis, e nenhum dos seus clientes jamais contestou a exatidão de Cayce a este respeito. Assim, o que ele afirmava em seguida sobre os seus

ciclos de vida anteriores tornava-se mais credível, particularmente dado que os episódios que detalhava tendiam a explicar atitudes, interesses e conduta atuais.

Gladys Davis conhecia Edgar Cayce apenas como o professor da escola dominical da sua irmã mais nova em Selma, Alabama, quando em 1923 um amigo na Tissier Hardware Company lhe pediu que fizesse algum trabalho de dactilografia no estúdio fotográfico de Cayce. Para espanto da estenógrafa de dezoito anos, o senhor de aspeto bondoso parecia adormecer e começava a prescrever para a doença do sobrinho aflito do seu amigo. Apesar das condições enervantes, Gladys tomou notas em taquigrafia do diagnóstico e, quando estava a sair, Cayce pediu uma cópia em papel químico da sua transcrição dactilografada. O vidente decidira desistir da fotografia para se dedicar a tempo inteiro ao seu estranho dom de clarividência e, alguns dias depois, pediu a Gladys para ir trabalhar para ele.

O campo psíquico parecia consideravelmente mais excitante do que tomar notas estenográficas sobre porcas e parafusos na empresa de ferragens onde estava então empregada, mas uma razão mais premente influenciou a sua decisão. Refletindo sobre isso após mais de quarenta anos, Gladys diz: "Naquele primeiro breve encontro, senti que tinha chegado a casa. Amava os meus próprios pais, mas o meu sentimento pelo Sr. e Sra. Cayce era demasiado profundo para colocar em palavras. Era como se eu pertencesse a eles."

Na altura em que ela deu o aviso de uma semana ao seu empregador e se apresentou para as suas novas funções, Cayce tinha ido para Dayton com Arthur Lammers. Ele esperava estar fora apenas alguns dias e, durante a sua ausência, a Sra. Cayce lia em voz alta todos os dias as sessões anteriores do marido, enquanto Gladys as anotava em taquigrafia, para se familiarizar com a terminologia estranha e a maneira bíblica de expressão. Depois, a Sra. Cayce e Gladys foram chamadas a Dayton, onde ouviram a notícia espantosa de que o vidente em transe começara inesperadamente a falar sobre reencarnação.

Reencarnação? Gladys Davis nem sequer tinha ouvido a palavra, embora recordasse vagamente alguma menção à transmigração como um princípio estranho defendido por muitos orientais. Nada na sua educação metodista a tinha preparado para esta crença, mas tal era a sua fé nos Cayce que concordou em ter uma leitura. O vidente entrou em transe, como ela já o vira fazer antes, e em breve dizia-lhe que, por ter morrido de um ferimento de faca no peito durante uma encarnação persa, ela tinha agora um medo profundo de facas e instrumentos de corte.

A jovem ficou atónita com as suas palavras. Na medida em que Cayce mal a conhecia, ela percebeu que ele não poderia estar conscientemente ciente do seu

medo ilógico sempre que os irmãos mais novos seguravam um canivete, ou do seu terror interior quando tinha de descascar batatas ou manusear tesouras. Gladys aceitou há muito tempo a experiência persa como a causa raiz do seu medo, mas esse conhecimento não conseguiu aliviá-lo, e ela ainda não permite instrumentos de ponta afiada na sua cozinha ou na sua secretária na sede de Edgar Cayce.

Pouco depois da sua chegada a Dayton, o próspero novo patrocinador de Cayce sofreu um revés financeiro e eles ficaram retidos sem fundos. A Sra. Cayce trouxera o seu filho mais novo, mas Hugh Lynn Cayce deveria chegar em breve, e o último dinheiro deles foi usado para lhe enviar a passagem de comboio. Gladys Davis poderia ter regressado a Selma, mas tornou-se parte integrante da família.

A sua invulgar devoção a pessoas que conhecia há apenas um mês tornou-se mais compreensível quando, numa leitura subsequente, ouviu que no Egipto pré-histórico ela tinha sido filha de Edgar Cayce, que era então o sumo sacerdote Rata, e de Gertrude Cayce, então uma bela sacerdotisa. A leitura afirmava que a estadia terrena de Gladys naquela vida foi passageira. Morreu de desgosto aos quatro anos de idade, depois de os seus pais terem sido exilados e forçados a deixá-la para trás com o rei. Mais tarde ainda, Gladys soube que ela e os Cayce eram membros de um grupo familiar unido numa encarnação persa, mas numa relação diferente; e que grupos de almas tendem a regressar aproximadamente ao mesmo tempo, em situações que as podem reunir novamente.

Na sua primeira leitura de vida, Cayce descreveu Gladys como "alguém cuja maior força residirá no lar e na dedicação do seu melhor eu às gerações futuras da sua própria linhagem". Ela assumiu que ele queria dizer que teria inúmeros filhos, mas não casou até aos quarenta e seis anos, depois de Gertrude e Edgar Cayce terem morrido. Mesmo quando adolescente, no entanto, Gladys desejara um filho. Não um marido ou uma filha, mas um filho. Vários anos depois de ter ido viver com os Cayce, o casamento de um irmão mais novo falhou e, durante algum tempo, foi-lhe permitido ter o bebé dele consigo. Ao longo dos anos desde então, uma relação de mãe e filho perdurou entre eles, e o filho pequeno do sobrinho, agora adulto, chama a Gladys "Avó".

Uma leitura de Cayce ajudou a explicar o seu anseio vitalício por um filho. Nestes termos: como matrona francesa durante o reinado de Luís XIV, ela sofreu tão profundamente com a morte do seu filho de três anos que entrou num convento católico, mas permaneceu inconsolável e morreu pouco depois. Esta profunda compreensão do luto pode ter influenciado a sua escolha de pais na presente encarnação, uma vez que a sua mãe perdeu o seu único filho nove meses antes de Gladys Davis nascer.

Hugh Lynn Cayce tinha dezasseis anos quando a aparente capacidade do seu pai de mergulhar em vidas passadas foi descoberta. Passou um mês até o rapaz ouvir falar desta estranha reviravolta nos acontecimentos e, depois de se juntar à família em Dayton, ficou tão chocado como Edgar Cayce ficara ao saber da sua discussão em transe sobre a reencarnação. Uma leitura sobre Hugh Lynn fora dada antes da sua chegada, uma vez que o vidente não precisava que a pessoa estivesse presente, e entre os eventos estranhos descritos estava este:

Durante uma encarnação egípcia pré-histórica, o irmão de Hugh Lynn roubara-lhe a mulher, precipitando uma guerra tribal; mas depois de Hugh Lynn o ter derrotado retumbantemente, permitiu generosamente que o irmão ficasse com a mulher porque eles estavam apaixonados. O mais velho Cayce acrescentou enigmaticamente que Hugh Lynn conhecera novamente a mulher numa vida inglesa, mas não forneceu mais detalhes. Algum tempo depois, um dos amigos de escola de Hugh Lynn em Dayton solicitou uma leitura de Cayce e ouviu que ele fora o irmão naquela vida egípcia de há muito tempo.

Os Cayce mudaram-se posteriormente para Virginia Beach, e Hugh Lynn apaixonou-se por uma rapariga atraente de Minneapolis, cuja família estava a passar férias na praia. Deu-lhe o seu emblema da fraternidade e, depois de estarem noivos há dois anos, pediu ao pai que fizesse uma leitura para ela. Nela, ela foi identificada como a mulher que fora roubada pelo seu irmão durante a encarnação egípcia.

Intrigado pela estranha cadeia de circunstâncias que o atraíra novamente para a mulher e o irmão infiéis, Hugh Lynn decidiu que seria interessante ver como eles reagiam um ao outro nesta vida. Não disse nada a nenhum deles sobre o outro, mas como a sua noiva e os pais dela vinham novamente à praia para uma visita, convidou o seu amigo de Dayton ao mesmo tempo.

Durante a visita de uma semana, Hugh Lynn não conseguiu observar qualquer centelha de emoção entre eles; e depois de a sua noiva ter regressado a Minneapolis, o amigo do Ohio exclamou: “Essa é a pior que já encontraste. Não gostei nada dela.” Ele permaneceu por mais alguns dias e depois pediu dinheiro emprestado a Hugh Lynn para pagar a sua passagem de comboio para casa. Uma semana depois, a noiva de Hugh Lynn enviou de volta o seu emblema da fraternidade, explicando que o amigo dele a seguira até Minneapolis. Decidindo aparentemente que a confissão era boa para a alma, acrescentou que durante a semana em Virginia Beach eles tinham “pedido emprestado” o carro de Hugh Lynn para encontros tardios, depois de ele se deitar, e que estavam “loucamente apaixonados”.

O romance tórrido do casal terminou cedo, mas o mesmo aconteceu com a amizade deles com Hugh Lynn, que mais tarde se casou felizmente com uma rapariga de Virginia Beach. Em 1944, agora pai de um filho bebé, foi recrutado para o exército e, enquanto estacionado em Fort Meade, Maryland, engoliu acidentalmente um caroço de ameixa que quase o sufocou antes que uma operação de emergência pudesse ser realizada. Recuperou e embarcou para o estrangeiro com uma unidade de Serviços Especiais, mas enquanto estava em Inglaterra sofreu outro episódio de sufocamento quando um pedaço de cartilagem se alojou na sua garganta. A partir daí, teve recorrências repetidas do problema e teve de ser hospitalizado duas vezes.

Após a guerra, Hugh Lynn regressou a Virginia Beach, mas enquanto celebrava o regresso a casa com a sua mulher e amigos, sufocou novamente de forma violenta, e estava em condições tão críticas que as enfermeiras tiveram de prender as suas mãos e pés à mesa de operações, enquanto um cirurgião lutava contra o tempo para remover um osso de galinha da sua traqueia. Três dias depois, recebeu uma carta de um conhecido da Califórnia, que estava intrigado com um sonho ocorrido na noite da operação de Hugh Lynn, embora não tivesse conhecimento desse evento. Escreveu que vira um homem a arquejar desesperadamente, cujas mãos e pés estavam presos a uma tábua.

Até aí, coincidia com a experiência hospitalar e poderia ter sido registado como clarividência; mas o homem no sonho estava a ser torturado num cavalete medieval por algum crime terrível e, à medida que o amigo adormecido se aproximava, reconhecia o homem como Hugh Lynn, "apesar do cabelo longo, loiro e sujo".

Nessa noite, Hugh Lynn teve um dos sonhos mais vívidos da sua vida. O cenário era um casebre tosco em Inglaterra, na época das invasões nórdicas. O seu cabelo loiro estava desgrenhado e descuidado, e ele ardia em fúria assassina enquanto estrangulava uma mulher que se recusava a identificar o homem responsável pela sua gravidez. Depois, como se uma câmara de televisão tivesse feito um grande plano, ele reconheceu-a como a sua ex-noiva de Minneapolis. Agora ele parecia estar a viver ambas as experiências simultaneamente, numa espécie de consciência dupla. Estava agudamente ciente da infidelidade repetida dela mas, enquanto a estrangulava, a sua fúria violenta abrandou subitamente e ele começou a implorar desesperadamente a Deus que perdoasse a mulher adúltera, o amigo infiel e a si próprio.

Tão intensas foram as suas orações que o acordaram e, com uma profunda sensação de horror, ele "soube" que estivera a reviver uma memória macabra da alma. Com essa perceção veio um jorro de gratidão por o amigo de Dayton o ter poupado a um terceiro desastre matrimonial com a mesma mulher, e ele procurou

fervorosamente perdão pelo seu próprio ato vil. No dia seguinte, chamado ao telefone, ouviu a voz da antiga namorada que não via desde aquela despedida longínqua na praia. Ela disse que o navio de cruzeiro no qual navegava para a América do Sul parara em Norfolk para reparações, e queria perguntar se Hugh Lynn poderia algum dia perdoá-la pelo que fizera. Ela deve ter ficado sobressaltada com o fervor invulgar com que ele lhe garantiu que já o fizera; e nas mais de duas décadas desde então, ele não teve mais episódios de sufocamento.

O serviço de Hugh Lynn em tempo de guerra parece também ter desencadeado outra memória da alma. As suas leituras de vida disseram que ele participara nas cruzadas, mas o mais velho Cayce indicou que o tédio com a vida na aldeia medieval, em vez do zelo espiritual, fora a sua motivação. No dia em que a Segunda Guerra Mundial terminou, Hugh Lynn estava estacionado numa aldeia austríaca perto da fronteira bávara. As tropas aliadas tinham "libertado" alguma cerveja austríaca e ele estava a desfrutar de uma caneca dela enquanto estava sentado no quintal de uma casinha asseada, quando a sua mente começou a pregar-lhe partidas.

"A estrada principal que atravessava a aldeia estava apinhada", recorda ele. "Restos do exército austríaco, desalinhados, sujos, magros e exaustos, caminhavam pesadamente. Camiões americanos corriam de um lado para o outro, recolhendo peças de aviões que estavam escondidas em intervalos ao longo da beira da estrada. Prisioneiros de um campo de trabalho próximo tinham sido libertados, e polacos, russos e checos corriam pela estrada como se fossem correr todo o caminho até às suas casas na Europa de Leste. Aprisionados durante anos, agora livres, estes homens cantavam e riam histericamente, tal como aviadores britânicos capturados que se dirigiam para os aeródromos para serem levados de avião para casa. Excitação, alívio, alegria e medo misturavam-se numa onda emocional que parecia quase tangível."

Hugh Lynn recorda que, enquanto observava a confusão, "algo fez clique na minha cabeça e vi diante de mim uma horda em marcha de Cruzados; homens em armadura em cavalos, homens vestidos de couro carregando lanças, servos caminhando ao lado, alguns com proteções de couro nos braços onde falcões encapuzados pousavam. Pequenos anões agiam como entretenimento, fazendo acrobacias ao lado da coluna em marcha. Parecia que eu estava literalmente de volta ao tempo das Cruzadas."

Tão abruptamente como a visão veio, desapareceu. Depois veio uma consciência estranha da pequena aldeia austríaca. Hugh Lynn sabia onde poderia encontrar a ruína de um edifício antigo cujas pedras tinham sido usadas mais tarde para estruturas da aldeia. Sabia onde haveria uma ponte de pedra sobre um

pequeno riacho. Com essa consciência veio a sensação de que ele já vivera ali ao virar da esquina e que, quando os Cruzados em marcha chegaram à sua aldeia, ele abandonara uma mulher e um filho pequeno para procurar aventura com eles. No dia seguinte, sem o auxílio da cerveja, localizou facilmente o que pareciam ser as ruínas do edifício antigo e a ponte, precisamente onde sabia que estariam.

"A guerra começou e terminou para mim naquela pequena aldeia austríaca", diz ele pensativamente. "Naquela guerra muito anterior para libertar Jerusalém, eu tinha abandonado deliberadamente as responsabilidades familiares. Nesta guerra, fui recrutado; forçado a deixar a minha mulher, o meu filho pequeno e os meus pais, com quem ansiava estar. Tanto o meu pai como a minha mãe morreram enquanto eu estava fora." Talvez este fosse um círculo completo, que saldou para Hugh Lynn Cayce outra dívida cármica.

Nem todas as memórias de alma de Hugh Lynn foram motivadas pelas leituras de vida do seu pai para ele. Quando jovem em Selma, Alabama, devorava avidamente todos os livros da biblioteca sobre Daniel Boone e a colonização precoce do Kentucky. "Era como comer amendoins", diz ele com pesar. Nunca fora um Escuteiro mas, como adulto em Virginia Beach, tornou-se um Chefe de Escuteiros e descobriu que sabia precisamente como selecionar a madeira dura adequada para fazer pequenas fogueiras que nunca fumegavam, mesmo quando cozinhava sobre elas.

No dia em que entrou na sua primeira canoa, remou-a tão habilmente como um pioneiro. Inventou jogos para os grupos de Escuteiros para lhes ensinar como espreitar, rastrear e disfarçar trilhos, e pensou que eram originais, até saber mais tarde que eram jogos índios antigos. Pescar, caçar e montar tendas surgiam-lhe tão naturalmente como comer e, em pequeno, construíra arcos e flechas de tamanho adulto sem instrução.

"Será que", pergunta-se ele, "outrora brinquei com índios nos primeiros dias do Kentucky, que a minha vida naquela encarnação foi interrompida e que, como consequência, os meus interesses de então se tornaram os meus passatempos de hoje?"

A pequena e glamorosa Lucile Kahn estava a atuar na Broadway com Lionel Barrymore na produção de David Belasco Laugh Clown Laugh, quando conheceu David Kahn, um Capitão do exército da Primeira Guerra Mundial que por acaso partilhava o seu apelido. Depois de ele se juntar à sua corte de admiradores, Lucile dizia a rir a outros membros do elenco: "O David conta as histórias mais fascinantes que já ouvi, mas não acredito numa única. São todas loucas."

As histórias que ela achava tão divertidas diziam respeito a Edgar Cayce, que David e a sua família tinham conhecido na sua cidade natal de Lexington, Kentucky, muito antes de o vidente alcançar fama nacional. Em 1910, Cayce deu uma leitura física para o irmão doente de David, Leon, e a mãe deste ficou tão impressionada com os poderes notáveis de Cayce que disse ao seu filho mais velho: "David, quero que prometas que dedicarás uma parte da tua vida a assegurar que o trabalho deste homem seja conhecido no mundo. O mundo precisa dele." David prometeu solenemente e, durante o seu serviço de guerra no estrangeiro, falava frequentemente de Cayce aos seus companheiros. Após o seu regresso à vida civil, foi visitar Cayce e tornou-se um patrocinador ativo do seu trabalho.

Lucile, filha de uma mãe nascida em França e de um professor de línguas da Alsácia-Lorena, nasceu em Oklahoma, onde os seus pais se estabeleceram após o casamento no Texas. Em tenra idade, a menina mostrou tal aptidão para o violino que os seus pais a enviaram para o Conservatório Kidd-Key no Texas e, mais tarde, para o Chicago Musical College para estudos avançados. Embora os seus professores considerassem Lucile uma virtuosa, ela sentia uma profunda insatisfação com a sua própria performance, sentindo que as suas execuções das composições não estavam à altura da música que ouvia interiormente.

Ansiava por ser atriz mas, sabendo que os seus pais desaprovariam, inscreveu-se secretamente numa classe de artes dramáticas oferecida pela faculdade. Ali encontrou finalmente a satisfação interior que lhe escapara e demonstrou tal talento que, quando o diretor de uma companhia de teatro itinerante pediu ao chefe do departamento de drama que recomendasse uma ingénue, este sugeriu prontamente Lucile Kahn. Através da intercessão de um amigo da família, obteve-se a aprovação relutante dos pais e, no espaço de três anos, ela estava a aparecer no Teatro Belasco na Broadway.

Em 1924, foi escolhida para o papel principal feminino, ao lado de Otis Skinner, em Sancho Panza e, enquanto se preparavam para levar a peça em digressão, David Kahn implorou a Lucile que visse Edgar Cayce quando a companhia chegasse a Dayton, Ohio. Apenas por causa da persistência dele, Lucile mandou dizer que bilhetes de cortesia estariam à espera dos Cayce na bilheteira para a récita da noite e que gostaria de os visitar na manhã seguinte.

Recordando as circunstâncias mais de quatro décadas depois, Lucile diz: "Quando me apresentei na casa deles nessa manhã, o Sr. Cayce preparava-se para dar uma leitura em transe in absentia para uma criança moribunda, e foi-me permitido assistir. Nunca fiquei tão chocada na minha vida! Na verdade, fiquei indignada. Estava ali uma criança que nem os médicos conseguiam ajudar, e este homem semianalfabeto estava a instruir os pais a pô-la numa dieta exclusiva de

bananas. Achei que o Edgar Cayce devia ser preso! Como podia eu saber que, em pouco tempo, uma dieta de bananas se tornaria o tratamento médico padrão para aquela doença específica?"

Por insistência de David, Lucile solicitou devidamente uma leitura de vida e foi forçada a admitir, relutantemente, que pelo menos parte dela parecia soar verdadeira. O vidente disse-lhe que numa encarnação anterior residira na casa de um compositor alemão, onde aprendera a compreender, mas não a tocar música. "O impulso no presente é o ouvido ou sentimento inato da música, em vez da livre expressão da mesma", declarou a leitura. "Não que a entidade não seja musicista, mas sente-a em vez de a executar."

Lucile percebeu que Cayce não tinha forma consciente de saber que ela fora outrora uma aspirante a musicista, uma vez que não vira razão para o mencionar nem sequer ao David, e diz sobre isso: "Devo admitir que fiquei profundamente impressionada por uma observação tão subtil. Ninguém jamais soubera do meu desespero ou dúvidas interiores relativos a uma carreira na música — tão dilacerantes que fui cegamente compelida a seguir o meu grande desejo de estar no teatro."

A leitura afirmava ainda que em várias encarnações anteriores ela estivera no teatro. "Encontramos nos dias de Plínio no país grego, a entidade chamava-se então Poyane e era de bela figura e estatura, dando muito aos povos no campo das Artes e da representação. Sob a influência de Tácito, a entidade ganhou muito favor de muitos povos. Isto, numa parte da vida, provou ser prejudicial para a entidade. O amor pelo palco e pelo aplauso é inato desta aparição no plano terrestre. Convém que parte disto seja mantido sob o controlo da vontade."

Apesar da terminologia estranha, Lucile percebeu que Cayce a avisava contra o deleite no aplauso e na atenção; e, embora não acreditasse então na reencarnação, sabia que era o que as pessoas coloquialmente chamavam "uma atriz nata". Desde o início da sua carreira teatral precisara de pouca direção, e recordou-se de que Platão dissera: "Novo conhecimento, facilmente adquirido, é conhecimento antigo." Tinha de vir de algum lugar dentro dela, supunha ela, e nenhum dos seus antepassados conhecidos alguma vez se interessara pelo palco.

A leitura indicava que Lucile poderia alcançar um sucesso considerável quer como atriz, quer como esposa, mas não em ambas as atividades; e que o seu maior desenvolvimento espiritual ocorrera numa vida na Índia, quando ajudara a correlacionar ensinamentos religiosos do Egipto e da Índia para disseminar junto do povo.

Lucile reconhece francamente que adora a excitação dos holofotes e o som dos aplausos, mas três anos após a leitura abandonou o teatro para casar com David Kahn. Pouco depois, o jovem casal fez uma visita aos Cayce, que por essa altura viviam em Virginia Beach, e pela primeira vez Lucile conheceu Hugh Lynn e o seu bom amigo Thomas Sugrue. O entusiasmo juvenil deles pelo trabalho de Cayce era contagiante e, após ser cativada pela empolgação deles sobre um mundo além dos nossos cinco sentidos, tornou-se uma leitora omnívora de filosofia religiosa oriental relacionada com a reencarnação e o carma.

Em Nova Iorque, conheceu luminares como Gerald Heard e Aldous Huxley, que a orientaram para o Livro Tibetano dos Mortos e outros livros psíquicos. Tornou-se uma patrocinadora ativa das palestras de Sugrue sobre metafísica e, após a morte deste, foi convidada para assumir a série de palestras. Atenta ao aviso de que não deveria procurar aplausos nesta vida, Lucile rejeitou o papel de destaque para si própria, mas concordou em lançar uma série anual de assinaturas que apresentava conferencistas de renome mundial sobre perceção extrassensorial, juntamente com filósofos altamente respeitados, psiquiatras, psicólogos e médicos que se tinham aprofundado no psíquico. O projeto foi tão bem-sucedido que ainda hoje continua a atrair os principais conferencistas na área e uma amostra representativa da sociedade de Nova Iorque. Assim, o trabalho de correlacionar crenças religiosas e filosofias, que alegadamente ocupara os seus talentos há milhares de anos na Índia, tornou-se novamente o seu interesse duradouro, sendo ela agora presidente do conselho da Associação para Pesquisa e Iluminação (A.R.E.), que prossegue o trabalho de Cayce.

Pouco depois de os Kahn casarem, a secretária viúva de um executivo da General Electric Corporation consultou-os sobre os seus problemas na criação de um filho de cinco anos, cujo pai morrera recentemente. David solicitou uma leitura de Cayce para a criança, e esta dizia que, com base numa encarnação passada, ele poderia tornar-se um líder na área da arquitetura, particularmente no que se refere ao planeamento urbano. À medida que os anos passavam, o rapaz não demonstrava qualquer interesse por arquitetura ou construção. Escolheu um curso de artes e ciências na Universidade de Yale e, após a licenciatura, foi para o exército.

Durante a ocupação do Japão no pós-guerra, no entanto, foi colocado como responsável pelo aquartelamento de soldados americanos e pela supervisão da conversão de quartéis japoneses para os requisitos americanos. Este trabalho envolvia a supervisão da construção de novos complexos, e ele tornou-se tão interessado em habitação que, ao regressar à vida civil, matriculou-se no Massachusetts Institute of Technology (M.I.T.) para estudos de pós-graduação em arquitetura.

Escolheu para a sua tese de mestrado um projeto de planeamento urbano que envolvia a conversão de elétricos para autocarros, a recolocação de terminais, o reordenamento de ruas e a construção de edifícios. A sua tese foi considerada tão excecional que o seu professor o recomendou a uma empresa líder em planeamento urbano, onde é agora sócio. Também edita uma revista nacional na área e serviu como presidente da Sociedade Americana de Planeamento Urbano.

Este arquiteto proeminente insiste que, em vez de ter sido atraído para a área por causa da sugestão contida na leitura de Cayce, ele resistiu ativamente à mesma, mas que uma "força impelente interior" acabou por empurrá-lo para uma carreira para a qual aparentemente desenvolvera talento numa vida anterior.

## Capítulo 9
## Carma de Grupo

Edgar Cayce deu ele próprio várias leituras de vida e nunca deixou de se surpreender com o material que surgia. À medida que estas leituras progrediam, descobriu que fora membro de cinco grupos raciais e religiões diferentes durante as suas muitas vidas, que remontavam aos tempos do Egipto pré-histórico; e que muitos dos que o rodeavam nesta vida tinham sido parentes, amigos, associados ou rivais hostis em eras passadas. As leituras enfatizavam que grupos de almas tendem a reencarnar juntos em ciclos, encontrando-se vez após vez em vidas terrenas e sendo atraídos por uma curiosa lei de atração cármica a fim de resolverem problemas mútuos que tinham ficado por solucionar. Cayce disse ainda que as almas mudam de sexo, bem como de nacionalidade e raça, de tempos a tempos, dependendo de qual o papel que melhor pode servir o propósito para o qual escolheram renascer.

Uma mudança abrupta para o género oposto após várias encarnações como homem, ou como mulher, poderia fornecer uma pista para o problema da homossexualidade. Uma pessoa assim afetada pode estar subconscientemente a ansiar pelo físico com o qual estava mais familiarizada mas, ao compreender que selecionou o novo papel para equilibrar o seu crescimento espiritual, poderia libertar-se mais facilmente das amarras cármicas que estão a retardar o seu desenvolvimento normal.

No seu estado de vigília, Edgar Cayce era um homem de família humilde e dedicado, que lecionava regularmente uma classe de escola dominical presbiteriana até à sua morte em 1945. Ao entrar em transe autoinduzido, no entanto, parecia ver outra dimensão e sentido da vida. Aprendeu que, como sumo sacerdote no antigo Egipto, adquirira através de muitas disciplinas um estado de consciência superior aos que o rodeavam. Como chefe do deserto árabe numa

encarnação subsequente, sofrera tal tortura física, ao ser deixado para morrer nas areias quentes, que conseguira libertar temporariamente a sua consciência do corpo para escapar à agonia. Esta faculdade, que tornou possível a sua sobrevivência, foi também usada para ajudar outros; e porque nada é jamais perdido ou esquecido pelo subconsciente, ele foi capaz de aceder a este recurso interior durante a encarnação como Edgar Cayce.

Tornara-se médico na vida persa e estabelecera um centro de cura na "cidade nas colinas e nas planícies", onde os pacientes podiam ser tratados através de dieta, massagens, terapia e banhos de vapor, e com medicamentos à base de ervas. Assim, ele foi aparentemente capaz de recorrer a este conhecimento latente na América do século XX, prescrevendo para milhares de outras pessoas enquanto em transe, e curando-se também a si próprio de males como a paralisia das cordas vocais, pneumonia e um golpe severo na cabeça. Cayce ganhara o direito a este conhecimento interior através de disciplinas autoimpostas e, embora as leituras indicassem que ele não fora de modo algum tão santo nalgumas das suas encarnações como noutras, certamente que durante a vida como Edgar Cayce usou os seus talentos notáveis apenas num espírito de ajuda e realizou um grande bem.

A reputação sempre crescente do vidente assenta quase inteiramente nas leituras físicas e de vida que deu enquanto em transe, mas a sua sintonia psíquica era tal que, mesmo no estado consciente, chegava a "reconhecer" muitos estranhos como entidades que conhecera em vidas passadas. À medida que a sua fama crescia, centenas destas pessoas acorriam a Virginia Beach para conhecer o homem notável sobre quem tinham lido, apenas para saberem em leituras subsequentes que o tinham "conhecido" séculos antes.

Isto pareceria confirmar as afirmações do Dr. Rudolf Steiner e de outros famosos médiuns do século XIX, bem como de Cayce, de que grupos de almas entre vidas chegam a algum tipo de acordo sobre quando assumir novamente vidas terrenas. Assim, nunca conheceríamos no plano físico algumas das entidades que estivessem a regressar num ciclo diferente do nosso, mas poderíamos encontrá-las frequentemente no reino espiritual.

A tendência aparente de certas almas serem atraídas para perto umas das outras, vez após vez em situações terrenas, é chamada carma de grupo, e a forma mais eficaz de o ilustrar é citar o caso de uma família unida, mas frequentemente antagónica, cujos membros todos teriam supostamente se conhecido em vários relacionamentos durante diversas encarnações anteriores. Edgar Cayce enfatizou repetidamente que, a menos que estejamos dispostos a estar ligados, vida após vida, a uma pessoa de quem não gostamos, seríamos bem aconselhados a começar a trabalhar agora na dissolução da animosidade que forja esse elo.

Quase todos os visitantes da sede da Associação para Pesquisa e Iluminação em Virginia Beach ficam impressionados com a postura e serenidade de Mae Gimbert St. Clair, a atraente investigadora e rececionista que é ordinariamente a primeira pessoa que encontram. Digo "quase" qualquer visitante, porque há mais de duas décadas, uma mulher de Nova Iorque que pretendia ficar por duas semanas partiu indignada na manhã seguinte, porque sentiu tal antagonismo pela Sra. St. Clair. Mas falaremos disso mais tarde.

Mae Gimbert foi um de seis filhos nascidos de um agricultor e da sua esposa em Oceana, Virgínia, uma área rural que fica agora a apenas dez minutos via autoestrada de Norfolk, mas que era então uma jornada de meio dia por estradas de terra sinuosas a partir das luzes brilhantes da cidade. Para saneamento, os Gimbert tinham uma latrina e um poço. Bater manteiga era uma rotina diária. As crianças frequentavam uma escola rural consolidada e a sua vida social girava em torno da igreja. Era uma página da América primitiva, no coração da Virgínia costeira do século XX.

No seu sexto ano de escola, Mae sentiu-se romanticamente atraída por um rapaz quatro anos mais velho do que ela, cujos colegas se comportavam para com ele como um séquito de cortesãs leais. Passaram vários anos até que ele se dignasse a notar a jovem adoradora mas, aos dezassete anos, Mae fugiu para casar com ele, apesar da desaprovação declarada da sua família. O jovem casal foi viver com a família socialite dele, que era consideravelmente mais mundana do que a de Mae; e ela diz, em retrospetiva: "Foi como passar de Fort Dearborn para a corte brilhante e dissoluta de Luís XIV." O significado desta observação tornar-se-á aparente em breve.

No espaço de seis meses após o seu casamento, a noiva ingénua descobriu que o seu marido charmoso e elegante bebia e desfrutava da companhia de outras mulheres. Algumas noites ele nem se incomodava a vir a casa, e ela não conseguia encontrar consolo, porque os pais dele aparentemente perdoavam o seu comportamento. Como a sua própria família tentara impedir o casamento, Mae estava relutante em levar o seu desgosto até eles, por isso desabafava frequentemente os seus problemas com uma vizinha bondosa.

Por esta altura, ela e o marido tinham-se mudado para uma casa alugada em Virginia Beach, e Mae parava ocasionalmente numa roulotte de hambúrgueres propriedade de Boyd Davis, que uma vez lhe perguntou se ela ouvira falar de Edgar Cayce. Quando ela respondeu negativamente, ele contou-lhe um pouco sobre o famoso vidente para quem a sua irmã Gladys trabalhava, e sugeriu que ela passasse pelo hospital de Cayce naquele domingo para ouvir a sua palestra sobre reencarnação. Mae, assumindo que isto era o mesmo que a transmigração

de almas para animais, não deu mais importância à conversa. Quem precisava de reencarnação? Ela já tinha problemas suficientes como as coisas estavam.

Mae viveu com o coração dorido durante quase cinco anos, antes de finalmente deixar o marido que ainda amava. Foi para Nova Iorque, onde a sua irmã mais velha estava a tirar um mestrado na Universidade de Columbia. Mae tinha de arranjar um emprego mas, sem experiência, o único trabalho que conseguiu encontrar foi servir às mesas num restaurante na zona de Wall Street. Um dia, dois dos seus clientes perguntaram de onde ela era e, quando ela respondeu que a sua casa era Virginia Beach, David Kahn disse que supunha que ela conhecia Edgar Cayce. Ao saber que não, ele deu-lhe uma carta de apresentação e instou-a: "Devia obter uma leitura dele. Uma rapariga com a sua educação óbvia não tem nada que trabalhar como empregada de mesa. Ele poderia dizer-lhe o que deve fazer com a sua vida."

Mae estava tão desanimada que na sua visita seguinte a casa contou à mãe sobre a conversa e depois foi ver Edgar Cayce; mas ao saber que o valor de uma leitura era vinte dólares, não prosseguiu com o assunto. No seu estado financeiro desde o divórcio, vinte dólares bem podiam ser vinte mil. Entre outros frequentadores do restaurante de Wall Street estava um jovem que incomodava Mae pedindo-lhe constantemente encontros.

Ele fizera uma aposta de que conseguiria um encontro com a empregada de mesa bonita e distante que se recusava a sair com clientes, mas ela ignorava isso na altura; e ele provou ser tão persistente que ela finalmente concordou, com uma condição: que ele a levasse ao rodeio no Madison Square Garden. O jovem estatístico estava disposto a ir a qualquer lugar para ganhar a aposta com os rapazes, por isso levou-a de táxi, desde Wall Street até lá. Depois, acompanhou-a a um restaurante famoso, mas ela dispensou as iguarias tentadoras em favor de uma sanduíche de liverwurst. Não estava interessada em gastar o dinheiro dele; apenas em ver os cavalos a atuar no rodeio.

Mae não gostou particularmente da companhia de John, mas continuava a pensar como ele parecia "certo" para a sua irmã com quem vivia; por isso, quando ele pediu um segundo encontro, ela consentiu para que os dois se pudessem conhecer. John foi buscá-la ao apartamento, mas ela mal completara as apresentações quando a sua irmã saiu altivamente da sala. A partir daí, a irmã evitou sistematicamente encontrar-se com John, mesmo quando Mae, assustada porque ela própria parecia ter ficado emocionalmente morta por dentro, aceitou finalmente a sua proposta de casamento.

Mudaram-se para Virginia Beach mas, com a depressão agora em pleno curso, o único trabalho que John conseguiu localizar na sua área foi um emprego

noturno. Ele era violentamente ciumento de qualquer pessoa que Mae conhecera anteriormente; por isso, embora o seu primeiro marido já não estivesse na área, ela cortou relações com os amigos comuns deles e passava longas noites de inverno sozinha, muitas vezes enrolada em colchas para se manter quente, porque eles só podiam pagar aquecimento suficiente para evitar que os canos de água da casa congelassem. Depressa se tornou aparente que o casamento não corria bem. John parecia desconfiar de cada passo dela e, quanto mais ela tentava, menos conseguia agradar-lhe.

Uma noite, quase vencida pela depressão, Mae convenceu John a deixá-la na casa de uma amiga, a caminho do trabalho. Era a mulher que lhe dera um ouvido tão simpático quando o seu primeiro casamento se estava a desmoronar, e ela não a via desde então, mas a amiga era do tipo gregário que recebia sempre visitas sem aviso. Quis o destino que Boyd e Burlynn Davis também passassem por lá nessa noite, embora também estivessem sem contacto com a amiga comum há vários anos.

Todos saudaram Mae com afeição calorosa e, quando o casal Davis a convidou para o seu novo restaurante na noite seguinte, a rapariga solitária ficou mais do que feliz em aceitar. Agora, todos os blocos cármicos começavam a mover-se para o lugar, embora Mae não tivesse forma de o saber.

A noite começou de forma bastante feliz mas, com a rapidez de um raio, Mae ficou agudamente doente e reconheceu os sintomas inequívocos de uma condição física pela qual já fora submetida duas vezes a operações dolorosas e caras. Desatou a chorar e disse desesperadamente aos seus anfitriões: “Eu desisto! As minhas emoções foram drenadas e nunca encontrarei felicidade. Agora vou ter de ser operada outra vez, porque é a única forma de tratar esta condição. Simplesmente não consigo continuar! Não quero viver. Quero morrer!”

Enquanto Burlynn tentava tornar Mae fisicamente confortável, Boyd Davis implorou-lhe que fizesse uma leitura física com Edgar Cayce. Olhando para trás para esse momento fatídico, Mae diz: “Eu não tinha sequer o preço de uma Coca-Cola, quanto mais vinte dólares, mas o Boyd tinha tanta certeza de que eu podia ser curada através de uma leitura que disse que pagaria ele próprio ao Sr. Cayce, se eu tivesse de ser operada. O que é que eu tinha a perder? Estava demasiado exausta emocionalmente para me importar, mas antes de ir ao Sr. Cayce falei primeiro com a minha família. Estávamos sempre tremendamente envolvidos uns com os outros — obstinados, determinados e argumentativos — todos exceto a minha maravilhosa mãe, que nos foi ‘emprestada’ nesta vida.

Disse-lhes que ia fazer uma leitura com o Sr. Cayce e que, se tivessem alguma objeção, que falassem agora, porque o que quer que ele prescrevesse eu

pretendia fazer. Eles opunham-se violentamente a ‘vaticínios’, mas sabiam que eu enfrentava outra operação perigosa e que estava altamente perturbada, por isso, por uma vez na vida, não tentaram bloquear-me.”

Mae diz que quando chegou aos Cayce estava “nervosa, confusa, temerosa e totalmente centrada em si própria”, mas que depois de Cayce começar a falar, “foi como se uma tonelada de pedras esmagadoras tivesse sido removida da minha cabeça e do meu corpo”. A leitura prescreveu um curso de tratamentos e enfatizou a necessidade de calor contínuo. Dado que a temperatura da sua própria casa mal estava acima do congelamento e os tratamentos não podiam ser auto-administrados, Boyd e Burlynn Davis acolheram-na na sua casa para cuidarem dela. No espaço de dez dias estava bem, e desde então não teve recorrência do problema.

Radiante com a sua cura, Mae passava frequentemente para ver os Cayce, e o vidente começou a perguntar quando é que ela ia fazer uma leitura de vida. De cada vez, ela respondia que não o faria até ter apagado a sua dívida financeira para com ele, que estava a pagar à razão de um dólar por mês. Finalmente, ele disse que lhe daria uma de qualquer forma e, no dia em que ela se sentou no escritório em 1938, enquanto ele entrava novamente em transe, todo um novo horizonte se abriu para ela.

A leitura dizia que numa encarnação no século XVIII ela fora casada com um estalajadeiro em Fort Dearborn, no local atual de Chicago, e que, como a maioria das frequentadoras femininas daquele misto de salão de baile e sala de jogo, ela era uma mulher de virtude fácil. Identificou um dos seus irmãos de hoje como o seu marido de então, um segundo irmão como um dos rapazes no balcão da estalagem, e um terceiro irmão como sendo também irmão naquela vida. O seu pai atual fora o xerife em Fort Dearborn, a sua mãe atual fora a sua confidente e senhoria, e uma cunhada e vários outros parentes também lhe eram conhecidos então em variados relacionamentos.

A leitura declarava ainda que ela era uma boa amiga de John Bainbridge, um jogador astuto que frequentava a estalagem; e que quando Fort Dearborn ardeu completamente durante as Guerras Francesa e Indígena, Bainbridge ajudou muitos dos habitantes a escapar, mas afogou-se enquanto salvava a vida de Mae na travessia de um rio. O que Mae não percebeu então foi que Cayce se identificara anteriormente numa leitura em transe como John Bainbridge, e que ele “reconhecera a alma dela” quando Mae viera para uma leitura física.

Na parte final dessa vida, Mae teria amealhado um carma bom considerável para equilibrar o mau que adquirira anteriormente. A leitura afirmava que aqueles que escaparam de Fort Dearborn se espalharam por várias partes do país, e que

Mae se juntou a um grupo que veio para a Virgínia costeira. Perdera o marido, o filho e os bens mundanos, mas acabou por abrir uma pensão; e durante a Guerra de 1812 cuidou até à recuperação de qualquer pessoa que lhe batesse à porta em busca de ajuda, tornando-se conhecida como "O Anjo".

Mae fora uma cética que se rira da crença de Boyd Davis na reencarnação, mas uma razão pela qual a leitura de vida fez sentido para ela foi porque o vidente adormecido a começara por apontar com precisão eventos que já tinham transcorrido na sua vida atual, dizendo: "Mil novecentos e trinta e cinco, uma mudança; mil novecentos e vinte e oito, que período de tumulto!". Foi em 1928 que Mae, desesperada com o comportamento do marido e da família dele, finalmente se impôs e exigiu que ele lhes arranjasse uma casa própria em Virginia Beach; e em 1935 casou-se novamente. Assim, ouviu atentamente enquanto Cayce descrevia ainda outra das suas alegadas encarnações, em França, quando se dizia que ela fora uma dama de companhia que captou o olhar errante de Luís XIV e se tornou uma das suas consortes.

Nessa altura, de acordo com a leitura, ela tinha a mesma idade de quando fugira para casar nesta vida. Em breve, porém, o rei substituiu-a por uma nova favorita e, depois de ela ter tentado ressentidamente minar a corte de todas as formas, acabou por se tornar freira. O rei, com o seu ego algo deflacionado pela deserção dela, exigiu que ela renunciasse ao seu voto, e apenas com o forte apoio da Igreja ela conseguiu resistir à tentação muito real de o fazer. Anos mais tarde, Mae viria a descobrir que um romance muito semelhante ocorrera de facto, e que Alexandre Dumas já escrevera um relato romanceado do caso que fora recitado naquele dia para ela por um vidente semianalfabeto, que não poderia ter sabido do mesmo por meios comuns.

O que realmente fez tudo parecer encaixar-se para Mae, no entanto, foi a afirmação de Cayce de que o seu primeiro marido era uma reencarnação de Luís XIV. De Fort Dearborn à corte dissoluta da França do século XVII! Começara a sua vida presente em condições quase tão primitivas como as daquele pequeno posto comercial de fronteira no Lago Michigan, onde conhecera e amara cavalos. Poderia isso explicar por que razão aceitou um encontro com o John apenas com a condição de poder ver o espetáculo equestre no Madison Square Garden? Certamente, a leitura sugeria por que sentira tal atração irresistível pelo seu primeiro marido, desafiando a própria família para assumir os adornos mais sofisticados da vida dele, e aguentando melancolicamente ao lado dele durante tanto tempo depois de ele se interessar por outras mulheres.

A leitura de Cayce dizia que o segundo marido de Mae, John, estava casado com a sua irmã atual durante a encarnação de Fort Dearborn, e que depois de Mae ter cuidado dele até recuperar na Virgínia, a mulher dele acusou-a de o

roubar; “e o ciúme transformou-se em suspeita e depois em ódio”. Mae diz que isto também parece credível, “porque eu e a minha irmã andamos em guerra desde que eu era pequena”, e também poderia ter explicado a atitude peculiar da irmã em relação ao John, quando Mae tentou juntar os dois.

Um dos casos mais bem documentados nos ficheiros na sede da Associação para Pesquisa e Iluminação é a série de leituras físicas que Cayce deu posteriormente para a irmã de Mae, que passou cinco anos num sanatório para tuberculose antes de poder ser convencida a consultar o vidente. Inúmeros raios X tirados antes e depois indicam que, seguindo os seus tratamentos prescritos, ela ficou curada em menos de três anos e, nas três décadas decorridas desde então, não teve mais recorrência de TB.

Edgar Cayce contou a Mae sobre outras vidas em Palestina, Egipto e Atlântida, e descreveu pormenorizadamente a sua ligação aos membros da sua família atual em cada uma delas. Disse que na Palestina ela havia convertido o homem que seria o seu segundo marido nesta vida, mas que na encarnação francesa o tinha usado para "se vingar" de Luís XIV, o que poderia explicar o ciúme e a desconfiança que esse homem manifestava em relação a Mae no presente.

Reflectindo sobre a regularidade com que aparentemente tem reencontrado os membros da sua família atual, Mae diz: "Mas foi na encarnação do Forte Dearborn que nos tornámos membros de um grupo unido, e é na nossa vida presente que finalmente tivemos de enfrentar as nossas relações cármicas, boas e más, enquanto núcleo familiar; pois o Sr. Cayce deixou claro que tanto os inimigos como os amigos de vidas passadas podem optar por partilhar uma situação de convivência doméstica a fim de resolver problemas cármicos."

A leitura de Mae afirmava que na Palestina, como membro de uma família greco-romana, ela era chamada Vesta; que estava associada a alguns dos discípulos e se tornara diaconisa na Igreja Primitiva. Afirmava ainda que era casada e tinha três filhos, mas que o marido a abandonara por uma mulher mais jovem; e vários anos após a leitura, Mae encontrou a sua rival dessa vida. Era a mulher de Nova Iorque que, embora não fizesse a menor ideia da identidade de Mae numa encarnação anterior, sentira por ela uma animosidade tão instantânea que cancelou a reserva de uma estadia de duas semanas. Mae diz que também se sentira estranhamente agitada na presença dessa mulher, embora só ao discutir o assunto com o Sr. Cayce tivesse compreendido porquê.

Essa mesma leitura de vida, em 1938, disse a Mae que ela enfrentaria uma nova mudança em 1941, e no início desse ano o seu primeiro marido regressou a Virginia Beach depois de uma longa ausência. Para seu desalento, Mae deparava

com ele repetidamente nas ruas e, embora tivesse recusado sistematicamente os seus convites para tomar uma bebida, ficou tão perturbada que recorreu a Edgar Cayce em busca de conselho. O vidente fez-lhe outra leitura, durante a qual a aconselhou, em poucas palavras: "Já passaste por isto antes, numa vida anterior com ele. Não deixes que volte a acontecer."

Mae fala assim desta agitação emocional: "Sentia a antiga chama reacender-se sempre que o encontrava por acaso. Ansiava por voltar para ele, tal como acontecera na encarnação francesa. A Igreja servira de amparo nessa vida, e o Sr. Cayce nesta; pois o Sr. Cayce fez-me ver que a razão pela qual tinha de repetir o meu erro agora era porque, quase trezentos anos antes, embora me tivesse separado fisicamente do rei, o meu anseio mental e emocional por ele prolongara o infeliz envolvimento. O Sr. Cayce fez-me compreender que, a menos que me curasse desta infatuação agora, isso conduziria à continuação de um laço cármico que seria muito melhor dissolver."

O primeiro marido, aparentemente na esperança de ver Mae, marcou uma consulta de leitura com Cayce, a qual revelou, entre outras coisas, uma doença física grave para a qual foram prescritos tratamentos, mas ele não os seguiu. Mae, compreendendo que o homem também precisava de se libertar do grilhão cármico que o prendia a ela, conversou com ele ocasionalmente e tentou persuadi-lo a seguir os tratamentos prescritos por Cayce, mas foi em vão. Por fim, ao perceber que os seus ideais eram tão diametralmente opostos que qualquer contacto ulterior seria inútil, Mae conseguiu libertar o seu coração da influência que ele exercia sobre ela.

Com uma voz carregada de admiração, Mae fala assim das suas provações nesta vida: "Mas reparem nesta Lei Universal em ação! Como aconteceu que, após todos esses anos, eu escolhi precisamente aquela noite para ir visitar a mulher que me havia apoiado durante o meu primeiro desastre conjugal? E como é que Boyd e Burlynn apareceram em casa dela nessa noite, depois de uma longa ausência? E se eu não tivesse estado em casa dos Davis na noite seguinte, quando fiquei tão doente? Por causa disso conheci o Sr. Cayce, e ele não só mudou a minha vida como a de toda a minha família.

Parecia sentir que era esta a sua oportunidade de corrigir os erros cármicos da sua própria vida dissoluta no período do Forte Dearborn, quando tantos de nós havíamos formado um grupo coeso. Não há grande dúvida de que as suas leituras físicas para os meus pais prolongaram as suas vidas em vinte anos, e que os tratamentos prescritos para a minha irmã, duas sobrinhas, um sobrinho, um primo, uma tia e outros familiares também lhes trouxeram curas. Deu-me trabalho quando eu precisava desesperadamente; mas, mais importante ainda, deu sentido e propósito à minha vida."

Falar hoje com esta mulher serena e encantadora torna quase impossível imaginar a jovem senhora assustada e emocionalmente esgotada que desesperadamente desejara morrer. É agora viúva, e ao longo dos muitos anos que dedicou à Fundação Edgar Cayce encontrou uma serenidade interior que mais do que compensa os duros golpes desta vida. Certamente terá merecido um lugar mais tranquilo da próxima vez!

## Capítulo 10
## A Guardiã dos Registos

Beverly Simmons teve a experiência singular de ser informada por Edgar Cayce de que era a reencarnação da sua irmã mais velha, falecida pouco antes do seu próprio nascimento no Kentucky. A esposa de Riley Simmons, um proeminente executivo de seguros de Norfolk, ouvira durante vários anos falar das "coisas estranhas que se passavam" na vizinha Virginia Beach, antes de a curiosidade a levar finalmente a solicitar uma leitura a Cayce. Assistiu à sessão em Novembro de 1940 e ouviu com interesse crescente o vidente identificar com precisão as suas características de personalidade.

Disse que ela era exteriormente serena mas profundamente emotiva por dentro, com tendência para mudanças repentinas de humor; que era "independente da necessidade de companhia" e tinha uma "necessidade intensa" de intervalos frequentes de solidão, durante os quais tinha o estranho hábito de cantarolar em voz baixa. Ela própria não se poderia ter descrito com maior exatidão. Acrescentou ainda que por vezes sentia uma "necessidade" de usar muitas pulseiras e bijuteria tintinante, ao passo que noutras ocasiões se recusava a usar qualquer adorno, e tinha tendência para uma atitude de para-que-serve face à vida. Disse ainda que ela possuía grande aptidão para factos e números (desempenhara durante muitos anos um cargo de grande responsabilidade como contabilista) e uma rara capacidade para fazer do casamento e da carreira um êxito simultâneo.

O vidente inconsciente vinha dissecando o seu carácter com a precisão de um cirurgião, quando de repente a surpreendeu ao declarar: "Antes desta existência, a entidade conhecida como Leila Cayce entrou na experiência terrena por um período que trouxe esperança, e depois tristeza, a muitos." Disse que, após não encontrar o ambiente que esperava, ela se retirou desta vida com a idade de dois anos e oito meses. Referindo-se à fonte akáshica do seu conhecimento transcendente, Cayce continuou: "Sim, estão-nos dados aqui os registos dessa entidade conhecida como Leila Cayce... Leila Beverly Cayce."

Ao ouvir o nome do meio da irmã que nunca conhecera, até a secretária de longa data de Cayce, Gladys Davis, sobressaltou-se de surpresa. Parecia uma coincidência inquietante que nesta vida o nome Beverly tivesse sido igualmente atribuído por um conjunto diferente de pais, e a Sra. Simmons soube mais tarde pela sua mãe que, não fosse a oposição do pai, teria sido batizada Lyal Beverly — uma aproximação ainda mais próxima de Leila Beverly.

Outra coincidência veio à luz enquanto Cayce prosseguia: "A entidade Leila Beverly Cayce partiu [desta vida] a vinte e quatro de Agosto de 1876. Entrou novamente a vinte e quatro de Agosto de 1910" — no trigésimo quarto aniversário da "morte". O vidente disse que Leila Cayce nasceu de dois indivíduos de temperamentos muito diferentes, e que "uma ação por parte do pai terreno trouxe aquela desilusão que levou a entidade a procurar uma meditação mais profunda" — ou seja, a morrer. Explicou que nos primeiros dois ou três anos de vida, uma alma tem o direito de se retirar se um dos progenitores provocar mudanças não previstas, o que o pai de Leila fez. Disse ainda que a criança intuiu também que havia escolhido um ambiente em que não lhe seria possível reencontrar o marido de várias encarnações anteriores.

Mais tarde, quando as palavras de Cayce lhe foram relidas, ele recordou a sua mãe ter dito que dez dias após o nascimento de Leila, o marido se entregou a uma longa bebedeira, e que a partir daí a bebé pareceu definhar até morrer. Curiosamente, quando Leila alegadamente reencarnava como Beverly, precisamente trinta e quatro anos depois, o pai desta era também um bebedor inveterado, e ela tinha tal aversão ao álcool que se recusava a sair com rapazes que bebessem. Assim, aparentemente escolheu regressar ao mesmo problema para o enfrentar com maior coragem.

O inconsciente Cayce disse à Sra. Simmons que ela quase se retirou do seu corpo atual exatamente à mesma idade que da vez anterior, e embora a sua mãe não acredite na reencarnação, confirmou posteriormente que poucos meses antes do terceiro aniversário de Beverly, a criança pareceu tão próxima da morte, sem causa conhecida, que lhe tiraram uma fotografia como recordação.

As fotografias de Beverly Simmons em adulta são também de considerável interesse, pois quando comparadas com fotografias da irmã mais nova de Edgar Cayce, Sara Cayce Hesson, a semelhança familiar é tão marcada que as duas mulheres quase poderiam ser o mesmo rosto.

Uma das observações mais invulgares alguma vez feitas pelo muito invulgar Edgar Cayce foi proferida espontaneamente quando ele emergiu da leitura em transe sobre Beverly como Leila. "É a única vez", disse ele, "que o Guardião dos Registos me indicou o que podia ler. Antes, limitava-se sempre a

entregar-me o livro, mas aqui guiou a minha leitura, apontou com o dedo as passagens que eu podia ler e disse-me que partes devia saltar por enquanto." A Sra. Simmons é de opinião que mais pormenores poderiam ter sido demasiado dolorosos para a família Cayce.

Uma outra leitura de Cayce apresentou à Sra. Simmons uma existência de carácter muito diferente na Inglaterra do século XVII, como Marge Oglethorpe, filha — aparentemente ilegítima — do Governador J.B. Oglethorpe, o fundador da Geórgia. O adormecido Cayce escolhia sempre a sua linguagem com tato, mas é evidente pela leitura que a bela dama que, ao que se dizia, deixara rasto nos círculos sociais britânicos era obstinada, voluntariosa, imperiosa e leviana. Ela "não era uma esnobe", mas alguém que honestamente se considerava "um pouco melhor do que toda a gente", disse ele, e esse sentimento de superioridade "deve ser vigiado" nesta vida. A leitura declarou que Marge Oglethorpe trouxe "perturbações" a outros pela sua busca de "pompa e favores", e acrescentou: "Quanto às atividades sociais e a algumas dessas escapadas que não foram bonitas, passamo-las em silêncio, pois têm pouco a ver com a experiência presente da entidade." A jovem frívola acabou por emendar os seus caminhos, pois Cayce viu-a nos seus anos mais maduros ajoelhada perante o altar de um convento; mas disse que os registos "daquela Oglethorpe leviana" ainda podem ser encontrados nos arredores de Salisbury, Inglaterra.

Sacerdote no fundo da sua alma, Edgar Cayce raramente apresentava a alguém uma encarnação anterior sem lhe transmitir conselhos sólidos para ajudar a superar o karma acumulado. "São estas as experiências a enfrentar dentro de si mesma no presente", incentivou gentilmente a Sra. Simmons. "Não o que se chamaria de egotismo tolo, mas esse sentimento inato dentro de si que sabe que sabe, independentemente do que qualquer outra pessoa possa dizer." Instou-a a manter a atitude: "Seja feita a Tua vontade, ó Senhor, em mim e através de mim", e admoestou-a ainda:

"Ao usar essas experiências, não te deixes consumir pela ira, nem contra ti mesma nem contra os outros, mas manifesta mansidão e humildade. Eleva os teus olhos para Aquele que é o caminho, e Ele dirá sempre como outrora: 'Também eu te não condeno.' Pois quando Ele perdoa, também esquece. Olha para Ele, pois pode colocar nas tuas atividades aquilo que te manterá diariamente no caminho que fala de beleza e encanto, que foi uma parte da experiência, e toda a leviandade e a obstinação serão esquecidas."

A Sra. Simmons perguntou se havia estado associada ao seu marido atual nessa vida, e Cayce respondeu que ele fora um conhecido que estava "sempre fora do alcance da entidade". Insinuando que ela se irritara com a indiferença dele, Cayce acrescentou: "Coloca-te frequentemente de lado e observa-te a

passar, e não ficarás surpreendida quando conseguires controlar essas pequenas irritações que às vezes surgem."

De acordo com as leituras de Cayce, a maioria de nós viveu centenas de vezes em corpos físicos, mas como ninguém, exceto um quase-santo, pode aspirar a saldar todas as dívidas cármicas acumuladas numa única vida, o vidente fornecia informação apenas sobre as encarnações particulares que, segundo ele, mais diretamente influenciavam a presente. A Sra. Simmons foi, por isso, informada sobre cinco, incluindo estadias na Terra Santa, no Egipto pré-histórico e no "continente perdido" da Atlântida.

Disse que na Palestina o seu nome era Nimmuo, e que o seu irmão era Lúcio, Bispo da Igreja em Laodiceia. Embora a Sra. Simmons não o soubesse na altura da leitura, o vidente adormecido havia anteriormente identificado a si próprio como Lúcio, um soldado de fortuna que fora rejeitado como apóstolo, mas era parente de Lucas e próximo colaborador de Paulo. Não foram encontrados até hoje quaisquer registos de Lúcio, mas se a leitura estiver correta, Beverly Simmons teria sido irmã de Cayce em duas vidas anteriores.

O vidente disse à Sra. Simmons que ela nascera de abastados pais palestinianos que, ao colaborar com as autoridades de ocupação romanas, conseguiam usufruir de privilégios especiais e de vantagens educativas para os filhos. Através dos contactos da família, ouvira falar dos acontecimentos estranhos que se desenrolavam em Jerusalém, incluindo o julgamento e a crucificação, e dos relatos de que Jesus ressuscitara dos mortos e fora avistado junto ao Mar de Tiberíades. Era natural que a jovem Nimmuo, de dezasseis anos, desejasse ardentemente falar com aqueles judeus que ouvira pessoalmente as palavras daquele homem extraordinário e experimentado as suas curas; assim, ao saber que Lúcio planeava uma viagem a Jerusalém, persuadiu-o a levá-la na descida pelo vale do Jordão.

Cayce narrou que, depois de passarem pela Pereia, chegaram à casa de Lázaro em Betânia, onde encontraram Maria e Marta, bem como "a Mãe Maria e o resto da Família que havia sido reunida por João, em cumprimento daquele mandato da cruz." Ouviram "a maravilhosa história de Jesus pelos seus próprios lábios" e estiveram presentes no dia de Pentecostes, "quando a entidade ouviu aquele discurso de Pedro, viu João, Tiago e outros Apóstolos sentados em reverente assombro, quando o Espírito desceu em línguas de fogo e pousou sobre aquele grupo dos Doze."

Por força da memória da alma daquela experiência, disse Cayce, Beverly Simmons ainda sente profunda reverência por todas as formas de fenómenos espirituais, e muitas vezes deseja estar sozinha "para escutar a voz interior, para

ouvir de novo a história daqueles que haviam conhecido aquela consciência da Sua paz."

De acordo com a leitura, Nimmuo permaneceu algum tempo ali antes de regressar a Laodiceia, onde "se tornou um enigma" para os seus pais, Sófia e Filipe, que não conseguiam compreender a marcada mudança na filha, até que Paulo e Barnabé os converteram mais tarde.

Cayce declarou que depois de Lúcio ser nomeado bispo, Nimmuo tornou-se também uma força nas atividades da Igreja; mas ao tomar o partido do irmão numa disputa com Paulo, envolveu-se em situações que ameaçavam uma divisão da Igreja Primitiva e "levaram aquele santo em Patmos a declarar: 'Vomitar-te-ei da minha boca.'" Disse que Nimmuo acabou por trazer ordem e disciplina à Igreja, pisando terreno onde outros teriam receado aventurar-se e admoestando alguns que eram seus superiores, porque, "tendo recebido aquela convicção, aquele propósito, aquele ideal daquelas experiências em Betânia, na casa da Mãe do Senhor... a entidade ergueu-se como uma força poderosa, sozinha com a verdade na ausência de condenação para qualquer um."

A leitura declarou que aos vinte e quatro anos Nimmuo casou com "um dos mais recentes convertidos", um conselheiro político romano na Palestina, que desde então reencarnara como Riley Simmons, o marido atual de Beverly. Ao resumir o valor da experiência palestiniana, Cayce concluiu: "Mantém no presente sempre próximo aquilo que tão frequentemente buscaste durante essa experiência; colocar-te no lugar daqueles de quem ouviste, e através de quem e por quem experimentaste essa capacidade de trazer harmonia aos corações e mentes dos perturbados por qualquer causa. E apega-te firmemente à fé que expressaste muitas vezes: há tanto bem em todos que ninguém se pode dar ao luxo de falar mal de alguém."

Os laços cármicos que aparentemente uniam a Sra. Simmons a Edgar Cayce eram extraordinariamente fortes, pois as leituras declararam que quando ele era Uhjltd, um líder tribal do deserto e místico na antiga Pérsia, ela fazia parte do seu círculo doméstico; e no Egipto pré-histórico, como sacerdotisa chamada Tar-Ello, trabalhou de perto com o sumo sacerdote Rata, que Cayce havia sido.

O vidente adormecido disse que durante muitos anos antes do seu nascimento, Rata vinha experimentando formas de melhorar a raça humana, que então apresentava muitas imperfeições físicas como apêndices e cascos, e para esse fim estabelecera um Templo do Sacrifício e um Templo do Belo para remover as imperfeições de mente, espírito e corpo. Disse que os pais de Tar-Ello se tinham preparado tão bem sob a orientação do sacerdote que ela foi a primeira

criança egípcia a nascer praticamente livre de imperfeições, com olhos azuis e pele clara.

Cayce disse que o companheiro de Tar-Ello era Ex-Der-Enemus, o "segurador" oficial dos trabalhadores egípcios feridos ou mortos em obras de construção governamental, e que a proteção seguradora das famílias de trabalhadores envolvidos em atividades perigosas era então uma novidade no mundo. Assim, Ex-Der-Enemus exercia um grande poder, trabalhando de perto com o Rei Arraat e Ajax, que Cayce afirmou terem construído as pirâmides. Quando o vidente identificou Ex-Der-Enemus como Riley Simmons, o marido de Beverly, ela ficou impressionada com a semelhança de interesses, visto que nesta vida ele seguira uma bem-sucedida carreira no ramo dos seguros mútuos.

Cayce comentou que durante a última parte da encarnação de Tar-Ello, Beverly "cedeu às coisas materiais e às autoindulgências... o que trouxe arrependimentos", e que, a seguir ao ciúme, nada esgota o propósito espiritual da vida como os arrependimentos, porque quando Deus perdoa, a falta também é esquecida. Acrescentou que, devido à sua elevada posição e quase perfeição no antigo Egipto, algumas das entidades que vivem hoje e que com ela trabalharam no templo sentiriam por ela uma latente "veneração", e que tenderiam a tomar-se por modelo nos hábitos, no discurso e nas atividades. A moral era evidente: ela deve conduzir-se nesta vida de modo a constituir um exemplo luminoso.

## Capítulo 11
## Porventura Sonhar

A Sra. Wilfred Sechrist, de Houston, Texas, vivia em Englewood, Nova Jérsia, em 1943, quando tomou conhecimento de Edgar Cayce através do livro *There Is a River*. A ideia da reencarnação era-lhe estranha, mas graças à sua mente viva e curiosa decidiu solicitar uma leitura de vida. Elsie havia sido enfermeira-chefe no Hospital Bellevue, em Nova Iorque, antes do casamento, e depois de instalar casa num apartamento em Englewood aproveitou o lazer a que não estava habituada para ensinar outras jovens donas de casa do edifício a preparar fórmulas para bebés, a gerir a casa corretamente e a confecionar refeições nutritivas. Quando chegou a transcrição da leitura de Cayce, que afirmava que ela deveria ser instrutora "no caminho, na verdade e na luz", não conseguiu perceber o que isso significava, a menos que se referisse à sua ajuda às mães. Mas à medida que ia lendo, o seu espanto foi crescendo.

Cayce, em transe, descrevera quatro vidas anteriores que, segundo ele, estavam mais diretamente relacionadas com os propósitos pelos quais ela entrara na encarnação presente. Após o choque inicial, ela teve de concordar que essas vidas faziam vibrar algo dentro de si. Na mais recente delas, anterior à vida atual,

Cayce viu-a como uma das primeiras colonas de Provincetown, no Massachusetts, onde, devido à sua simpatia pelos índios, servia frequentemente de intermediária entre os vizinhos da aldeia e as tribos vizinhas.

O seu nome, coincidentemente, teria sido Elsie Gilchrist, e quando o marido visitou mais tarde aquela região, descobriu que uma rua dessa pequena localidade se chamava Gilchrist, e que o nome era ali bastante comum. Elsie reconheceu prontamente que desde pequena sempre torceu pelos índios nos filmes, sentindo que eram tristemente maltratados e incompreendidos pelos homens brancos.

O adormecido Cayce relatou ainda que, em criança, na Palestina, "quando Cristo andava na terra", ela não conhecera Jesus pessoalmente, mas trabalhara de perto com os seus seguidores e testemunhara as perseguições dos primeiros cristãos. A leitura afirmava que ela se juntara aos Essénios, ainda que não fosse judia, e ajudara outros a interpretar os ensinamentos de Jesus em várias partes da Terra Santa.

"Talvez isso explique", diz a Sra. Sechrist, "porque razão fiquei excessivamente entusiasmada ao ler pela primeira vez a descoberta das ruínas de Qumran nas margens do Mar Morto. Intuitivamente sabia que o Sr. Cayce tinha razão quando disse que tanto mulheres como homens pertenceram à Ordem Essénia, e embora não tenha provas, tenho a forte intuição de que a porta da esquerda era a entrada usada pelas mulheres."

Na altura desta leitura, em 1943, ninguém conhecia a localização das ruínas, e as escassas referências históricas a comunidades Essénias indicavam que eram exclusivamente masculinas. No entanto, já em 1936, Cayce havia dito a outra mulher que ela havia sido superiora na Ordem Essénia, localizada "na estrada acima de Emaús, perto da estrada que desce para Jericó e para a costa mais a norte de Jerusalém." Em 1951, os vestígios de uma comunidade Essénia, Qumran, foram escavados precisamente onde Cayce havia indicado, e esqueletos de mulheres bem como de homens foram encontrados nas sepulturas envolventes. Foi em Qumran que os Manuscritos do Mar Morto, posteriormente desenterrados em grutas próximas, haviam sido escritos.

Cayce disse que a Sra. Sechrist tinha sido jovem testemunha no Dia de Pentecostes, quando os discípulos falaram em línguas; e contudo não tinha forma natural de conhecer o seu intenso interesse pela glossolalia ao longo da vida presente. Em criança, sempre que a sua professora de escola dominical mencionava o falar em línguas, Elsie parecia ver visões de Pedro a dirigir-se a viajantes de muitas terras, cada um dos quais ouvia as palavras comoventes na sua própria língua; e em adulta havia lido bastante sobre o assunto.

A encarnação que, segundo se afirmava, exercia a influência mais poderosa sobre a sua vida presente foi uma estadia como Lido-La na antiga Pérsia. Cayce disse que ela era profetisa e enfermeira-chefe em "a cidade nas colinas e nas planícies", e a Sra. Sechrist recorda que ao ler que havia sido uma leitora de areia emigrada da Índia, "um som semelhante a uma campainha ressoou na minha cabeça e reverberou pela espinha acima e abaixo."

Vários anos antes da leitura de Cayce, assistira a um filme intitulado *The Garden of Allah*, em que o herói se aproximava de uma leitora de areia indiana para lhe ler o futuro. Enquanto observava a cena que se desenrolava, Elsie começou a tremer, "e uma luz pareceu explodir no meu cérebro enquanto me 'identificava' com a leitora de areia." Diz que nunca teve esta reação peculiar ao ver filmes sobre visionárias de bola de cristal ou ciganas, mas desde então desenvolveu a faculdade de ver o futuro para a sua família. Assim, tanto as capacidades precognitivas como a carreira de enfermagem poderão ser talentos desenvolvidos há muito tempo e reativados nesta vida.

A leitura de Cayce declarou que ela nascera na casta dos intocáveis da Índia, mas ao saber através de condutores de caravanas das maiores oportunidades de estudo oferecidas aos desfavorecidos na Pérsia, juntou-se a um grupo que se dirigia a "a cidade nas colinas e nas planícies." Elsie raciocina que se alguém tivesse sido efetivamente um intocável, isso provavelmente o ajudaria a compreender o anseio dos que não têm oportunidades, e diz:

"Sempre defendi os desafortunados, mas na altura da leitura, não entendia o que o Sr. Cayce queria dizer. Por exemplo, disse que eu tinha a capacidade de interpretar visões e sonhos, graças à prática nessa área na Pérsia. Considerei isso ridículo! Como poderia eu então saber que um quarto de século mais tarde teria um livro publicado pela Cowles Publications sobre o significado e a interpretação dos sonhos?" Intitulado *Dreams — Your Magic Mirror*, o livro recente de Elsie Sechrist é geralmente considerado uma obra clássica na sua área.

Cayce disse que durante a sua experiência persa ela ficou encarregada de todos os grupos de buscadores do conhecimento espiritual, que vinham das terras do Gobi, de Saad, da Grécia, do Egipto e da Pérsia, instruindo-os no espiritual e no mundano. Se Cayce tivesse afirmado que ela retomaria este tipo de trabalho na vida presente, ela teria rido da sua ingenuidade, mas durante os últimos dez anos servira como diretora de todos os grupos de estudo da Associação para a Investigação e o Iluminismo (o programa de formação de Edgar Cayce), e proferira conferências no país e no estrangeiro sobre a natureza do ser humano em relação às suas capacidades psíquicas, com ênfase nos sonhos, na oração e na expansão da consciência.

Cayce sublinhou a necessidade de ela se manter humilde, alertando-a contra qualquer tentação de seguir um caminho que a exaltasse em nome ou fama, e citou uma altercação com o seu filho na vida persa que a levara a encolerizar-se e a "perder terreno" espiritualmente. "Embora fosses maltratada, embora fosses esquecida", declarou a leitura, "acabaste por regressar à humildade de espírito para que os outros pudessem saber."

Embora o significado da estranha formulação tivesse intrigado Elsie na altura, ela diz que lhe foi imensamente útil nos anos seguintes, porque "houve ocasiões em que, ao decidir que outros estavam a fazer algo de forma errada, resolvi não ter mais nada a ver com eles ou com a sua organização. Então recordava que isso era falta de humildade da minha parte, pois quem é perfeito?"

"Uma querida amiga minha decidiu abandonar a A.R.E. por razões semelhantes", continuou, "e tinha já escrito a carta de demissão, quando por acaso abriu a Bíblia nesta passagem do Apocalipse: 'Sê vigilante e robustece o que resta e está prestes a morrer; porque não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus.' Volto sempre a isso, percebendo que onde há fraquezas, o que se precisa é de apoio, e não de autossuficiência. Certamente não é altura de fugir, pois é a Deus que procuro servir, e não posso certamente ter nada contra Ele!"

Cayce disse à Sra. Sechrist que ela havia estado associada a ele quando ele era Rata, sumo sacerdote no Egipto pré-histórico, numa época em que ele estabelecia uma consciência mais elevada, e que muitas das pessoas que então trabalharam com ele haviam inconscientemente encontrado o caminho de volta a ele e à obra da A.R.E. nesta vida. O seu nome dessa época teria sido Ist-Hean, e ela tornou-se mestra de "o caminho, a verdade e a luz", trabalhando com pessoas que vinham de todas as partes do mundo então conhecido para estudar no Templo do Belo perto de Heliópolis. O vidente em transe disse que antes de as entidades poderem trabalhar nesse templo, que enfatizava as verdades espirituais, tinham primeiro de se formar no Templo do Sacrifício, uma espécie de hospital onde os internados aprendiam sobre nutrição, controlo da natureza inferior, postura e exercício, e onde se realizavam todas as cirurgias. Deste modo, ele indicou que Elsie havia aprendido os fundamentos da enfermagem no Egipto, bem como na Pérsia e na Nova Iorque moderna.

"A leitura alertou-me para as influências planetárias de Úrano que, por causa de excessos passados, podiam levar-me a ir a extremos por vezes", recorda a Sra. Sechrist. "Sublinhava que eu devia aplicar nesta vida as regras para o cuidado do corpo que aprendera no antigo Egipto. Isto não podia ser mais apropriado, porque em jovem não prestava qualquer atenção aos apelos do meu corpo por descanso. Sentia que era senhora do meu corpo e recusava-me a atender ao que ele pedia. Ia terminar qualquer tarefa que tivesse começado,

independentemente de tudo! Pouco antes de ouvir falar do Sr. Cayce, desenvolvi uma infeção no sangue que se instalou nos músculos do coração. O médico informou o meu marido de que eu não tinha mais de cinco meses de vida; mas uma vizinha, Kathryn Baird, deu-me o livro de Richard Ingalese, *History and Power of the Mind*. Este livro mudou a minha atitude perante a vida e eu recuperei, mas se não o tivesse lido, creio que a minha própria alma teria decidido partir e eu teria morrido."

Cayce ensinava que o eu superior pode optar por encurtar uma experiência de vida se sentir que o eu individual está a falhar no cumprimento dos seus propósitos para esse período terreno, e que não devemos associar a Deus traços humanos de vingança ou punição. Não é Ele quem decreta que devemos ser punidos, nem Ele decide a hora da nossa morte. É a nossa própria atividade que constrói o tipo de karma que temos de enfrentar. Se tirámos um olho, temos de dar um olho, a menos que tenhamos aprendido a não repetir nunca mais tal violência.

O assassínio gratuito de outrem, numa vida anterior, pode ajudar a explicar por que razão alguns bebés morrem sem causa física aparente. Se um bebé nasce numa família amorosa, que melhor forma de aprender a loucura de ter tirado a vida de alguém do que perder esta que tanto preza? Por vezes pode também estar envolvido o karma dos progenitores. A perda de um filho querido pode ser consequência do suicídio de um dos pais numa existência anterior, porque não é possível simplesmente largar o amor pelo abandono e depois recuperá-lo. Uma mulher que abandona os filhos por uma aventura amorosa numa vida pode não conseguir dar à luz numa subsequente.

Uma mulher solitária e pouco atraente que ansiava por um marido solicitou uma leitura a Cayce, tendo-lhe sido dito que numa vida anterior, depois de o marido a ter abandonado, ela jurara com raiva nunca mais se apaixonar. Dizia-se agora que estava a pagar pela sua atitude vingativa, sendo pouco atraente para o sexo oposto. Outra leitura declarou que numa encarnação anterior uma mulher perdera os filhos num incêndio, voltou-se contra Deus e jurou nunca mais ser mãe. Nesta vida é estéril. Um casal com vários filhos normais ficou consternado ao saber que o mais novo era mongoloide. Perguntaram a Cayce porque devia isso acontecer-lhes, e a leitura afirmou que foram "escolhidos por causa do vosso amor, compaixão e compreensão, que vos permitem ajudar esta alma a encontrar o seu caminho de regresso" de uma vida anterior de erros. Advertiu-os a não encararem esta experiência como um castigo, mas antes como uma oportunidade de enriquecerem as suas próprias almas ajudando esta alma aprisionada num corpo indefeso.

A Sra. Sechrist ficou tão fascinada com a sua leitura de vida que foi a Virginia Beach assistir a um seminário, e quando entrou pela primeira vez na sede de Cayce, diz que uma voz interior lhe disse: "Chegaste a casa. Não precisas mais de procurar." Quase de imediato viu uma mulher de quem diz: "Mal conseguia desviar os olhos dos dela. Sentia que se pudesse olhar suficientemente longo para os seus olhos, saberia muitas coisas." Reunindo coragem, apresentou-se a Florence Edmonds e contou-lhe a estranha sensação. A Sra. Edmonds respondeu que outros tinham mencionado uma sensação semelhante, e que como iria ter uma leitura nessa tarde, perguntaria por uma explicação. O adormecido Cayce disse-lhe que se tratava de uma "lembrança da alma do período egípcio", quando ela havia sido guardiã do Templo do Belo, lendo psiquicamente os propósitos das almas que pediam entrada. Disse que entre elas estavam a presente Elsie Sechrist e outras, que inconscientemente se recordavam da experiência.

A Sra. Sechrist assistiu à aula inaugural, juntamente com cerca de cinquenta outros buscadores, e durante esta conferência Cayce perguntou se alguém queria ajuda com uma meditação. Embora Elsie não soubesse o significado da palavra, ergueu prontamente a mão, e Cayce disse que a despertaria às duas da manhã. A deceção coloriu-lhe a voz ao responder que não havia telefone no seu quarto, mas o vidente disse que não precisaria de um.

"Comecei a perguntar a mim mesma em que raio me tinha metido", recorda ela a rir. "Será que este perfeito desconhecido ia aparecer à porta do meu quarto a horas tão indevidas?"

Nessa noite adormeceu à hora habitual, mas acordou abruptamente e olhou para o relógio de pulso luminoso. Eram precisamente duas da manhã. Recordou a promessa de Cayce e, embora não tivesse qualquer noção de como meditar, decidiu "fechar os olhos e pensar em Deus." De repente, diz ela, "apercebi-me de um campo de cor laranja, com um grande olho azul a olhar para mim. Tudo o que podia fazer era olhar de volta. O que significava não sabia, mas ali estava; e então o aroma de gardénias encheu o quarto. Tanto a fragrância como o olho permaneceram durante cerca de quinze minutos, ao fim dos quais adormeci. Na manhã seguinte a minha companheira de quarto perguntou se por acaso eu tinha cheirado gardénias durante a noite, e silenciosamente a abençoei, pois estava a começar a questionar a minha sanidade."

A Sra. Sechrist estava ansiosa para contar a Cayce o estranho acontecimento, mas quando correu até ele antes da aula, ele fez-lhe sinal para se calar, dizendo: "Primeiro deixe-me contar-lhe o sonho que tive antes de a despertar. Sonhei que estávamos a caminhar num jardim e que me pediu ajuda na meditação. Disse que devia meditar através do olho que tudo vê (a hipófise) e a senhora disse: 'Não chega. Também preciso do odor das gardénias.'"

Elsie diz que desde então tenta sempre ter gardénias frescas, ou incenso que se aproxime da sua fragrância, perto de si quando medita, porque isso "ajuda a dissociar a minha mente das coisas externas e leva-me mais rapidamente a uma consciência espiritual mais elevada."

Nos dias que se seguiram, Cayce continuou a despertá-la através de algum processo misterioso, sempre na mesma hora das primeiras horas da manhã. Depois, durante a viagem de regresso a Nova Jérsia num barco noturno, ela acordou e descobriu que eram vinte minutos depois das duas. Supôs que estava demasiado cansada para Cayce a despertar, mas ainda assim aquietou a mente numa tentativa de meditar.

"Inesperadamente, deparei-me com uma visão do rosto de Edgar Cayce", recorda ela, "parecia rir-se alegremente de mim. Fiquei tão perplexa que assim que cheguei a casa lhe telefonei a longa distância para perguntar o que se passava. Ele respondeu a rir que se havia divertido com o meu desespero por ter dormido demais, quando na verdade fora ele próprio o atrasado a despertá-la."

No decorrer de uma leitura de vida subsequente, Elsie perguntou ao Cayce em transe se ela e o marido haviam estado associados em vidas anteriores, e ele respondeu: "Muitas vezes." Declarando que o presente Wilfred Sechrist era o filho com quem ela havia discutido na encarnação persa, disse: "Na Pérsia, guerreaste um contra o outro. No presente, como foi dado? Paciência, bondade, gentileza, longanimidade, amor fraternal. Manifesta-os mais na tua relação com o teu companheiro."

"Será de admirar", pergunta Elsie, "que depois de tão acesas disputas há apenas alguns milhares de anos, as faíscas ainda voem ocasionalmente entre o Bill e eu hoje? O Sr. Cayce disse que eu havia ocupado posições de autoridade em muitas vidas e que, como resultado, estava agora demasiado propensa a avançar e tomar as rédeas em vez de convidar os outros a trabalhar comigo. Percebi que havia analisado corretamente um dos meus piores defeitos, e desde então tenho procurado ser mais paciente com os outros, dando-lhes oportunidades de servir."

Edgar Cayce sublinhou repetidamente a importância dos sonhos, dizendo que alguns deles podem ser intencionais "memórias da alma", que reacendem e põem em movimento ideias construtivas e capacidades latentes. Alguns anos após o seu falecimento, a Sra. Sechrist teve um sonho extraordinariamente vívido. Campos de trigo maduro ondulavam suavemente à brisa, cachos de uvas pesavam na vide, e os pomares estavam carregados de fruto. Por cima de tudo

pairava a sombra de Jesus, e uma voz dizia: "Trazei-me ao povo." Pareceu-lhe uma convocatória para difundir a mensagem de "o caminho, a verdade e a luz."

Pouco depois começou a dar conferências e a ensinar para a A.R.E., e alguns meses mais tarde sonhou que falava num anfiteatro ao ar livre. A sua pele era morena, os pés calçados em sandálias, e envergava uma túnica castanha cingida na cintura por um cordão. As tochas iluminavam a arena, e enquanto lançava um aviso de que a destruição viria a menos que as pessoas mudassem os seus caminhos egoístas, uma mulher coberta de joias nas fileiras superiores começou a rir depreciativamente. Elsie, furiosa, disse à mulher: "E tu morrerás amanhã." A mulher empalideceu, e Elsie acordou, horrorizada com a sua sentença de vingança. Rezou então fervorosamente pedindo perdão e compreensão.

Dois meses mais tarde, partilhando a tribuna de conferências em São Francisco com Thomas Sugrue, falou sobre cura espiritual. Durante a sua intervenção, uma mulher adornada com um belo vestido persistia em dar risadinhas e rir sarcasticamente. A ira começou a crescer dentro da Sra. Sechrist, mas de repente ela recordou o sonho e, proferindo uma oração em silêncio, parou a meio da frase para declarar: "Há algo de que todos precisamos de nos lembrar consistentemente; que as pessoas são como flores no jardim de Deus. Muitas são como botões, com o coração fechado ao sol, sem ainda dar a sua beleza e fragrância. Outras já são como rosas em plena floração, com a alma aberta ao sol, recebendo a luz e dando-a a todos os que passam. Mas o importante a recordar é que todas as pessoas são como crianças no jardim de Deus." Depois retomou a conferência.

Quando terminou, a mulher que achara a cura espiritual de uma comicidade insuportável avançou, pediu humildemente desculpa pelas suas interrupções mal-educadas, e disse que a ideia das pessoas serem como flores no jardim de Deus lhe abrira um mundo inteiramente novo de pensamento. Tornou-se uma participante assídua durante o resto do seminário. Elsie diz que não conhece a fonte da sua declaração improvisada, mas acredita que terá sido a resposta à sua oração silenciosa, que talvez lhe tenha apagado uma dívida cármica. Se o sonho do anfiteatro foi uma recordação real de uma vida passada ou um aviso precognitivo de um desafio iminente, não se pode saber; mas ela sente que a preparou para enfrentar uma fraqueza dentro de si mesma.

À medida que Elsie continuava a sua meditação diária, sentiu uma expansão da consciência durante as horas de vigília e de sonho, o que lhe permitiu compreender-se melhor a si própria e aos outros. Um dia, enquanto assistia a uma antestreia do filme *As Minas do Rei Salomão* em Hollywood, uma cena com dançarinos Watutsi surgiu no ecrã e ela sentiu um desejo quase incontrolável de

saltar para o corredor. "Sentia que poderia facilmente fazer aquela dança", explica, "o salto gracioso, a cabeça a girar e os pés a bater no chão. A acompanhar a exuberância interior havia um sentimento de elação e felicidade, de tal modo que fiquei emocionada até ao fundo do ser. Nessa noite, num sonho, encontrei-me como uma Watutsi; uma mulher, alta, morena e graciosa, conduzindo um grupo de mulheres que entoavam cantos para fora de um templo redondo de palha com telhado de colmo. O canto era numa língua estrangeira, mas ao despertar com as suas vibrações ainda na garganta, ouvi-me dizer: 'Este é o meu amado povo.'"

Ao rever a experiência, diz: "Sempre senti um profundo parentesco com os africanos, especialmente os Watutsis. Muito antes de ver o filme, tinha lido avidamente tudo o que encontrava sobre eles, e considerava-os o povo mais nobre da terra. Acreditar que posso ter sido uma Watutsi ajuda-me a compreender o calor dos meus sentimentos pelas mulheres africanas. As leituras de Edgar Cayce diziam que todos nós tivemos experiências de vida em muitas raças, países e religiões, e uma leitura declarou que George Washington Carver havia sido anteriormente um caucasiano de elevado desenvolvimento espiritual que optou por regressar como negro americano, para ajudar essa raça em tempos difíceis."

Elsie reconhece que deve estar constantemente em guarda contra um sentimento de impaciência para com aqueles que não correspondem aos seus próprios padrões. Isso era particularmente verdade em relação a um membro da sua família, e antes de adormecer numa noite repetia para si mesma: "Porque é que ela não aprende? Porque é que ela não aprende?" As leituras de Cayce sugerem que os sonhos em que os participantes estão vestidos com trajes de outra época tendem a ser memórias da alma, e nessa noite o sonho de Elsie transportou-a para um período da América colonial em que a familiar de hoje era uma amiga. "Percebi", diz ela, "que as atividades e a condição na vida que estava a testemunhar eram tais que ela havia dado passos enormes em frente na sua vida atual. Senti que o propósito deste vislumbre do seu passado era não só mostrar-me que ela havia progredido correspondentemente mais depressa do que eu, mas recordar-me de que não devemos julgar os outros."

Há alguns anos, Elsie sonhou que inspecionava habitações em forma de grutas numa comunidade de encosta e demonstrava a arte da limpeza a um povo primitivo de testa baixa, cabeça achatada e cabelo preto, liso e comprido. Na cena seguinte encontrou-se com Edgar Cayce noutra habitação semelhante a uma gruta, onde ele estava a limpar a ferida de um nativo e ela o assistia. Ao despertar, apercebeu-se de que havia reconhecido Cayce como o médico, ainda que ele se assemelhasse aos outros nativos. Incapaz de decifrar o sonho, mencionou-o a Hugh Lynn Cayce, que disse que ela havia aparentemente

descrito a "cidade nas colinas e nas planícies" persa, onde muitas pessoas habitavam em tais grutas.

Como Lido-La, afirmava-se que ela havia trabalhado de perto com Edgar Cayce, que era um xamã chamado Uhjltd, e as leituras diziam ainda que a actual Shushtar, no Irão, ocupa o local do que era então "a cidade nas colinas e nas planícies." Talvez tenha sido, pois, nessa vida que Elsie lançou as bases do seu amor pela limpeza, arrumação e ordem em casa, que procurou incutir naquelas jovens donas de casa em Plainfield, Nova Jérsia.

Coincidentemente, um estudante de intercâmbio iraniano numa faculdade em Houston foi recentemente convidado para o jantar de Ação de Graças dos Sechrist, e quando entrou na sala de estar ficou surpreendido ao ver uma das pinturas amadoras de Elsie emoldurada na parede. Perguntou-lhe ansiosamente de onde a havia copiado, e ao ser informado de que a cena era puramente imaginária, tendo sido desenhada do seu próprio subconsciente, exclamou: "Mas isso é uma reprodução exata da nossa cidade de veraneio, Shustar, no Irão!"

Três sonhos sucessivos pareceram colocar Elsie no que se chama o continente perdido da Atlântida. O tempo, insistia Edgar Cayce, não é uma linha traçada até ao infinito, mas uma dimensão da consciência; e uma vez que todos os pensamentos, atos e acontecimentos foram registados no fio do tempo e do espaço, uma pessoa através da meditação pode desenvolver a arte de sintonizar esses registos akáshicos, tal como podemos reproduzir antigas gravações em cassete. Se verdade, seria possível aceder a memórias de vidas pré-históricas bem como a vidas mais recentes.

Nestas sequências de sonhos, Elsie diz que estava "consciente" de estar na Atlântida. Na primeira cena, observava uma mulher a flutuar no céu, naquilo que parecia ser um cesto de vime, a partir do qual, como ponto de observação, patrulhava a feira abaixo. Os homens assemelhavam-se um pouco aos nossos esquimós, com pele avermelhada e cabelo preto e luzidio, e ao longe podia ver grandes edifícios de granito de uma cidade. Quando Elsie me contou pela primeira vez o sonho, considerei-o tão desprovido de significado que não tencionava incluí-lo neste livro.

Alguns meses mais tarde, porém, a North American Newspaper Alliance publicou um artigo sindicado sobre "O Ano 2000: Um Enquadramento para Especulação sobre os Próximos 33 Anos", de Herman Kahn e Anthony Wiener, que afirmava: "Esta extraordinária antevisão baseia-se num estudo de longo prazo de um dos mais notáveis centros de reflexão, o Hudson Institute, Inc., em Croton-on-Hudson, Nova Iorque." O relatório identificava Kahn como físico e matemático, e Wiener como presidente do Conselho de Gestão de Investigação

do Hudson Institute; e entre as inovações que estes dois académicos consideravam "muito prováveis" antes do fim do século estavam "plataformas de voo individuais".

Após ler o artigo, recordei que três décadas antes Edgar Cayce havia declarado que os atlantes estavam a começar a renascer em grande número, para alcançar avanços tecnológicos que lhes eram bem conhecidos antes de a Atlântida desaparecer no mar. Teria Elsie Sechrist, afinal, revivido uma memória onírica de uma mulher sozinha num artefacto semelhante a um cesto, sem hélices, a policiar a área abaixo?

No seu segundo sonho "atlante", Elsie acabava de saber da morte do marido e dos dez filhos num incêndio e estava dominada pelo desgosto. Um homem que ela reconheceu como o seu marido atual procurava confortá-la enquanto caminhavam juntos por uma encosta contígua a uma grande escavação. Diz sobre a experiência: "O meu desgosto era tão intenso que mesmo depois de acordar, o Bill teve dificuldade em trazer-me de volta à realidade de hoje."

O terceiro sonho ocorreu após uma conferência. Um homem do público viera felicitá-la e ela descobriu-se inesperadamente a recuar, como se temesse que ele lhe tocasse. Nessa noite, durante o sono, encontrou-se numa casa de granito na Atlântida, sozinha na sua cama, quando o homem que havia encontrado na conferência arrombou a porta e a agrediu. Elsie está convicta de que este acontecimento ocorreu efetivamente em eras remotas, e que explica por que razão, embora seja por natureza corajosa, empurra sempre uma cadeira contra a porta do quarto trancada antes de se deitar, quando o marido não está com ela. Se isto é imaginação ou memória, não temos atualmente forma de o saber.

Uma mulher que os Sechrist conheciam apenas superficialmente convidou-os uma vez para passar o fim-de-semana na sua quinta em Ojai, Califórnia. Quando a anfitriã desceu as escadas na primeira noite, Elsie exclamou admirada ao ver um anel de ametista inusualmente grande e de um roxo escuro no seu dedo. Ao saber que o aniversário de Elsie era a 12 de Fevereiro, a mulher disse: "Então esta é a sua pedra de nascimento, e por alguma razão sinto que devo dar-lhe o anel." E deu.

Nessa noite Elsie sonhou que estava sentada no parapeito de uma casa de pedra cinzenta em Inglaterra, ao lado de uma amiga íntima que lhe desabafava as suas mágoas. A filha da amiga casara contra a vontade dos pais e o genro fora preso por furto. Enquanto a sonhadora procurava consolar a outra mulher, reconheceu-a como a anfitriã que mal conhecia, e ouviu estas palavras: "O anel é uma dívida de gratidão dessa vida."

Ficou tão intrigada que na manhã seguinte, sem mencionar o sonho, perguntou à anfitriã que país estrangeiro escolheria para residir se não fosse americana. Sem hesitar, a muito viajada mulher respondeu: "Oh, Inglaterra. É a minha segunda casa!" Elsie sente que a sua anfitriã deve também ter tido uma memória subconsciente dessa vida em Inglaterra, quando eram amigas íntimas, pois Cayce disse que as nossas reações emocionais às pessoas e aos lugares indicam frequentemente memórias significativas de acontecimentos de vidas passadas.

Talvez o sonho mais intrigante de Elsie tenha sido aquele em que viu o símbolo de um coração, no interior do qual estava gravado "Saskia", e ao regressar à consciência ouviu as palavras: "Foste Saskia." O nome nada lhe dizia, e se o sonho tivesse sido menos vívido provavelmente tê-lo-ia afastado da mente. Algumas semanas mais tarde, porém, ocorreu-lhe perguntar a uma amiga artista, Bernice Wyatt, se já havia ouvido um nome como Saskia, e a amiga respondeu: "Sim, foi a mulher de Rembrandt. Recordo-me particularmente porque tenho um livro com os escritos publicados do médico que cuidou dela até à sua morte."

Bernice foi a correr a casa buscar o livro, *Rembrandt*, de Van Loon, e telefonou para dizer entusiasmada: "Há uma fotografia na parte da frente do livro, com Saskia sentada no colo de Rembrandt, e é você, Elsie. Parece mesmo você!"

A Sra. Sechrist, depois de pedir o livro emprestado para ler, disse sobre ele: "Fiquei espantada ao notar quantas qualidades, boas e más, partilho com uma mulher que viveu há trezentos anos. Saskia adorava comida e tinha, consequentemente, excesso de peso. Este é um problema com que tenho de lidar constantemente. Rembrandt era esbanjador, e Saskia herdara uma grande fortuna. Por isso, quando percebeu que a morte estava próxima, deixou a propriedade a Rembrandt com a condição de ele não casar novamente. Talvez esperasse que desta forma ficasse dinheiro suficiente para educar o filho ainda bebé, ou será que foi ciúme?" Elsie admite com algum pesar que também ela tem tendência para dar com condições, a menos que se discipline severamente.

O médico de Saskia relatou que embora ela fosse paciente na maioria das coisas, pequenos ruídos como o farfalhar do papel ou o tamborilar de dedos quase a levavam à loucura. "Basta perguntar ao meu marido se isto também é verdade em relação a mim", diz Elsie. Saskia tinha mãos bonitas, e as mãos de Elsie têm sido frequentemente admiradas. Saskia era estudiosa da Bíblia, como Elsie, e ambas acreditavam na reencarnação.

"Tal como Saskia", diz Elsie, "não tenho verdadeiro jeito para a pintura, mas amo tanto a arte que ando sempre a frequentar as galerias, e os meus favoritos são Rembrandt e Da Vinci. Saskia tinha muitos retratos pintados por Rembrandt, pois ele usava-a frequentemente como modelo, e ela sentava-se pacientemente durante horas quase sem se mexer. Muito antes do meu sonho inquietante, Mignon Du Broff, uma artista de Nova Iorque que pintou o meu retrato, comentou que eu era a única modelo não profissional com quem havia trabalhado que conseguia sentar-se hora após hora sem se remexer."

"Saskia morreu de tuberculose aos vinte e quatro anos. Como enfermeira em Nova Iorque especializei-me em casos de tuberculose e fui responsável por uma enfermaria de TB, até que um sonho me avisou para evitar casos ativos, por causa de uma suscetibilidade inata à TB em mim própria. Um irmão e uma irmã meus tiveram ambos tuberculose."

"Um estranho incidente ocorreu em 1966 quando o meu marido e eu fomos a Amsterdão e visitámos a casa onde Rembrandt e Saskia haviam vivido. Percorremos vários quartos até chegarmos a um na parte de trás, que expõe muitas das suas gravuras. Sem aviso, fui tomada por um sentimento de depressão e sufocação, e enquanto me perguntava se devia sair, o guia observou: 'Este é o quarto onde morreu a esposa de Rembrandt. Era então o quarto de dormir.'"

## Capítulo 12
## Recordação Espontânea

Cada um de nós nasceu numa determinada família, raça e nacionalidade, aparentemente sem qualquer escolha no assunto. Alguns têm corpos saudáveis, mentes brilhantes e pais amorosos cuja riqueza lhes permite dedicar-se à educação e às artes. Outros podem nascer na miséria, na indiferença ou na depravação, com o agravante da cegueira ou de um baixo coeficiente intelectual. Por que razão haveria uma distribuição tão caprichosa de oportunidades e talentos, se Deus é verdadeiramente justo e amoroso?

Alguns clérigos procuram manter os fiéis conformados pregando que tudo se igualará do outro lado, mas é questionável se os mais refletidos realmente acreditam no que dizem. Se cada um de nós tem apenas uma existência terrena, porque razão devem os ineptos e os génios, os idiotas mongoloides e as crianças prodígio, nascer aleatoriamente em várias partes do globo? Será Deus mais cruel do que nós próprios seríamos ao distribuir a beneficência?

Só se cada alma tiver vivido inúmeras vezes anteriormente é que tais grosseiras iniquidades podem ser explicadas à luz das utilizações anteriores de oportunidades iguais. Isto é causa e efeito — a lei do karma — e Deus permanece um Criador sábio e amoroso se aceitarmos a filosofia de que não é Ele quem nos pune com mentes ou corpos inferiores, mas nós próprios que os escolhemos com o fim de buscar expiação por erros passados. Platão, que ensinava a doutrina da reencarnação, avançou a teoria de que as coisas que aprendemos com facilidade já nos eram conhecidas anteriormente, ao passo que o conhecimento que é difícil de assimilar está a ser encontrado por nós pela primeira vez nesta vida.

Quem pode esquecer os famosos "Whiz Kids" da rádio, que resolviam mentalmente equações matemáticas que muitos adultos não conseguiam calcular nem com papel e lápis? Por que razão é que Beethoven e Mozart podiam compor sinfonias brilhantes na infância, quando tão poucos de nós tocam realmente bem mesmo após muitos anos de aulas de música? Alguns dos nossos génios musicais nasceram em famílias musicais, pelo que a hereditariedade poderia ser um factor, mas muitos outros não. Terão eles trazido consigo um conhecimento da música para esta vida?

O facto de a maioria de nós não se recordar de vidas passadas não deve parecer tão estranho, quando consideramos quantas vezes a nossa memória nos falhou nesta vida. "Sei" que nasci em Sumner, Illinois, embora o meu nascimento não tenha sido oficialmente registado, e não me recordo de ter lá vivido. Aceito-o como facto porque os meus pais e avós o disseram. As minhas primeiras recordações datam dos três anos, depois de nos termos mudado de Sumner, mas de modo algum me recordo de tudo o que me aconteceu nessa idade. Por que razão não me posso lembrar de mais do que alguns episódios isolados, se eu estava tão vivo aos três anos como estou agora? O argumento de que a minha mente não estava então plenamente desenvolvida não pode fornecer a explicação completa, porque desde então esqueci os nomes de incontáveis colegas e professores do liceu e da faculdade, bem como considerável matéria estudada e inúmeros episódios.

À medida que envelheço, esqueço numerosos acontecimentos de data muito mais recente, e não consigo recordar alguns deles mesmo quando outros me recordam a minha participação. Nenhum de nós consegue reter tudo na mente, que automaticamente elimina muita trivialidade, e também algum conhecimento que gostaríamos de ter conservado — mas que nunca se perde verdadeiramente. Isso foi cientificamente demonstrado sob hipnose. O nosso subconsciente simplesmente arquivou-o, e um hipnotizador pode aceder a esse repositório fazendo-nos regredir a uma idade e lugar específicos, pedindo-nos que relatemos o que está a acontecer.

Torna-se assim evidente que, embora detalhes específicos sejam frequentemente esquecidos, conservamos a experiência adquirida por esses episódios e beneficiamos em conformidade. Uma criança pequena que queimou a mão num aquecedor não se recorda da dor concreta, mas daí em diante evitará entrar em contacto físico com um que esteja aceso. Da mesma forma, parece lógico que possamos transportar connosco a sabedoria e a experiência adquiridas em vidas anteriores, mesmo que não nos recordemos dos episódios que nos deram esse conhecimento. Fazê-lo, no nosso estado atual de desenvolvimento, sobrecarregaria desnecessariamente a mente e deixaria pouco espaço para adquirir novo conhecimento.

Algumas pessoas ressentem-se amargamente da ideia de uma lei do karma, argumentando que uma vida é suficiente e que preferem aguardar uma eternidade num belo paraíso. Mas e se adotássemos a mesma atitude em relação à lei da gravitação? Podemos não gostar da ideia de que se saltarmos de um edifício elevado cairemos ao chão, mas desacreditar esta lei fundamental do universo não a altera. Uma vez que somos plenamente conscientes de muitos dos nossos pecados de omissão e de ação, deveria ser reconfortante pensar que nos será dada outra oportunidade antes do "Dia do Julgamento". O medo generalizado da morte pode ser atribuído ao facto de muitas pessoas, evocando as lições da escola dominical da infância, temerem aproximar-se de algum remoto "tribunal do julgamento" onde serão eternamente consignadas ao lugar que ganharam para si mesmas, no Céu ou no Inferno.

Quanto mais reconfortante é acreditar que as nossas almas são o seu próprio juiz do bem e do mal, que Deus nos ama a todos igualmente, e que pela Sua misericórdia nos serão concedidas tantas vidas quantas escolhermos para expiar os nossos desvios. Podemos enganar os outros, mas não nos podemos enganar a nós próprios. Somos o nosso próprio juiz e júri, pelo que é altura de deixarmos de nos lamentar sobre o destino cruel que nos lançou num papel indesejado. A doutrina da reencarnação ensina que na maioria dos casos fomos nós próprios a escolher esse papel, e se preferirmos ter um mais agradável na próxima vez, é agora o momento de começar a merecê-lo, procurando compreender os santos. Cada pensamento, palavra e ação nossa está a ser firmemente inscrito no registo da nossa alma. Cada vez que perdoamos alguém e lhe estendemos uma mão de ajuda, estamos a cancelar parte do débito no nosso livro de contas.

De modo algum todos os pobres e afligidos incorreram em karma pior em vidas anteriores do que aqueles que agora são abastados e saudáveis. Se é verdade que nós próprios escolhemos ordinariamente as circunstâncias em que nascemos, alguns podem ter deliberadamente escolhido a sorte dos desfavorecidos para aprender lições necessárias e pagar uma acumulação de

dívidas mais rapidamente do que aqueles que procuram apenas saldar alguns erros passados na vida presente. Este é o erro que se infiltrou em algumas fés orientais.

Ao ver um "intocável" a lutar desesperadamente para não se afogar, um hindu pode virar-lhe as costas, dizendo: "É o seu karma. Numa vida anterior decerto tirou a vida de alguém." Esse hindu ignora a possibilidade de que possa ter sido o seu próprio karma passar pela margem enquanto outro se afoga, e ao arriscar a própria vida, salvá-lo, adquirindo assim a graça de Deus. Não nos cabe julgar o próximo. "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" não foi dito em vão. Foi uma ordem, que ignoramos por nossa própria conta e risco. O rapaz atrasado ou o trabalhador que luta nesta encarnação pode ser o nosso líder, o nosso patrão ou o nosso pai na próxima. Certamente, de acordo com a filosofia da reencarnação, estaremos irrevogavelmente ligados a qualquer pessoa a quem tenhamos causado mal até que a nossa dívida seja paga.

Edgar Cayce, quando em estado semelhante ao sono, indicava duas fontes para o seu conhecimento transcendente: o subconsciente do sujeito, que se recorda de todos os seus atos; e o inconsciente coletivo, ou registos akáshicos, nos quais estão indelevelmente escritos todos os pensamentos e ações desde o início da humanidade.

Durante quarenta e dois anos, até à sua morte em 1945, Cayce foi aparentemente capaz de aceder a ambos esses reservatórios. Tudo o que precisava de saber era o nome e a localização aproximada da pessoa para quem fazia a leitura. A maioria dos seus sujeitos eram desconhecidos à distância, e embora seja impossível provar as suas leituras sobre encarnações anteriores, uma parte tão grande do restante material se verificou correta que milhares de clérigos, médicos, professores e leigos que estudaram a sua obra passaram de céticos a crentes.

Hugh Lynn Cayce, que dirige a monumental tarefa de indexar e comprovar os muitos milhares de leituras do seu pai, afirma sem reservas: "Acredito que as leituras de vida do pai eram ainda mais exatas do que as suas leituras físicas." É uma afirmação notável, tendo em conta que a exatidão da maioria das suas leituras físicas tem surpreendido médicos e leigos ao longo de três gerações.

Um homem de negócios desafiou uma vez Cayce a acompanhar os seus passos até ao escritório em Nova Iorque, enquanto o vidente jazia em transe em Virginia Beach. Ao receber o relatório mais tarde nessa semana, o homem ficou desconcertado. Cayce não só o havia "visto" parar para comprar dois charutos numa tabacaria e subir a pé em vez de tomar o elevador até ao escritório, como havia até lido o correio da manhã.

A comunidade científica prestou escassa atenção aos poderes psíquicos de Cayce antes da sua morte, exceto no que respeita às suas capacidades de diagnóstico e cura; mas psicólogos e psiquiatras estão a começar a olhar de novo para as suas leituras de vida, em virtude do trabalho que o Dr. Ian Stevenson, recentemente reformado como presidente do Departamento de Neurologia e Psiquiatria da Universidade da Virgínia, tem vindo a realizar no campo da reencarnação.

No seu documentado livro *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*, o Dr. Stevenson relata a sua investigação pessoal de crianças que desde cedo começaram a falar de uma vida anterior vivida numa localidade com a qual não podiam estar pessoalmente familiarizadas. Muitos dos jovens forneceram tal riqueza de pormenores sobre acontecimentos obscuros, e tantos nomes de pessoas que afirmavam ter sido seus antigos familiares, que atraíram o interesse científico.

A 16 de Março de 1964, o Dr. Stevenson encontrou pela primeira vez Imad Elawar, um rapaz de cinco anos que vivia na aldeia de Kornayel, perto de Beirute, no Líbano. O jovem afirmava há vários anos que era anteriormente membro de uma família Bouhamzy em Khriby, outra aldeia libanesa separada de Kornayel por uma montanha. O rapaz mencionava frequentemente "Jamile", uma mulher "bela" por quem expressava grande afeição; e dava também os nomes de uma irmã, um irmão e outros familiares e amigos do Bouhamzy que afirmava ter sido.

Durante essa viagem ao Líbano, o Dr. Stevenson soube que um homem de Khriby chamado Ibrahim Bouhamzy havia morrido de tuberculose aos vinte e cinco anos, nove anos antes do nascimento de Imad. Embora este nunca tivesse ido a Khriby nem encontrado ninguém dessa aldeia, Ibrahim parecia corresponder à descrição que o rapaz fazia do seu eu anterior, incluindo o facto de ter tido uma amante chamada Jamile.

O Dr. Stevenson teve a fortuna de poder acompanhar Imad e o seu pai na primeira viagem a Khriby, durante a qual o rapaz apontou por cima de um vale em direção à casa onde afirmava ter vivido, e também para a aldeia onde Jamile residia na época. Não reconheceu as casas nas imediações do seu antigo bairro, mas os vizinhos confirmaram que o seu aspeto havia sido consideravelmente alterado ao longo dos anos intercorrentes.

Imad também não reconheceu a mãe de Ibrahim, que era então uma mulher idosa, mas identificou corretamente pelo nome a irmã de Ibrahim, Huda, reconheceu uma grande pintura a óleo como retrato do irmão Fuad, e uma

fotografia de Ibrahim Bouhamzy como "eu", apesar de os presentes terem tentado induzi-lo em erro sugerindo que se tratava de um tio. Quando Huda lhe pediu que repetisse as últimas palavras ditas no "seu" leito de morte, Imad respondeu corretamente: "Huda, chama o Fuad." Indicou também onde o seu cão e a sua espingarda tinham sido guardados, onde a sua cama estava anteriormente, e afirmou ter possuído um pequeno automóvel amarelo, um autocarro, uma espingarda, uma caçadeira de dois canos e outros objetos pessoais. Estas declarações foram confirmadas por membros da família Bouhamzy e pelos seus amigos. Os pais e avós de Imad haviam anteriormente assinalado a surpresa e alegria incomuns que a criança manifestara ao aprender a andar, quase como se não acreditasse no fenómeno, e o Dr. Stevenson soube que Ibrahim estava acamado durante os últimos meses da sua vida. O Dr. Stevenson conseguiu também determinar que os pais de Imad tinham tentado dissuadi-lo das suas afirmações de uma vida anterior, que começara a fazer aos dezoito meses. Não encontrou qualquer indício de fraude, uma vez que tanto a família Elawar como a família Bouhamzy são altamente respeitadas pela sua integridade nas respetivas comunidades, e cada uma desconhecia a outra.

Um caso que atraiu considerável interesse jornalístico em 1937 foi o de Shanti Devi, uma rapariga hindu que aos quatro anos começou a referir-se a episódios de uma vida anterior em que insistia ter sido de casta Choban. Afirmava que o seu marido era o Sr. Kedar Nath Chaubey, um comerciante de tecidos que vivia a alguma distância em Muttra, e forneceu muitos pormenores sobre a sua antiga casa, a sua decoração e a disposição dos quartos.

Deu até a morada, e quando os seus pais enviaram finalmente uma carta a esse nome e morada, receberam resposta do homem que a criança havia nomeado. Embora tivesse casado de novo após a morte da esposa, veio a Deli, e Shanti reconheceu imediatamente o desconhecido como o seu "marido". Ele fez-lhe então perguntas íntimas sobre si próprio e sobre o antigo lar, todas as quais ela respondeu corretamente, segundo se relatou. Descreveu a cidade e também um templo ao qual disse ter prometido cem rupias, com o dinheiro enterrado debaixo do pavimento da casa.

Quinze investigadores acompanharam Shanti a Muttra pouco depois, e quando o grupo desembarcou do comboio, ela indicou ao condutor o caminho para a sua antiga casa. No fim de uma rua estreita, identificou corretamente um homem como o seu "sogro" e apontou para "a sua" casa. Antes de entrar, descreveu de novo a disposição dos quartos, que se revelou precisamente como ela "recordava". De seguida conduziu o grupo a uma casa diferente onde afirmava ter morrido, e apontou para um canto do quarto onde disse ter escondido o dinheiro para a igreja. Foi aberto um buraco e encontrou-se um lugar para guardar objetos de valor, mas estava vazio. Era esta a casa onde Kedar Nath

agora vivia, e ele admitiu mais tarde ter retirado o dinheiro após a morte da esposa. Shanti conduziu também o grupo à casa dos seus antigos pais e abraçou-os sem hesitar, embora cerca de cinquenta outras pessoas estivessem presentes e algumas tivessem tentado enganá-la estendendo-lhe os braços.

A recordação espontânea de vidas anteriores parece ocorrer muito mais frequentemente em crianças do que em adultos, talvez porque as disciplinas impostas e os problemas da vida quotidiana ainda não suprimiram essas memórias esquivas. Julia Chandler exerceu com êxito meia dúzia de carreiras antes da sua morte em 1966. Serviu como crítica de teatro durante sete anos no antigo *Washington Herald*, e foi também redatora de reportagem no *Chicago Tribune* antes de David Belasco a trazer a Nova Iorque para dirigir a publicidade do Teatro Belasco.

Uma peça que escreveu foi encenada na Broadway. Depois, como diretora-geral do Observatório do Empire State, ficou conhecida como "a senhora do céu"; e do seu posto elevado acima do rumor do tráfego, na torre do Empire State, conduzia um programa de rádio diário chamado *Microphone in the Sky*.

Apesar do brilho das suas múltiplas carreiras, Julie Chandler nunca conseguiu afastar da memória uma visão que entrevira em criança em Bowling Green, Virgínia. Ao falar sobre ela muitos anos depois, disse: "Gostava de me deitar na erva fresca, com os olhos semicerrados, a observar as luzes e sombras projetadas pelas folhas frementes do plátano por cima. Após um longo período desta observação concentrada, as tendas da minha consciência dobraram-se para trás e encontrei-me num jardim grego."

Treliças com videiras verdes ocupavam uma parte do jardim, e numa das suas extremidades havia um belo templo com colunas jónicas, disse ela, e continuou: "Enquanto observava encantada, uma jovem de cerca de dezasseis anos saiu do templo. Estava envolta numa suave e flutuante túnica grega branca cingida acima da cintura por um cordão de ouro.

O cabelo estava preso alto na cabeça em anéis suaves ornados com ouro, e nos pés tinha sandálias douradas. Ficou um momento a ouvir a música suave feita pelo vento nas árvores altas que rodeavam o jardim. Depois começou a dançar, e tudo naquele mundo distante parecia dançar com ela — as folhas, o sol, o meu coração — pois de alguma forma eu sabia que era aquela jovem grega, embora na altura não tivesse qualquer conhecimento da reencarnação nem da existência dos registos akáshicos."

Julia Chandler disse que a visão se repetiu intermitentemente até aos dezoito anos. Depois, após um intervalo de quinze anos, voltou a vê-la com

surpreendente clareza. Poucos dias mais tarde convidou Flower Newhouse, uma mística e conferencista californiana, a participar no seu programa de rádio, que apresentava regularmente membros da realeza e outras celebridades de visita a Nova Iorque. O programa decorreu sem incidentes, mas depois a Sra. Newhouse olhou subitamente para Julia e disse: "Foste uma dançarina de templo na Grécia quinhentos anos antes do nascimento de Cristo."

A Sra. Chandler conseguiu disfarçar a surpresa, e ao comentar mais tarde a experiência, disse: "Como nunca tinha contado a ninguém as minhas cenas do jardim grego, percebi que era impossível que a Sra. Newhouse soubesse disso por qualquer fonte humana. Nem lho disse de imediato. Primeiro perguntei como o sabia, ao que ela descreveu a cena que me fora revelada pela primeira vez debaixo dos meus plátanos da Virgínia quando era pequena, dando uma descrição completa da jovem de dezasseis anos que saía do templo para dançar no jardim iluminado pelo sol. Disse-me ainda que era no tempo de Pitágoras, e que eu havia sido uma das suas alunas durante parte daquela encarnação." Posteriormente, a Sra. Chandler teve uma leitura com Edgar Cayce, que também sintonizou esse mesmo período, dando-lhe um relato pormenorizado da sua vida grega e da sua influência sobre a presente.

É interessante notar que a vida passada que Julie Chandler parecia recordar ocorreu há milhares de anos, ao passo que as de Shanti Devi e Imad Elawar eram de data tão recente que as suas antigas "mães" ainda eram vivas. Edgar Cayce disse que três tipos de entidades tendem a reencarnar rapidamente: as que viveram boas vidas até quase ao fim, quando erraram abruptamente e estavam ansiosas por corrigir rapidamente os seus erros; as cujas vidas foram abreviadas, com desejos juvenis ainda por satisfazer; e as que haviam atingido um elevado desenvolvimento espiritual mas estavam dispostas a regressar e a ajudar os outros, em vez de aceitar a recompensa merecida.

Indicou que entre as do segundo grupo estão jovens que perderam a vida em combate, ressentem-se profundamente da incompetência dos adultos que levou à guerra, e regressam precipitadamente sem a devida preparação para satisfazer os seus anseios físicos. Alguns médiuns insistem que muitos dos atuais desordeiros, queimadores de cartões de recrutamento e hippies são reencarnações de soldados e civis cujas vidas foram ceifadas sem culpa própria na Segunda Guerra Mundial ou na Guerra da Coreia, e que isso explica a sua atitude desafiadora perante toda a autoridade nos dias de hoje.

Em Norfolk, Virgínia, vive um jovem que desde bebé esteve em revolta contra toda a disciplina parental. Mal aprendera a falar e já gritava "Heil Hitler", e com os seus blocos de brincar construía constantemente tanques que empurrava pela sala com atitude beligerante. Depois de entrar para a escola, gastava a maior

parte da mesada em livros de bolso sobre Hitler, Göring, Himmler e outros nazis, e discutia infindavelmente sobre a superioridade da raça ariana. "Hitler tinha razão", gritava aos seus pais chocados, que procuravam explicar-lhe o absurdo do seu raciocínio. Uma vez, ao observar que a mãe estava a ler *Êxodo*, o rapaz fez-lhe uma descrição tão gráfica dos fornos de Dachau que ela ficou profundamente perturbada.

Quando adolescente, o rapaz tornou-se tão incontrolável que os pais o enviaram para uma academia militar, onde se adaptou à disciplina do exército como um pato à água. Sem fornecer qualquer informação adicional, a mãe solicitou para ele uma leitura de vida, e o médium disse que na encarnação anterior o filho havia sido um soldado alemão que perdera a vida na Segunda Guerra Mundial. A inclinação militarista do rapaz continuou até aos dezassete anos. Então, talvez por estar a aproximar-se da idade de recruta, manifestou terror sempre que Vietname era mencionado, e anunciou que não queria fazer parte de nenhuma guerra. À data deste relato, está numa unidade de reserva e ainda não foi chamado ao serviço ativo.

## Capítulo 13
## Nos Nossos Devaneios

Através de sonhos, meditação, regressão hipnótica e recordação instantânea, os esquecidos corredores do passado parecem ter sido explorados; e existe ainda outro método que tem sido usado com algum êxito. Trata-se de uma forma de devaneio em que o sujeito é conduzido a sondar memórias subconscientes. Durante a década de 1930, um grupo de estudo reuniu-se com o falecido A.R. Martin em Sharon, Pensilvânia, para realizar experiências científicas no campo da reencarnação. No procedimento mais frequentemente utilizado, um dos membros sentava-se diretamente em frente de Martin, e outros dois colocavam os dedos no pulso do sujeito enquanto Martin lhe falava suavemente, sugerindo que o pulso abrandaria à medida que ele progressivamente relaxava e libertava a mente das pressões quotidianas, até abrir o seu subconsciente a memórias longínquas.

Durante uma dessas sessões, um americano começou a falar em alemão fluente, embora no seu estado consciente desconhecesse essa língua. Um casal presente conseguiu felizmente identificar o dialeto como próprio de uma região perto de Berlim, que não ouvia falar desde que viera para a América onze anos antes. O sujeito, neste estado de semiconsciência, disse que estava a experienciar uma vida como soldado do exército alemão durante o século XVII, e descreveu graficamente os costumes e atividades desse período. Depois pareceu reviver uma vida ainda mais antiga em que, como carpinteiro a trabalhar num andaime

que desabou, sofreu ferimentos graves que prejudicaram a sua fala e incapacitaram totalmente o seu corpo. Aos soluços e gaguejos, conseguiu exprimir a sua indignação por uma decisão judicial que lhe negara indemnização e, consequentemente, os meios de se sustentar.

Num volume impresso em edição privada, *Researches in Reincarnation and Beyond*, Martin relatou o caso de uma mulher da turma que recordou ter sido, em bebé, nos primeiros tempos da colonização, raptada pelo filho de um chefe índio e criada como membro da tribo. Só quando um comerciante britânico a retirou dali soube que era branca. O comerciante acabou por abandoná-la e, com receio de viver sozinha ou de suportar a vergonha de regressar à tribo, ela disparou sobre o lado direito do rosto com uma arma.

A mulher, durante o estado de devaneio, disse que reencarnara no corpo de uma pessoa aleijada cujo lado direito estava completamente paralisado; e sentiu que isto era a penitência necessitada pelo seu suicídio anterior, para aprender a apreciar e respeitar um corpo saudável. A vida seguinte descrita foi a de um soldado americano que, durante a Guerra da Independência, morreu de uma facada no abdómen. No seu devaneio, viu-se a seguir como uma rapariga chamada Nancy, cuja mãe era criada; e quando o herdeiro de uma família abastada se apaixonou pela filha da criada, os seus pais opuseram-se tão veementemente que ela foi às pressas casada com um trabalhador rural, que levou a noiva para o Illinois numa carroça coberta.

Depois de ter tido dois filhos, Nancy morreu de perturbações abdominais aos trinta anos. A seguir, foi a bela filha de pais abastados que viviam perto de Baltimore. Disse que se tornou cantora de ópera, casou com um proeminente advogado e foi com ele para a Filadélfia; mas numa das suas viagens de negócios o advogado foi mortalmente baleado, e ela morreu pouco depois de um coração partido.

Martin relatou que a mulher meditou subsequentemente sobre cada uma destas vidas, chegando a compreender os seus medos interiores, e depois usou-as para meditar sobre qualidades de que necessitava, como a coragem, o amor e a tolerância. Na sua vida atual tem sofrido de perturbações abdominais, que acredita agora terem origem na sua memória subconsciente das suas mortes como soldado revolucionário e como Nancy. Vê que muitas das suas reações presentes têm sido negativas, indicando que ainda não aprendeu as lições ensinadas pela experiência anterior, e isso permitiu-lhe substituir as tensões por imagens mentais de harmonia e perfeição.

Através do estudo em grupo, um rapaz de onze anos cujo complexo de inferioridade inibia grandemente o seu desempenho como músico conseguiu

rever uma vida em que havia sido um compositor de renome. Forneceu uma riqueza de informações, incluindo nomes e datas, que posteriormente se confirmaram corretas em obras de referência. Esta "consciência" do sucesso anterior deu-lhe tal confiança interior que conseguiu dar uma brilhante atuação com uma famosa orquestra sinfónica, ainda mal tinha entrado na adolescência. Assim, parece que podemos beneficiar ao explorar vidas anteriores, se estivermos dispostos a usar esse conhecimento no contexto dos nossos padrões de comportamento presentes.

Será possível que Margot Mason, de Washington, D.C., seja a reencarnação da famosa astróloga Evangeline Adams, de Boston? A jovem e loira Margot não sabe, mas os paralelismos são tão intrigantes que as coincidências merecem ser ponderadas. A história começa com o seu pai, Frank McDonough, um homem de negócios de Nova Jérsia que, no final dos anos 1950, partia numa apressada viagem de negócios ao Nebraska e queria algo para ler durante a viagem. Agarrando o primeiro livro que viu num balcão de biblioteca, embarcou no comboio e acomodou-se no seu lugar para ler *The Bowl of Heaven*, de Evangeline Adams. Nunca ouvira falar da autora nem do título, e com desgosto descobriu que o seu único material de leitura era a autobiografia de uma astróloga.

McDonough não tinha qualquer interesse no assunto, nem antes nem depois de ler o livro, mas por alguma razão inexplicável sentiu uma compulsão para adquirir a extensa biblioteca de astrologia que a Sr.ª Adams afirmava ter colecionado em várias partes do mundo. Ao regressar ao Leste, soube que a Sr.ª Adams estava morta há mais de um quarto de século; e embora ninguém parecesse saber o que acontecera à sua biblioteca, lançou-se numa busca determinada, percorrendo alfarrabistas em Boston e Nova Iorque, onde ela exercera. A sua demanda durou três anos, antes de entrar numa pequena livraria de cave em Boston. Tinha apenas alguns livros de astrologia, mas ele foi tão insistente em que havia mais que o proprietário o levou finalmente a outra loja, onde tinha outros.

McDonough retirou um livro da prateleira, e lá na folha de rosto estava a assinatura de Evangeline S. Adams. Animado, puxou outro livro, e mais outro, e mais outro. Todos tinham a sua assinatura.

McDonough adquiriu a sua biblioteca de quase quatrocentos livros e depois perguntou a si próprio o que havia de fazer com ela. Tal como um homem faminto que se empanturra de comida, a estranha fome de McDonough pelos livros estava agora saciada. Não tinha intenção de os ler, alguns dos quais tinham mais de quatrocentos anos, eram manuscritos, e ele mal podia arcar com a despesa que fizera. Concluindo com pesar que havia apenas uma solução para a

sua extravagância impetuosa, preparava-se para vender os livros quando Margot veio a casa de visita. E agora começa a história dela.

"No momento em que vi aquela biblioteca", exclama, "soube que era para mim. Era minha desde o instante em que entrei na sala. Tal como o meu pai, nada sabia de astrologia, e raramente tinha lido livros desde os meus tempos de estudante na Universidade do Novo México, mas ali estava uma biblioteca inteira que eu mal podia esperar para devorar."

Os livros fascinaram-na de tal maneira que decidiu ficar até os ter lido todos. Arranjou um emprego exigente como secretária de um advogado criminalista e depois passava quase toda a noite a estudar astrologia nos livros de Evangeline. Em breve começou a elaborar mapas astrológicos e descobriu algo bastante estranho. Ela própria tinha não só o horóscopo de uma astróloga, como o seu mapa e o de Evangeline Adams se combinavam como um puzzle.

"O sol dela está na minha Sétima Casa das parcerias", explica Margot. "A lua dela está em conjunção com o meu sol e ascendente. Isto provoca sempre um laço inquebrável entre duas pessoas. Ligações entre Vénus e Saturno em dois horóscopos causam uma amizade eterna. O Vénus da Sr.ª Adams está exatamente 'sobre' o meu Saturno, o mesmo grau e signo, na minha Oitava Casa — da morte! Por outras palavras, este laço surgiu depois da morte."

Por toda a sua biblioteca, Evangeline Adams deixou notas a lápis azul, de modo que, à medida que Margot trabalhava com ela, podia ver as fontes da famosa astróloga e o que ela tencionava fazer com o material. Ficou tão absorvida em prosseguir o trabalho de Evangeline que, depois de poupar todos os cêntimos possíveis, tirou um ano de licença do emprego, trancou-se no quarto a maior parte do tempo e estudou astrologia dezoito horas por dia. Raramente saía ou aceitava convites, embora tivesse pouco mais de vinte anos. Quando ficava sem dinheiro, voltava àquele horário duplo, até conseguir financiar-se novamente por algum tempo.

Os McDonough mudaram-se para Sarasota, na Florida, e Margot instalou lá a biblioteca. Tendo ficado convencida do valor da astrologia na educação das crianças, através da análise de carácter, começou a trabalhar numa série de livros sob o título geral O Que o Faz Mexer, que foram publicados pela Gold Star Books. Também apresentou programas de astrologia em estações de rádio e televisão em Washington, D.C., onde atualmente leciona cursos de astrologia.

Ao contrário de Evangeline Adams, cuja correta família de Boston ficou escandalizada com a sua dedicação à astrologia na era vitoriana, Margot provém de uma família de mentalidade aberta, com passatempos muito variados, que respeita as ocupações de cada um. Se de facto é a encarnação de Evangeline, isso

pode explicar a sua escolha de pais nesta vida. Evangeline Adams nasceu em 1868 e entre os seus clientes famosos contavam-se Mary Garden, o naturalista John Burrows, Tallulah Bankhead, Enrico Caruso e J. P. Morgan. Morreu em 1932, quatro anos antes do nascimento de Margot McDonough, a 10 de Agosto de 1936, às 5h21, em Denver, Colorado.

O encaixe perfeito dos seus horóscopos torna-se duplamente interessante pelo facto de Margot parecer ter escolhido obstinadamente o momento do seu nascimento. A mãe teve uma gravidez extremamente difícil e foi quatro vezes para o hospital em falso alarme antes de o bebé finalmente nascer. A Sr.ª McDonough diz o seguinte: "Quando a Margot nasceu, o médico disse, na sala de partos, que ela vinha com um mês de atraso e que o meu envenenamento urémico deveria ter provocado um nascimento mais cedo. Ele esperava que o bebé nascesse morto, mas desde então tenho-me perguntado se ela não terá atrasado o nascimento até ao momento exato em que podia ter o horóscopo que coincidiria com o de Evangeline Adams."

A jovem que adotou o nome profissional de "Margot Mason" diz estar convencida de que teve orientação divina no estudo da astrologia, acrescentando: "Sou totalmente autodidata, mas tenho um contacto estranho com aquela biblioteca. Consigo sentir, estendendo a mão, onde se encontrará a informação que procuro. A biblioteca contém agora quase mil volumes, mas, se procuro algo em particular, limito-me a andar pela sala de mão estendida, até 'sentir' de que livro devo tirar da estante. Depois abro-o na página exata que contém a informação. À medida que estudava aqueles livros, era como se estivesse a fazer um curso de reciclagem, porque eu sabia automaticamente as respostas. Nenhum outro tipo de aprendizagem me foi alguma vez tão fácil."

Em menos de três anos depois de ter entrado em casa dos pais e ter visto a biblioteca, astrólogos experientes que a interrogavam diziam que poucos outros poderiam ter absorvido tanto conhecimento mesmo em trinta anos de estudo. Isto pode indicar que Margot estava simplesmente a retomar o estudo onde o deixara numa vida anterior.

## Capítulo 14
## Recordar o Próprio Nascimento

A maioria das vidas descritas durante a regressão hipnótica está demasiado afastada na história ou é demasiado distante das manchetes noticiosas para ser verificável, mas, quando certas afirmações se revelam verdadeiras, torna-se mais fácil aceitarmos o restante material como válido. Tal é o caso de Bertha Jennings Hann, de Newark, Delaware, que serviu de sujeito hipnótico enquanto me visitava em Fevereiro de 1968. Depois de ter sido regressada às idades de cinco e

de dois anos na sua vida atual, foi-lhe dada instrução para recuar ainda mais no tempo até se encontrar num corpo diferente. À contagem de vinte e cinco, disse que estava a dançar ao ar livre, que tinha o cabelo escuro e estava vestida de branco dos pés à cabeça.

"Sou a primeira bailarina", disse, ofegante. "Estou a receber a minha terceira ovação... a minha terceira chamada ao palco. Haverá um jantar em minha honra mais tarde. É para todo o elenco." Disse que o anfitrião seria Jaques Berngac, "o produtor do bailado" que estava então em cena num teatro ao ar livre em Paris. Dando o nome de Collette Dupré, disse que tinha vinte anos e que o ano era 1870.

Avançando cinco anos, disse que agora estava casada com o conde Radnor, um homem rico que conhecera através do seu produtor. "Era um grande admirador meu", declarou. Quando lhe perguntaram se ele tinha sido um "galã de porta de palco", respondeu rapidamente: "É demasiado importante para isso!" Disse que tinham uma grande casa na Riviera, com criados, e que estavam profundamente apaixonados.

Cinco anos depois, continuava a descrever o seu casamento como um êxito feliz e disse que tinham um filho de dois anos, Jaques; mas, ao ser levada até à idade de cinquenta anos, disse-nos, a soluçar: "Estou triste. Sozinha. O meu marido... ele morreu afogado." Acrescentou que, apesar da sua riqueza, recentemente abrira um estúdio de bailado em Paris para preencher as horas de solidão e, com a ajuda de duas assistentes, dava aulas a trinta e seis alunas entre os cinco e os dez anos.

Convidada a ir até ao último dia da sua vida e a dizer como se sentia, a sua voz soou desalentada quando respondeu: "Cansada. De coração partido. A sofrer. O meu filho... a guerra... ele foi morto... a combater... em França." Disse que ele fora tenente e que a notícia da sua morte lhe tinha chegado apenas uma semana antes. Identificando o ano como 1914, continuou: "Eu já estava doente antes. Agora não quero viver." Sob interrogatório, disse que tinha perdido todos os seus bens: "As minhas joias, tudo, a casa na Riviera; já não existe. Foi saqueada... queimada." Disse que contraíra tuberculose enquanto ajudava num hospital e que se encontrava agora numa pequena aldeia francesa. "Uma das minhas criadas antigas, a minha criada pessoal, está a tomar conta de mim", acrescentou.

Quando lhe disseram que o espírito deixara o corpo, a sua voz pareceu tingida de assombro enquanto sussurrava: "É tão bonito... tudo luz... branco... tão brilhante." Quando lhe pediram que olhasse para o corpo que deixara e descrevesse o que via, disse: "Está tão emaciado. O cabelo está todo branco." Disse mais tarde que o corpo fora cremado e as cinzas colocadas numa lata junto

ao mar. “Foi tudo”, disse simplesmente. “Apenas colocadas numa lata na praia. Foram levadas pelo mar.” Surpreendido, o hipnotizador perguntou se gostara daquela forma de tratar o corpo, e ela respondeu: “Sim, gosto. Foi assim que o meu marido partiu, sabe. Pelo mar.” Disse que tinha sido felizmente reunida ao marido e que o reconhecera “pela personalidade” e que o amor entre eles continuava “tão belo”.

“Agora estou a reunir os meus pensamentos e a olhar para trás para ver o que tenho de aprender”, continuou serenamente. “Foi uma vida bonita. Aprendi o que é o amor, mas há mais do que eu pensava. Aprendi que se deve amar a parte de Deus que há em todos os homens. Eu amava tanto o meu marido e o meu filho que pensava que não havia mais nada. Mas aprendi, através da criada, que me deu toda a sua devoção, que não se ama apenas a família ou os filhos. É preciso aprender a amar e a estender a mão a todos. Esse é verdadeiramente o caminho... como Jesus o quis.” Ao ser-lhe dito que se preparava agora para renascer como Bertha Jennings, disse que estava a escolher os pais para “aprender humildade”.

“Mas parece que foi uma pessoa muito boa na sua última vida”, disse o hipnotizador.

“Demasiado orgulho!”, exclamou.

“Como aprenderá humildade escolhendo esses pais?”

“Sendo pobre. Aprendendo a viver sem.”

“Porque escolheu ser de novo mulher?”

“Por causa do pai que escolhi. A relação pai-filha, sabe. Ele é todo amor. Sabe como o difundir. Ele vai ensinar-me a amar.”

O hipnotizador pediu então a Bertha que descrevesse a cena do seu nascimento e dissesse o que estava a acontecer. “É muito rápido”, começou. “Sem problemas. Está lá a sr.ª Green. O médico está a passar-me para ela. Ela está a ajudá-lo. Agora está a passar-me para o meu pai. Ele está a embrulhar-me numa manta e diz: ‘É uma menina.’ Parece satisfeito.” À pergunta sobre a mãe, respondeu: “Está cansada. Está contente por ter acabado. Tem duas tranças compridas.” Quando lhe pediram que identificasse o médico, respondeu: “Dr. Kise.”

Depois de ser trazida de volta à consciência, Bertha ficou intrigada com a descrição que fora dada do seu nascimento. Disse que a mãe, talvez por recato vitoriano, nunca discutira nenhum dos partos com ela e nem sequer lhe soubera

dizer a hora do nascimento quando ela, em tempos, pedira essa informação para um horóscopo. Assim, não fazia ideia de quem estivera presente, quem a tinha trazido ao mundo ou onde nascera. Matutou no assunto durante várias horas e depois telefonou à mãe. Tomando cuidado para não fazer perguntas sugestivas, perguntou se o pai estivera presente no seu nascimento, e a sr.ª Jennings respondeu: "Claro que lá estava. Foi de noite, em casa." À pergunta se fora um parto difícil, disse: "Não, nasceste muito depressa, foste o mais fácil dos meus filhos."

"Foi um médico que me fez o parto?", insistiu Bertha.

"Sim, o Dr. Kise."

"Estava mais alguém na sala?"

"Sim. A sr.ª Green e Lyle Trezora ajudaram."

Bertha ficou tão espantada com esta confirmação pronta de uma cena que não podia ter recordado conscientemente que, no dia seguinte, se ofereceu para ser hipnotizada de novo. Desta vez, depois de lhe ser dito para recuar a uma vida anterior que gostaria de reviver e contar o que se passava, começou: "Neve. Estou a esquiar. Não sou muito boa. Tenho só doze anos." Identificou-se como Maria Swenson, de Estocolmo, mas disse que estava de férias escolares na montanha com o "tio Chris" Swenson. Quando lhe perguntaram o que vestia, disse: "Protetores de orelhas. Um cachecol ao pescoço. Tenho um casaco quente. É castanho, nada bonito. O meu cabelo é de uma cor apagada." Disse que o pai era banqueiro em Estocolmo e que tinha uma irmã mais velha e outra mais nova.

Projetada para a idade de dezassete anos, disse que o ano era 1720 e que os pais tinham morrido dois anos antes num acidente de trenó. Num tom desolado, continuou: "Estou a viver nesta quinta com o tio Chris e a mulher gorda dele. Ela não gosta de mim. Tenho de trabalhar o tempo todo." À pergunta se herdara dinheiro dos pais, disse que não o receberia até ser maior de idade. Acrescentou que a irmã mais velha já era casada e que a irmã mais nova vivia com outro tio Swenson.

Parecia tão abatida que o hipnotizador a projetou até aos vinte e cinco anos, esperando encontrá-la felizmente casada, mas Maria disse que ainda vivia na mesma quinta. "Trabalho muito", queixou-se. "Estou sempre a trabalhar... as minhas mãos mostram isso. Não sou muito atraente, sabe." Disse que não era casada e não tinha pretendentes. "Não há hipótese de conhecer alguém neste sítio e nunca vamos a lado nenhum." À pergunta se ia à igreja aos domingos, suspirou: "Vou, é só isso. É uma igrejinha de campo. Luterana."

Levando-a aos quarenta anos, disse que tomava conta da casa do tio desde a morte da esposa dele. “Ela nunca dava descanso a ninguém”, murmurou, revoltada. “Era uma resmungona.” À pergunta se o tio sentia a falta da mulher, exclamou: “Oh, não! Ele passava o tempo todo lá fora. Agora está velho. Eu cozinho; mantenho a casa limpa.” Interrogada sobre a herança dos pais, respondeu, cansada: “Ainda está no banco. Não a posso gastar. Não há onde gastar.” O hipnotizador sugeriu que podia comprar roupa ou arranjar o cabelo, mas ela resmungou: “É demasiado tarde. Ando sempre com um grande avental ou curvada sobre qualquer coisa naquele jardim. As minhas costas doem.”

O hipnotizador levou-a então até ao último dia dessa vida e perguntou como se sentia. “Cansada”, gemeu. Disse que o tio morrera dez anos antes e lhe deixara tudo o que tinha, mas ela não tinha interesse em gastar dinheiro. “Estou cansada. Quero ir-me embora.” Ao ser-lhe dito que a alma deixara o corpo e que podia descrever a morte e o funeral, disse que o fim chegara rapidamente, depois de ter sentido dores no peito. “O corpo está num catre... na sala de jantar”, disse. “Uma vizinha encontrou-o quando veio pedir algo emprestado. A porta estava sempre aberta. Nunca trancávamos portas. Ela foi buscar ajuda.” Disse que o corpo fora colocado numa caixa de madeira e, depois de um breve serviço na pequena igreja luterana, “foi posto num buraco” no adro. “Está lá quase ninguém”, suspirou. “Que sítio tão recôndito aquele.”

Quando lhe perguntaram o que aprendera nessa vida, disse: “Era muito feia. Não vejo propósito nenhum nessa vida.” Questionada sobre o tipo de vida que queria da vez seguinte, respondeu: “Precisamente o contrário. Alegre e bonita. Gostaria de ser uma pessoa mais bondosa do que a mulher do meu tio. Eu não era muito conversadora. Era ressentida. Tenho de aprender a não o ser.”

Bertha foi então instruída a ir para outra vida física que gostaria de reviver. No final da contagem, quando lhe perguntaram onde estava, sussurrou: “Na igreja. Sou freira. Estou com o resto das irmãs.” Em resposta a uma série de perguntas, disse que tinha vinte e dois anos, que o seu nome verdadeiro era Margaret Handel, mas que agora se chamava irmã Maria José. O ano era 1662, o lugar era Heidelberg, na Alemanha, e a sua ordem era de enfermagem. Quisera ser freira desde que se lembrava e, embora os pais a tivessem tentado dissuadir “dando-lhe coisas materiais”, entrou para o convento aos dezoito anos.

Convidada a descrever a sua aparência, disse: “Tenho olhos azuis. Cabelo louro — não muito claro. Um nariz muito aristocrático. É a única forma que tenho de o descrever.” À pergunta se era considerada bonita, respondeu, sorrindo: “De ar angelical. De aspeto doce.” Teve namorado antes de entrar no convento? “Só um. Ainda não casou. Mas era mais uma amizade profunda.

Eventualmente poderia ter dado em casamento se eu não me tivesse tornado freira, mas ele sabia que eu pretendia sempre entrar para o convento."

Levada até à idade de cinquenta anos, disse que agora era superiora que supervisionava outras freiras na sua ordem de enfermagem e que anteriormente também ela fora enfermeira num hospital psiquiátrico. Pedida que contasse o caso mais difícil, disse: "Fui atacada. Estava a ser desobediente. Pensei que havia coisas que podia tratar sozinha. Aprendi muitas, muitas lições." Depois começou a rir-se e, quando lhe pediram que explicasse por que razão estava divertida, continuou a rir durante algum tempo antes de responder: "Não devia estar a rir, estava tão assustada.

Pensei que tinha os doentes controlados, mas um doente tinha-me a mim controlada. Era uma mulher. Tentou matar-me. O meu pescoço. Estava a estrangular-me." Questionada sobre como escapara, respondeu: "Ela tropeçou. Toquei o alarme, corri para fora e tranquei a porta. Fui castigada por isso. Mandaram-me para um hospital mais pequeno para aprender obediência. Eu era tão voluntariosa, nunca pensei que o conseguisse." Mostrando um belo sorriso, continuou: "Ser uma boa freira significa obediência estrita, mas eu estava a experimentar os meus próprios métodos com os doentes, o que não devia fazer. Aprende-se. Tinha tantas lições para aprender."

Enquanto gravava esta sessão em cassete, perguntei a mim próprio se Bertha teria sido influenciada por *A História de uma Freira* ao descrever este episódio algo semelhante; mas quando depois lhe perguntei sobre isso, disse que nunca lera o livro e não se lembrava de ter visto o filme que dele foi feito.

O hipnotizador entretanto levou a Irmã Maria José até ao último dia da sua vida e perguntou como se sentia. Como um sujeito hipnótico responde habitualmente "cansada" ou "doente" a essa pergunta, ficámos surpreendidos quando ela disse: "Bem! É um dia agitado hoje. Os pais estão cá, os pais das jovens doces que entraram como noviças. Há muita confusão. Estou a correr de um lado para o outro." Bertha Hann tinha até o porte e a aparência física de uma superiora feliz e contente enquanto falava, mas quando o hipnotizador lhe pediu que fosse até ao fim dessa vida, o humor alegre desapareceu enquanto começava: "Esses degraus... a escada. Tropecei. Estou a cair. Ai, a minha cabeça dói. Bati com a cabeça; ai, a minha cabeça, a minha cabeça, oooooh, a minha cabeça!"

Nessa altura, já agarrava a parte de trás da cabeça e sofria obviamente de forma aguda; por isso o hipnotizador disse-lhe depressa: "O espírito deixou o corpo. Não sentirá qualquer dor. Nenhuma dor de todo. Olhe agora para trás e diga-nos o que acontece a seguir."

"É tão triste", suspirou. "Estão a chorar e eu não gosto dessas lágrimas. Estão a levantar o corpo. Isto é lamentável!"

Perguntada por que razão era "lamentável", respondeu: "É o dia em que as noviças chegaram. Foi um dia de felicidade e depois teve de acontecer isto."

Disse que tinha cinquenta e quatro anos à data da morte; e quando o hipnotizador, comentando a sua boa vida, perguntou se tinha de aprender alguma lição dela, respondeu sorrindo: "Obediência! Não fui assim tão boa! Não era má, mas era uma rapariga muito obstinada. Tive de aprender muitas lições. Aprendi a vencer a minha voluntariosidade e a não ser sempre palhaça. Quando fazia palhaçadas, tinha de esfregar o chão, prostrar-me no chão e confessar-me diante de todas as irmãs. E tinha de o escrever num livrinho todos os dias."

Projetada no estado "entre vidas" para dizer o que estava a fazer, disse: "A ajudar os outros. Muitos precisam de ajuda. Todos precisamos de ajuda — para ajudar uns aos outros. Há tantas formas de ajudar. Qualquer necessidade. Bondade e amor." Perguntada se também conseguia contactar os que estavam em corpos físicos e precisavam de ajuda, respondeu: "Sim, em meditação. Quando eles meditam, posso alcançá-los com os meus pensamentos."

Parece estranho que a freira devota, com o seu picante sentido de humor, pareça ter renascido apenas nove anos depois como a pequena Maria Swenson, feia e de vida sombria e sem amigos. Seria este o papel cármico que ela própria se destinara para aprender obediência; ou não teria previsto a perda precoce dos prósperos pais que presumivelmente escolhera? Maria Swenson disse que vivera até aos setenta anos. Isso colocaria a sua morte em 1773, uma vez que indicou 1720 como o ano em que tinha dezassete anos.

A bonita e bem-sucedida Colette Dupré disse que nascera no Paris de 1850. Assim, esse intervalo de setenta e sete anos teria dado tempo para outra estadia terrena, uma vez que esta entidade parece reencarnar de forma bastante rápida. Bertha Jennings nasceu apenas uma década após a morte de Colette durante a Primeira Guerra Mundial. A sua vida atual não tem sido particularmente fácil, mas tem cinco filhos atraentes e bem adaptados que lhe são devotados. A própria Bertha projeta tal calor e amor que até estranhos, ao encontrá-la pela primeira vez, comentam essa qualidade. Talvez tenha aprendido, de facto, as difíceis lições de obediência, humildade e amor.

## Capítulo 15
## Desde o Princípio

Robert Morrison tinha treze anos em 1963, quando um professor do ensino secundário em Midland, Texas, disse à sua mãe: "O Bobby é a viva imagem do rei Tutankhamon. Tenho feito investigação sobre esse período egípcio e fiquei impressionado com a semelhança." Era um comentário que a Sra. Roberta Mueller e o filho iam ouvir várias vezes nos anos seguintes, e quando mais tarde uma vidente de Filadélfia lhe deu uma leitura de vida, identificou-o também como o faraó egípcio que vivera três mil anos antes.

Seja ou não Bob Morrison a reencarnação do jovem governante, cuja rica tumba tem deslumbrado o mundo desde a sua descoberta em 1923, não se pode saber; mas tal como Tutankhamon, a cabeça de Bob parece grande para o seu corpo esguio e ágil. Ambos os pares de lábios são carnudos e sensuais, as orelhas grossas e afastadas, o nariz ligeiramente achatado ao longo do dorso e os malares altos. Além disso, os olhos de Bob parecem tão misteriosos como a maldição que afligiu os descobridores dos Reis de Tebas. Têm uma tonalidade constantemente mutável, como um camaleão; e quando um funcionário preenchia o impresso para a carta de condução de Bob, apagou duas vezes a indicação da cor dos olhos, pois a íris parecia mudar de azul para verde e depois para cinzento.

Robert Morrison nasceu em Memphis, Tennessee, que foi assim chamada em homenagem à fabulosa cidade do antigo Egito. Passou a infância em Midland e, numa idade em que mal poderia ter ouvido falar de Shakespeare, intrigou a mãe ao andar de divisão em divisão, declamando: "Ó Romeu, Romeu, onde estás, Romeu?" Quando lhe perguntaram onde aprendera as famosas linhas, não soube dar uma resposta lógica.

Ao entrar na adolescência, Bob descreveu à Sra. Mueller um sonho recorrente em que revivia a morte de um soldado romano, e quando a professora de inglês deu como tema aos alunos que escrevessem sobre o que cada um considerava ser a coisa mais permanente na vida, Bob escreveu que era a própria vida, através da reencarnação. Durante os anos em que sonhava com um campo de batalha romano, a mãe também tinha um sonho recorrente em que via a mesma estrada sinuosa ladeada de árvores. Em estado de vigília não a conseguia identificar, mas em sono sentia um profundo sentido de pertença ali. Um verão, durante uma viagem de automóvel para o Norte, sobressaltou de repente o filho que dormitava, exclamando: "Bobby, é isto! É exatamente a estrada que tenho visto tantas vezes no meu sono." O rapaz olhou pela janela e leu uma placa. Estavam em Shore Drive, em Virginia Beach, Virgínia.

Movidos por impulsos interiores, decidiram fixar-se naquela comunidade; e embora Edgar Cayce já não estivesse vivo, a Sra. Mueller interessou-se o suficiente pela reencarnação para pedir leituras de vida para si e para o filho junto de Helen-Muriel Travis, de Drexel Hill, Pensilvânia. A vidente falou primeiro a

Bob de uma vida na Atlântida, quando fora "treinado para a realeza no templo", e depois de um breve reinado no Egito como o jovem rei que morrera aos dezoito anos. A seguir descreveu a sua vida como "seguidor de Constantino", o primeiro imperador cristão de Roma, dizendo: "Ensinaste-lhe o conhecimento espiritual de que ele precisava. Eras um guerreiro.

Não gostavas da guerra, mas sabias que era bom trazer ordem e que, ao conquistar nações deterioradas, se podia trazer ordem temporal. Eras muito poderoso fisicamente, realizando grandes feitos de bravura; mas quando estavas em Roma, gostavas de participar em discursos sobre política, governo, estadística, medicina, artes e especialmente arquitetura. Ajudaste a planear e construir aquedutos, estradas, arcos, coliseus, casas e banhos." Disse que a sua morte fora "instantânea" e, embora não elaborasse, poderia ser essa a que ele experimentara nos sonhos.

A Srta. Travis descreveu ainda uma reencarnação egípcia em que Robert Morrison teria sido um mercador-navegante que fazia velejar os seus navios ao longo do Nilo e pelo Mediterrâneo, "através das colunas de Hércules", até às costas sul da Britânia, onde trocava esmaltes e gemas, móveis com incrustações de marfim e joias trabalhadas à mão por estanho. Embora próspero e bem visto, o mercador incorrera na inimizade do sacerdócio por se recusar a levar sacrifícios ao templo. Acreditava que os sacerdotes "exploravam o povo e roubavam o próprio trono" e, como se recusava a participar na sua vigarice, os sacerdotes proibiram outros egípcios de comerciar com ele. Foram dadas ordens aos artífices para lhe venderem apenas a preços exorbitantes, sob pena de expulsão do Templo; e aos vizinhos para soltarem animais selvagens na sua propriedade, de modo a devastar a casa e os terrenos.

Por fim, o mercador apelou para o rei, mas o governante respondeu que era impotente para mediar uma disputa com os sacerdotes, "porque eles têm mais arroz, mais riqueza e mais tropas do que eu." A vidente em transe disse que isto ferira o mercador tão profundamente "em sentido espiritual que houve uma rutura instantânea no cérebro acima do olho direito — uma dívida cármica que devias por teres desesperadamente posto termo à tua própria vida, como inca, no Peru. Paralisado, não podias falar nem mexer-te. Mandaram chamar o teu sócio júnior, que é a tua mãe nesta vida, e ele cuidou de ti até passares para o outro lado em breve."

A Srta. Travis detalhou ainda duas outras vidas. Numa delas, disse que Bob Morrison fora uma dançarina de templo no Camboja; uma criança bonita e delicada chamada Krishna, cujos pais a haviam prometido ao templo, com a estipulação de que, ao atingir a idade de casar, lhe seria permitido sair se o pretendente marido pudesse repor ao templo em ouro os serviços perdidos. Numa

noite, um nobre de dezasseis anos presente num banquete do templo viu a pequena dançarina e apaixonou-se por ela.

Supôs que a criança de doze anos estava prometida para a vida ao templo, mas o pai pediu à mãe do rapaz que fizesse um retiro ali para saber mais sobre a rapariga. A mãe também veio a amar o "Ser adorável" e sentiu "grande alegria" quando o sumo sacerdote disse que Krishna podia casar se assim o quisesse. Nessa noite, o sacerdote chamou Krishna, disse-lhe que um jovem de uma família rica e espiritual se apaixonara por ela e sugeriu que meditar três dias antes de decidir.

Na primeira noite, após se preparar com rituais, teve uma visão do sumo sacerdote a rezar pela sua iluminação. Na segunda noite, a visão era da mãe do rapaz, estendendo os braços e dizendo que, se casasse com o filho, seria tratada com amor e gentileza pelo resto da vida. Na terceira noite, a visão era do rapaz, estendendo a mão e prometendo tratá-la como sua noiva "todos os dias da minha vida". A rapariga então levantou-se, foi ter com o sumo sacerdote e disse que queria "ir para o meu marido quando chegar o momento". A mãe do jovem nobre foi identificada como a própria mãe de Bob Morrison na vida atual, e a Sra. Mueller considera mais do que coincidência que, se Robert tivesse sido rapariga nesta vida, planeasse chamar Krishna ao bebé.

Helen-Muriel Travis disse que o casamento cambojano fora tão feliz e bem-aventurado que "quando a entidade agora conhecida como Robert Morrison" reencarnou a seguir como homem na Inglaterra isabelina, sentiu subconscientemente "relutância em ser novamente masculino". Disse que o apelido dele nessa vida era Spenser e que se libertara gradualmente do forte apego à encarnação cambojana ao representar papéis femininos em peças de Shakespeare.

"Tornaste-te num ator feliz e bem-sucedido", disse-lhe, "e ouço-te a chamar: 'Ó Romeu, Romeu, onde estás, Romeu.' Mas o teu pai queria que completasses a tua educação e, à medida que a memória da tua vida feminina se desvanecia, voltaste à escola. Após a graduação, foste para a Corte, onde as tuas ilusões sobre as mulheres se desfizeram. Ficaste chocado com as suas artimanhas ao perseguirem-te e com a ganância, a bebida e a deslealdade das cortesãs.

A tua família possuía várias propriedades, tanto em Londres como no campo, e entraste na política local. Trabalhaste para o trono, mas devido à fácil virtude das mulheres da Corte, não consideraste o casamento até aos quarenta anos. Então, na casa de um fidalgo numa pequena mansão na tua propriedade, conheceste a filha dele, Elsbeth, que tinha só dezasseis anos, mas era emocionalmente madura. Enamoraste-te depressa e o teu casamento foi muito

feliz. Com o tempo, tiveste filhos e filhas. Tinhas cães, cavalos, gatos e veados no parque.

Tinhas grande amor por tudo o que era estético e, devido a um resquício da vida romana, foste atraído muitas vezes para Itália, trazendo estátuas antigas, pinturas e outros objetos de arte. Projetaste a tua casa inglesa no estilo neoclássico romano que favoreceras quando eras arquiteto amador na vida romana, e tu e a tua jovem esposa rodeastes-vos de poesia e música. Conhecias pessoalmente William Shakespeare e, embora pareças não ter sido o poeta Spenser (Edmund Spenser, que escreveu *The Faerie Queene*), eras dessa família."

Embora seja impossível provar se alguma destas leituras de vida é factual, parece bastante significativo que a vidente não só ligasse Bob Morrison ao reinado egípcio e a uma vida como soldado romano, como também o "ouvisse" a repetir a famosa frase de Julieta sobre Romeu, que tanto o absorvera na infância.

Bob Morrison tinha quinze anos na altura da leitura e desde então não sonhou com a morte como soldado romano, mas aos dezoito anos poderá ter vislumbrado um fragmento da sua vida anterior mais recente. Na realidade, fora apresentado a um homem mais velho cuja amizade lhe poderia abrir portas, mas o homem reagiu quase violentamente a ele, exclamando para os outros: "Parece um remanescente da Revolução Bolchevique." Vários meses depois, Bob teve um sonho vívido em que vestia roupa civil, com um lenço vermelho atado ao pescoço.

Sabia que era participante na Revolução Russa, um dos membros de um grupo com ordens para entrar em edifícios governamentais e prender os funcionários. Quando uma porta ornamentada não abriu, arrombou-a e, de revólver em punho, entrou no gabinete. Ali, atrás da secretária, estava o homem que encontrara três meses antes em Virginia Beach, e disse mais tarde à mãe: "Não o pude matar. Não consegui carregar no gatilho, mas o homem pegou numa pistola na gaveta da secretária e explodiu os miolos. Vi os miolos espalharem-se pela secretária e pelo chão. Foi um espetáculo tão horrendo que acordei em estado de choque e não consegui voltar a dormir."

Seria o sonho apenas um resquício do comentário ingrato do homem sobre a sua semelhança com os bolcheviques, ou o homem mais velho teria reconhecido subconscientemente o jovem revolucionário que outrora o levara a pôr termo à própria vida? Talvez nunca o saibamos, mas num sonho anterior Bob parecera ver o fim dessa vida, quando, como sabotador russo, fora capturado por nazis alemães e eventualmente enforcado. É verdade que nesta vida tem uma

obsessão virtual por não usar gravata, preferindo que a garganta fique livre de entraves.

Não há dúvida de que Robert Morrison tem sonhos notavelmente vívidos, do tipo que Edgar Cayce indicara poderem ser memórias de vidas passadas. Recentemente, após conhecer brevemente um casal mais velho pela primeira vez, sonhou na mesma noite que um homem com uma túnica fluida lhe falava do casal, dizendo: "Eles foram Robert e Elizabeth Barrett Browning na vida anterior e estavas associado a eles." Bob diz que viu esta mesma figura de túnica muitas vezes nos sonhos e invariavelmente sente grande respeito por ele. Isto indicaria, segundo os ensinamentos de Edgar Cayce, que a figura é o próprio eu superior ou supraconsciente de Morrison.

Há um interessante desenlace a este incidente. Roberta Mueller mencionou depois ao casal que o filho sonhara com eles, mas tudo o que revelou sobre isso foi: "Disseram-lhe que eram um casal inglês bastante conhecido no século XIX."

Como estive presente neste encontro, posso testemunhar que a mulher mais velha exclamou: "Não me diga que somos os Browning!" Depois pareceu tomada de embaraço por ter proferido espontaneamente declaração tão imodesta, pois a ideia de ter sido uma famosa poetisa inglesa nunca lhe passara antes pela cabeça. Poderia tratar-se, claro, de telepatia mental, mas ainda havia mais surpresas por vir. A Sra. Mueller, comentando o facto de Robert Browning e o marido da mulher partilharem o mesmo nome próprio, brincou que seria "demasiado" se o nome do meio da mulher fosse Elizabeth. Não era; mas estranhamente a mãe dela decidira chamá-la Elizabeth, até que o pai do bebé se opôs tanto a "Elizabeth" que o nome foi alterado. Isso foi-me confirmado desde então pela mãe dela.

Houve também outras coincidências. A mulher deliciara-se em poesia na Universidade Baylor, no Texas, que tem a maior coleção mundial de Robert Browning. Durante grande parte da vida, Elizabeth Barrett Browning sofreu de uma afeção da coluna vertebral; o seu país favorito, além da pátria, era Itália; e tornou-se vitalmente interessada no contacto entre os vivos e os chamados mortos, para desconsolação de Robert Browning, que nisso não acreditava. Estes factos são igualmente verdadeiros da mulher que Bob Morrison viu no sonho; no entanto, nem ele nem a mãe estavam ao corrente de tais paralelos, pois mal haviam conhecido o casal e também desconheciam as vidas dos Browning.

Em março de 1968, Robert Morrison submeteu-se pela primeira vez à hipnose e, quando instruído a ir "atrás, atrás, atrás no tempo" até ocupar outro corpo, disse que era um índio na América do Sul, servindo como guia no deserto, e que estava ao pôr do sol. Solicitado a descrever o que estava a fazer, disse que se estava a enrolar num cobertor e que se preparava para dormir atrás de uma

rocha grande. Levado dois anos para a frente e questionado sobre a data, respondeu:

"Creio que é mil e quinhentos e qualquer coisa, mas nós não numeramos os anos." Em resposta a mais perguntas, disse que estava no topo de uma montanha alta a olhar para umas velhas ruínas índias que os seus antepassados tinham construído; que vivia ali quando não viajava como guia e que não tinha mulher nem família.

Quando o hipnotizador o levou para o último dia dessa vida e perguntou como se sentia, ele murmurou: "Deprimido, sou muito mais velho. Não estou doente", e acrescentou que estava agora dentro das ruínas que anteriormente descrevera do exterior. "Há uma escultura de um sol radiante na parede", continuou. "Olhei para ela agora mesmo ao passar. Estou a olhar para o tesouro aqui — apenas a dar-lhe uns pontapés. Está numa sala subterrânea das ruínas." Ele identificou o tesouro como sendo "maioritariamente ouro", mas quando questionado se se referia a moedas de ouro, corrigiu: "Moedas não. Armas de ouro, facas..." Questionado novamente sobre a data, respondeu: "não temos um ano."

Um pouco mais tarde, disse que estava a caminhar com um amigo e a carregar uma faca de sacrifício de ouro na mão. "Mas não é a correta", voluntariou ele. "Estava à procura de outra, mas há tanto tesouro que não a consegui encontrar." Sobre o seu amigo, disse: "Ele é da minha raça, mas é parte espanhol. Ele tem medo de mim." Perguntado se isso era por causa da sua faca, respondeu negativamente, dizendo: "Ele respeita-me. Os meus antepassados eram da realeza. É por isso que ele me teme."

Instruído a soletrar o seu próprio nome, respondeu: "Não creio que a nossa língua seja escrita. Não temos um alfabeto." Pressionado a dizer como os outros lhe chamavam, disse que soava "algo como eagle ou eela", e que o nome da sua tribo era o mesmo.

Instruído a avançar várias horas, anunciou subitamente: "Vou matar-me. Não quero, mas sou o último da minha raça e estou completamente sozinho. O meu amigo já se foi. Estou zangado com ele porque ele é um mestiço e eu não quero fazer o mesmo." Explicou que a razão pela qual não casara fora porque já não restava estirpe pura da sua linhagem e os seus pais tinham morrido há muito. Disse que ainda estava na montanha, de cujo ponto de observação conseguia ver o deserto lá em baixo. Perguntado sobre o que estava a fazer, disse: "Nada. Espero que o sol se ponha. Matar-me-ei assim que ele se puser." O hipnotizador tentou demovê-lo do suicídio, sem sucesso; depois contou até cinco, disse-lhe que o sol se tinha posto e perguntou o que aconteceu.

"Esfaqueei-me", disse o sujeito com cansaço. "Abaixo do coração, creio. Mas não estou morto. Há apenas muito sangue. Estou a ficar mais fraco. O sol já se foi, mas a lua ainda não nasceu."

Ao ser-lhe dito que o espírito deixara o corpo e que agora podia descrever a cena da morte sem dor, declarou: "O meu corpo está num penhasco, caído sobre um grande penedo. Estou deitado de barriga para baixo, encolhido. A faca está em mim." Solicitado a dizer que lição aprendera naquela vida, respondeu: "Ganância. A razão pela qual me matei foi a ganância. Alguém tentou forçar-me a desenhar um mapa que os levaria ao tesouro. As pessoas sabiam que eu sabia onde estava, mas não lhes pertencia. Selei a entrada da sala antes de morrer, mas havia muitos outros locais onde o tesouro estava escondido. Eu não era ganancioso. Aprendi que os outros eram."

Quando levado para a frente e questionado sobre o propósito daquela vida, indicou que a tinha avaliado mais minuciosamente, porque desta vez disse: "Não achei que a minha lição tivesse sido bem aprendida. Creio que também fui ganancioso naquela vida. Tentei vender parte do tesouro dos meus antepassados numa cidade e foi aí que os problemas começaram. Muitos homens estavam a tentar encontrá-lo e sabiam que eu conhecia a localização."

Após ser trazido de volta à consciência, o Bob exclamou surpreso: "Eu estava realmente naquele corpo. Conseguia sentir as emoções como se fossem minhas, mas não consigo perceber de onde veio tudo aquilo." A mãe lembrou-lhe que a vidente, na leitura de vida para ele vários anos antes, mencionara brevemente que, numa encarnação inca, ele tirara a própria vida, mas ele disse que não se lembrava disso conscientemente.

Nós os três pusemo-nos então a investigar os Incas. Aprendemos que a cultura prosperara nas montanhas e desertos do Peru e áreas vizinhas até 1533, quando Francisco Pizarro, um espanhol, aprisionou traiçoeiramente Atahualpa, o último governante inca, após atraí-lo para um conclave. Atahualpa recusou ser convertido ao cristianismo ou aceitar a soberania espanhola, mas concordou em pagar um resgate de quatro milhões de dólares em ouro e prata em barra. O astuto Pizarro recolheu o vasto tesouro, mas continuou a mantê-lo prisioneiro, sabendo que muito mais tesouro estava escondido. Acabou por matar Atahualpa, após acusá-lo de conspirar para derrubar os seus conquistadores espanhóis e de ter dado ordens secretas para o assassinato do seu meio-irmão Huáscar.

Se o Bob Morrison era realmente o último da linhagem real inca, era provavelmente descendente do assassinado Huáscar, que herdara o trono inca do seu pai por ser de linhagem pura, ao passo que Atahualpa não o era. A

Encyclopedia Britannica afirma que este último, que usurpou o trono ao seu meio-irmão, era considerado ilegítimo pela lei peruana porque a sua mãe era filha do soberano conquistado de Quito e, portanto, "não descendia de ambos os lados da linhagem dos Incas". Este facto poderia ter explicado o ressentimento de Bob Morrison em relação ao seu amigo por este ser "um mestiço", e a sua própria relutância em casar fora da linhagem real.

A nossa investigação revelou ainda que os Incas, ao contrário de algumas tribos vizinhas, não tinham sistema de escrita ou calendário; e que adoravam principalmente o sol, de quem os governantes incas eram considerados descendentes diretos. Bob Morrison mencionara pontualmente o sol radiante esculpido na parede da sala do tesouro e sublinhara que devia esperar para morrer até que o sol se pusesse. Também aprendemos que os governantes incas eram simplesmente chamados de O Inca pelo seu povo, e Bob dissera que era chamado pelo mesmo nome que a sua tribo.

Se Bob estivesse a tentar fingir o papel, certamente ter-se-ia identificado como um inca. Em vez disso, disse que o nome soava "algo como eagle ou eela". Não sabemos, claro, como os Incas pronunciavam o nome da sua tribo há quatrocentos anos; mas fiz uma descoberta interessante várias semanas mais tarde, enquanto lia uma prova de autor do livro de Edgar Evans Cayce, entretanto publicado, sobre o seu pai, Edgar Cayce On Atlantis. Numa leitura dada em 1933, que descrevia a dispersão dos Atlantes para a Europa, Egipto e América do Sul quando o seu próprio continente se estava a desintegrar, Cayce falou de "aquele povo chamado Incal... na terra peruana". Incal soa, de facto, "algo como eagle ou eela", embora o Bob Morrison nunca tivesse ouvido a palavra antes; e ele não poderia estar a captá-la das nossas mentes de forma telepática, uma vez que também era desconhecida para qualquer um de nós presentes quando ele foi hipnotizado.

Um eminente geólogo que está convencido da reencarnação disse sobre a regressão hipnótica: "Esta é a forma como deveríamos estudar a história. Poderia ser de uma assistência imensurável para aprendermos mais sobre tempos geológicos antigos, bem como sobre períodos pouco conhecidos no desenvolvimento da humanidade."

Se o material que emerge da mente subconsciente de um sujeito hipnotizado é tão autêntico sobre vidas anteriores como provou ser ao revelar memórias esquecidas da vida atual, até à cena do nascimento, enriqueceria de facto o nosso conhecimento da terra, dos seus povos e de acontecimentos obscuros. Certamente, o fim triste de uma orgulhosa linhagem de nobres índios, como descrito por Bob Morrison, e a vida feliz, mas temerosa, na caverna retratada por

Vickey Hinchman, no passado remoto quando o Círculo Polar Ártico era tropical, não se encontram atualmente em nenhuns livros de história.

A mãe de Bob, a Sra. Roberta Mueller, nasceu em Pretória, África do Sul, em 1924, filha de Johannes Frederick Theobaldt Mostert, um plantador de açúcar, e da sua esposa. Os antepassados de Roberta estavam entre os primeiros colonos holandeses, tendo ido para a África do Sul com a Companhia das Índias Orientais Holandesas em 1652; e o seu avô, Andrew M. Mostert, tornou-se um dos primeiros milionários daquele país, possuindo grandes plantações e também recrutando mão de obra para as minas de diamantes.

Johannes era chamado Theo e, quando chegou a altura de ir para a faculdade, o seu pai enviou-o para a Kansas State University, onde ele se apaixonou por uma colega do Arkansas. Após a licenciatura, o Theo e a sua noiva do Arkansas foram para a África do Sul por três anos e depois estabeleceram-se no Arkansas, onde publicaram um jornal. No final da adolescência, a Roberta matriculou-se na escola de jornalismo da Universidade de Missouri, mas casou antes da licenciatura. A sua mãe já faleceu e o seu pai vive em Joanesburgo, África do Sul.

Desde a mais tenra infância, a Roberta interessou-se por ervas, que recolhia nos bosques perto da sua casa no Arkansas. Após a sua mudança para Virginia Beach em 1964, acordou uma manhã de domingo com dores de gota excruciantes e, como o seu médico não estava disponível, começou a beber quantidades de chá de açafrão. O inchaço desapareceu pouco depois e, quando mais tarde contou ao seu médico o que fizera, este recomendou-lhe que continuasse o tratamento, dado que a colchicina (o remédio médico padrão para a gota, que é um derivado do açafrão) por vezes tem efeitos secundários desagradáveis.

Na manhã de Natal, a Sra. Mueller teve uma visão de uma amiga a chorar com dores enquanto o marido se inclinava sobre a cama, tentando confortá-la impotente, e ouviu interiormente as palavras: “São os rins dela.” A Roberta telefonou imediatamente para perguntar o que se passava com a Clara e soube que tinha visionado corretamente a cena à beira da cama. A Clara sofria de fortes dores nas costas e, como a Roberta diagnosticara psiquicamente o problema como ácido úrico proveniente de uma infeção renal, correu para lá com um suprimento de chá de açafrão. Após regressar a casa, “viu” a Clara a beber uma chávena e a adormecer; a acordar e a pedir mais, e depois a dormir pacificamente de novo. No dia seguinte, a amiga ligou à Roberta para lhe agradecer e relatou que, após duas chávenas do chá, tinha “dormido o dia inteiro”. A sua dor tinha desaparecido.

Noutra ocasião, a Sra. Mueller soube que um amigo tinha um caso crónico de diarreia que os médicos tratavam sem sucesso há vários anos. Recomendou um chá feito a partir das folhas de framboesa, morango e confrei, com a adição de hortelã-pimenta, e o amigo não teve mais desconforto.

O interesse de Roberta Mueller por ervas era totalmente desconhecido para Helen-Muriel Travis, da Pensilvânia, mas quando a vidente deu leituras de vida para o Bob e para a sua mãe no ano seguinte, contou à Roberta sobre uma encarnação grega "no tempo de Artaxerxes, quando eras um sacerdote-curador, que trouxeste o teu conhecimento de cura contigo de uma vida muito anterior."

Descreveu então uma encarnação atlante, num cenário onde abundavam perus selvagens, onde se dizia que a Roberta fora Am Om Phares, um rapaz de dez anos que era "um filho da natureza". Viu o jovem a selecionar amorosamente raízes, folhas, cascas e plantas, e a meditar sobre elas para adquirir conhecimento dos seus usos. Com elas fazia unguentos, cataplasmas e medicamentos que não só efetuavam curas para o corpo físico, como melhoravam os sentidos psíquicos da visão, audição, paladar e olfato. Disse que Am Om levava regularmente os seus medicamentos para o templo em dois pequenos cestos tecidos à mão, oferecendo um como sacrifício e fazendo o outro ser abençoado pelos sacerdotes.

Segundo o relato, os Atlantes vinham de todas as partes do continente para receber tratamento, "entrando como destroços físicos e emocionais, e saindo inteiros"; e em breve um jardim do templo foi "consagrado ao uso de Am Om, como um laboratório para o seu trabalho com ervas." A vidente descreveu Am Om no seu auge como tendo quase um metro e oitenta de altura, com "pele de cobre rosada, olhos escuros bem abertos, uma boca compassiva, maçãs do rosto salientes e cabelo escuro longo e sedoso sobre o qual usavas um círculo dourado cravejado de gemas, que representava a sabedoria e a cura."

Acrescentou que ele viveu "vários séculos, como os homens foram destinados a viver", e que uma noite a sua alma deixou o corpo pacificamente, embora este estivesse livre de dor ou doença. O corpo ficou então em câmara ardente do nascer ao pôr do sol no templo, enquanto danças sagradas eram executadas pelo sacerdócio.

Naturalmente, é impossível verificar um relato de uma vida pré-histórica num continente de cuja existência carecemos de provas, mas parece notável que a Miss Travis tenha apontado com precisão uma ocupação de então que é o passatempo duradouro da Sra. Mueller nesta vida; pois ela abastece um armário com cerca de quarenta ervas diferentes e mistura-as em combinações curativas para a família e amigos.

Entre os aspetos mais desanimadores da investigação no campo da reencarnação está, claro, a dificuldade de verificar os alegados factos. Durante essa mesma leitura de vida, foi dito a Roberta Mueller sobre outra vida, como uma rapariga quacre no tempo de Benjamin Franklin. Dizia-se que o seu nome fora Deborah Ruth Thompson, ou Tomkins, e que nascera em 1769, no que é hoje a Green Street em Filadélfia. A casa de três andares estava ligada à loja do pai, onde ele vendia velas, quinquilharias, lanternas, equipamento agrícola e mobiliário, alguns importados do estrangeiro.

Deborah foi retratada como uma rapariga devota, mas alegre e popular, que após o seu casamento com Thornton Simpson se mudou para a Virgínia Ocidental, onde o seu marido arroteou a terra, construiu a casa, negociou com índios e enviou produtos por barcaça. Foi dado um grande detalhe sobre a vida dela ali e em Filadélfia, mas quando Vivian H. Newlin teve a amabilidade de verificar registos na Friends Historical Library no Swarthmore College e na Historical Society of Pennsylvania, não houve provas.

A Sra. Newlin localizou um Thomas Thompson que nasceu em 1747, o mesmo ano que a vidente dera como a data de nascimento do pai de Deborah, mas nenhum dos seus seis filhos tinha o nome de Deborah Ruth. Encontrou uma Deborah Thompson que nasceu em 1765, mas esse era o seu nome de casada. O mais próximo que conseguiu chegar de Thornton Simpson foi um Thomas Simpson daquele período.

Igualmente dececionante de um ponto de vista factual foi uma leitura de vida feita para mim por uma vidente de Nova Iorque, que descreveu várias vidas interessantes no Egipto, Palestina, Índia e França, e disse que no início do século XIX eu fora filha de um ministro quacre que tinha o mesmo nome do famoso pregador da Nova Inglaterra, Jonathan Edwards. Disse que a Bertha Hahn de Newark, Delaware, era então minha irmã, e que a nossa casa era em Ephrata, Pensilvânia. Dizia-se que os nossos nomes eram Wilma e Willene Edwards, e um irmão chamava-se William Edwards. A leitura declarava que perdemos a nossa mãe ainda na adolescência e que mais tarde nos tornámos professoras e conselheiras, mas a Sra. Newlin não foi capaz de verificar que tal família quacre tivesse existido naquela era. Embora a falta de registos não prove conclusivamente a inexistência de tal família, é no entanto desconcertante não encontrar qualquer rasto dela cento e cinquenta anos depois.

A prova de identidade também falta quando nomes mais proeminentes emergem do passado. Edgar Cayce disse a Riley Simmons, um executivo de seguros de Norfolk, que numa das suas encarnações recentes fora o General Israel Putnam, da fama da Guerra Revolucionária; e embora a leitura tenha fornecido uma grande quantidade de detalhes que coincidiram com a precisão

histórica, bem como alguns que complementariam a história daquela era, é impossível provar ou refutar que o general que morreu em 1790 está agora reencarnado.

A afirmação do vidente de que a esposa de Simmons, Beverly, fora outrora Leila Beverly Cayce é algo mais evidente, dado que ela nasceu no trigésimo quarto aniversário da morte de Leila e possui uma semelhança física notável com outra das irmãs de Cayce; mas os cínicos podem razoavelmente argumentar que Cayce pode ter sido influenciado subconscientemente por essa qualidade de sósia ao atribuir a Beverly o papel de Leila.

Os investigadores tiveram muito maior sucesso na verificação de locais e nomes em instâncias de recordação infantil espontânea, talvez porque as vidas que os jovens afirmam ter vivido foram de data tão recente que os alegados parentes e amigos ainda estão vivos. O Dr. Ian Stevenson, de Charlottesville, Virgínia, investigou muitas dessas afirmações além das detalhadas em Twenty Cases Suggestive of Reincarnation e encontrou fundamentações notáveis. Dos mais de seiscentos casos no seu ficheiro, cerca de metade ocorreu no Sudeste Asiático e apenas alguns nos Estados Unidos e Canadá. Uma explicação possível para a preponderância de casos orientais é o facto de as religiões orientais abraçarem a doutrina da reencarnação, ao passo que uma criança americana que tagarelasse sobre uma vida anterior seria provavelmente castigada e instruída a parar de imaginar coisas.

O Hinduísmo é a religião sobrevivente mais antiga no mundo atual e, como os seus seguidores acreditam no ciclo do renascimento, não é surpreendente que ouçamos falar de crianças como Shanti Devi de tempos a tempos na Índia. O Dr. Stevenson, após investigação pessoal de inúmeros casos ali, declarou: “O caso começa geralmente quando uma criança pequena, de dois a quatro anos, começa a falar com os seus pais ou irmãos sobre uma vida que levou noutro tempo e lugar. A criança sente habitualmente uma atração considerável por regressar aos eventos dessa vida e frequentemente importa os seus pais para que a deixem regressar à comunidade onde afirma ter vivido anteriormente. Se a criança faz afirmações particulares suficientes sobre a vida anterior, os pais (geralmente com relutância) iniciam investigações sobre a sua exatidão.”

Um dos jovens sobre os quais o Dr. Stevenson relata é Sukla, filha de Sri K.N. Sen Gupta da aldeia de Kampa, Bengala Ocidental, que nasceu em 1954. Quando mal conseguia falar, começou a embalar um bloco de madeira ou uma almofada, chamando-lhe Minu. Quando lhe perguntaram quem era Minu, Sukla respondeu que era a sua filha. Durante os três anos seguintes revelou informações adicionais sobre Minu, bem como sobre o seu “marido” e os irmãos mais novos dele, Khetu e Karuna. Afirmava que viviam em Rathtala, em Bhatpara, e embora

os seus pais conhecessem Bhatpara, nunca tinham ouvido falar de Rathtala ou das pessoas que Sukla mencionava.

A criança implorou tão insistentemente que o seu pai mencionou o problema a um colega de trabalho de uma linha férrea, que se ofereceu para verificar com os seus familiares em Bhatpara. Ele relatou posteriormente que um homem chamado Khetu, que vivia numa secção chamada Rathtala, perdera em 1948 uma cunhada que deixara uma menina bebé chamada Minu. Os pais de Sukla levaram-na, por isso, a Bhatpara e Rathtala, onde ela os conduziu à casa do seu alegado sogro, Sri Amritalal Chakravarty. Ela identificou corretamente várias pessoas e objetos, e o seu encontro com o suposto antigo marido e filha despertou de tal forma as suas emoções que, a partir de então, ela definhava por eles entre as visitas.

Embora a Minu fosse agora consideravelmente mais alta do que a Sukla de cinco anos, esta última prodigalizava-lhe um afeto materno tal como não exibia por mais ninguém. Sempre que ouvia dizer que a Minu estava doente, chorava e, certa vez, ficou tão perturbada que a família teve de a levar para a cabeceira da Minu. Aos três anos, segundo o seu pai, Sukla evitara comer com os seus irmãos e irmãs, dizendo: "Porque haveria eu de comer convosco? Eu sou uma Brâmane." Quando finalmente conheceram a sua "antiga família", souberam que os Chakravarty são Brâmanes, ao passo que os Gupta não o são.

Outro caso investigado por Stevenson é o de Parmod Sharma, filho do Professor Bankey Lal Sharma, que nasceu em Bisauli, Uttar Pradesh, Índia, a 11 de outubro de 1944. Aos dois anos e meio, disse à mãe para não cozinhar, porque ele tinha uma mulher em Moradabad que podia desempenhar essa tarefa. Um pouco mais tarde, começou a falar de uma grande loja de refrigerantes e biscoitos em Moradabad, e de outra em Saharanpur, que afirmava ter operado sob o nome Mohan Brothers. Forneceu muitos outros detalhes sobre a família, exibiu um conhecimento notável sobre a confeção de biscoitos e disse que morreu por comer coalhada em excesso.

Os pais dele ignoraram as suas súplicas para visitar Moradabad mas, através de outros, a notícia chegou à família Mehra, que possuía uma loja de refrigerantes e biscoitos chamada Mohan Brothers ali e em Saharanpur. Curiosos, vários membros dessa família viajaram até Bisauli para conhecer o rapaz, mas encontraram Parmod ausente. Mais tarde, Parmod acompanhou o seu pai e um primo a Moradabad e Saharanpur, onde reconheceu vários membros da família pelo nome, contou corretamente como a sua secretária costumava estar colocada na loja e identificou edifícios em ambas as cidades. A família Mehra verificou que Paramanand Mehra morrera em 1943 de uma doença gastrointestinal e apendicite, após se empanzinar com coalhada, dezassete meses antes de Parmod

nascer. Os irmãos também confirmaram que Parmanand fora o fundador e gerente do negócio da família antes da sua morte e que, tal como afirmado pelo pequeno Parmod de cinco anos, Parmanand deixara viúva, quatro filhos e uma filha.

A julgar pelo material transmitido através de recordação espontânea, leituras de vida, hipnose e devaneio, não existe um padrão definido para o lapso de tempo entre nascimentos, nem para a frequência da reencarnação. A maioria das crianças que afirmava recordar vidas anteriores teria regressado rapidamente, no espaço de um a dez anos, e isto pode tornar mais fácil para elas recuperar os detalhes de que falam de forma tão convincente.

Outros parecem ter adiado o seu renascimento por décadas, ou mesmo séculos, presumivelmente para contemplar erros passados e desenvolver a compreensão espiritual antes de mergulharem novamente em tentações terrenas onde novos testes devem ser enfrentados e antigas dívidas devem ser liquidadas. As leituras de Cayce indicam que, embora muitos de nós tenhamos vivido milhares de vezes antes, raramente trabalhamos o carma incorrido em mais do que algumas delas, em qualquer encarnação individual. Assim, Cayce ordinariamente detalhava não mais do que cinco ou seis vidas, embora estas pudessem variar desde a "Atlântida Perdida" e o antigo Egipto até à América dos dias de hoje.

Edgar Cayce ensinava que as almas mais evoluídas escolhem ordinariamente os seus pais e as circunstâncias em que nascem, embora esta seletividade não esteja necessariamente disponível para almas subdesenvolvidas ou depravadas. Por vezes, desejos carnais interpõem-se nesta seletividade. Outro exemplo é o de milhares de jovens mortos em guerras, alguns dos quais estão tão ansiosos por regressar e cumprir as vidas que esperançosamente tinham começado que se agarram a qualquer veículo disponível — qualquer futura mãe — para satisfazer esse desejo. Hugh Lynn Cayce diz que, por vezes, eles são apanhados num vórtice sobre o qual não conseguem exercer qualquer controlo; que, tendo-se disponibilizado para o renascimento, podem ser atraídos como por um íman para um lar que não é adequado aos seus talentos ou desejos.

Os médiuns enfatizam repetidamente que é, portanto, sensato preparar-se, através da meditação diária, para uma continuação da vida após a morte, a fim de evitar o choque da própria partida; e que a forma de evitar ser atraído de volta demasiado depressa é libertar-se de hábitos e desejos de tipo ulterior que poderiam manter alguém demasiado ligado à terra. Uma entidade que é incapaz de refrear a sua indulgência excessiva em álcool ou sexo pode carregar essa obsessão consigo para além do túmulo, onde o anseio por tal se torna tão

irresistível que regressa quase imediatamente, sem a preparação filosófica que lhe permitiria selecionar a sua próxima encarnação com sabedoria.

A moral parece ser: Disciplina-te para te tornares agora o tipo de pessoa que gostarias de ser na próxima vez.

Uma pergunta lógica feita por inúmeras pessoas que descartam a ideia da reencarnação é esta: Se todas as almas existem desde o início dos tempos, como acontece que a população mundial seja tanto maior hoje do que noutros tempos da história? De onde vêm tantas almas?

Edgar Cayce, enquanto no estado inconsciente, declarou que uma população maior do que a da terra hoje habitou outrora os continentes perdidos da Atlântida, sobre os quais Platão escreveu, e da Lemúria, no sudeste do Pacífico; e que após os cataclismos que os inundaram, a população mundial foi dizimada. Isto assemelha-se à história bíblica do dilúvio, após o qual Noé e a sua família tiveram de começar de novo a repovoar o planeta. Cayce disse que, embora não exista vida como a conhecemos noutros planetas do nosso próprio sistema solar, existem outras formas de vida no universo e, entre vidas terrenas, as almas podem continuar o seu desenvolvimento em vários planos mentais.

O vidente declarou que as almas que habitaram a Atlântida estão agora a regressar em vastos números, e o próprio continente começará em breve a emergir em redor de Bimini. Na medida em que ele também profetizou que grandes áreas da superfície da terra desaparecerão no mar antes do fecho deste século, através de uma mudança do eixo, isto indicaria que estamos a caminhar para outro desastre cataclísmico como aquele que presumivelmente destruiu massas de povos em tempos remotos. Se for verdade, aqueles que estão alarmados com a atual explosão demográfica e a consequente fome descobrirão que esse problema em particular deixará de existir. As almas seriam imperecíveis e, de acordo com as leituras de Cayce, a vida continuaria noutros planos até que a terra pudesse, uma vez mais, sustentar grandes números de corpos físicos.

## Capítulo 16
## Conhecer-nos a Nós Próprios

Quase todos os adultos pensantes estão conscientes da crise espiritual que agora enfrentamos e do seu profundo efeito nos padrões de comportamento na América. As desordens sangrentas nos guetos e nas ruas das cidades são talvez sintomáticas de um problema maior do que a mera economia: a frustração que assalta o homem quando este se sente impotente para traçar o seu próprio destino. O governo tornou-se tão grande, e os poderes de destruição tão absorventes, que parecemos estar a perder o nosso sentido de individualidade, a

nossa Unidade com Deus. Agora que computadores gigantes podem cuspir a soma total das nossas vidas profissionais quando alimentados com os nossos números da Segurança Social, até os nossos nomes parecem despojados de significado, e começamos a sentir-nos como engrenagens sem rosto numa roda que gira impessoalmente.

O que é a vida e o que é a morte? A ciência deu passos tão milagrosos no último quarto de século que consegue colocar o homem em órbita no espaço sideral e sondar as profundezas do oceano, mas não consegue responder a esta pergunta muito mais vital. Tão-pouco se podem obter explicações satisfatórias nas nossas igrejas, escolas ou centros de estudos governamentais.

Esta busca lancinante por uma identidade pessoal levou muitos jovens à toxicodependência ou a viagens psicadélicas ilusórias que podem ser destruidoras para a mente. A escassez de pensamento metafísico na nossa cultura ocidental enviou os Beatles e outros em peregrinações ao Extremo Oriente para estudarem meditação com um iogue; e é quase impossível pegar numa revista atual sem encontrar um artigo sobre meditação ou sobre a busca de si próprio. O desejo do homem de se conhecer a si próprio é tão antigo como o tempo mas, talvez nunca antes, tenha ocupado a atenção ativa de tantos ocidentais. Este é um presságio encorajador de um despertar espiritual que parece estar a afastar algumas das amarras da nossa sociedade materialista.

A necessidade de autoidentificação é aguda pois, quando um homem teme estar a perder a sua identidade pessoal com a sociedade na qual deve trabalhar e viver, não é surpreendente que se sinta tentado a arremessar tijolos através de montras de vidro e a juntar-se a revoltas violentas. É uma forma de atrair atenção para o "eu" que ele parece ter perdido. Outra forma é deixar o cabelo e a barba crescer, desprezar o banho e sentir um prazer narcisista no odor do próprio corpo.

Alguns procuram identidade através de autocomplacências, mas até o hedonismo começa a cansar quando as questões da vida e da morte ainda aguardam, na luz sóbria da manhã. A juventude de hoje pode desprezar os seus pais que trabalham para viver, mas chega o momento em que eles também devem comer, ou passar fome. Nalgumas culturas orientais poderiam envergar túnicas de açafrão e andar com taças de esmola, mas na nossa complicada estrutura económica devem trabalhar, ou roubar: e se forem detidos por este último, devem renunciar àquilo que mais prezam, a liberdade de fazerem o que lhes apetece.

A busca do homem moderno por um propósito na vida não se limita de modo algum aos hippies. As chamadas "crianças das flores" estão simplesmente a dramatizar uma necessidade profunda dentro de todos nós de encontrar uma consciência do eu. Quem sou eu? A meditação é a chave que abre esta porta

esquiva, e não é preciso viajar até aos Himalaias para procurar um ashram. Este "lugar sagrado" pode ser encontrado no seu próprio lar, ou em qualquer local sossegado onde se esteja recetivo e atento.

Pensadores ocidentais como o Dr. Carl G. Jung e o Dr. Rudolph Steiner exaltavam a disciplina da meditação muito antes do nascimento dos Beatles ou dos hippies; e um kentuckiano semianalfabeto chamado Edgar Cayce ensinava estas mesmas verdades antes de sequer ter ouvido falar de meditação, exceto através do seu próprio inconsciente. Nenhum exemplo mais dramático de reencarnação pode ser citado do que o próprio Edgar Cayce: um homem que nada sabia de medicina, metafísica ou culturas mundiais no estado de vigília, mas que exibia uma panóplia impressionante de conhecimento sobre quase qualquer assunto quando em transe autoinduzido.

Ou ele dominara esses assuntos em muitas vidas anteriores, ou estava a aceder àquilo que o Dr. Jung chamou de Inconsciente Coletivo. Se esta última é a explicação total, então por que meios adquiriu Cayce a capacidade notável de ler este armazém cósmico de conhecimento, a menos que tivesse aperfeiçoado essa arte noutra encarnação anterior?

Cayce ensinava que a meditação não só aprofunda a nossa autoconsciência, como pode levantar a cortina sobre memórias aparentemente esquecidas de outras vidas em eras passadas. Ao fazê-lo, podemos compreender melhor o nosso eu atual e o nosso propósito. Na meditação procuramos conhecer a parte divina de nós próprios e sentir a Sua Presença. Isto não deve ser confundido com a oração. Quando rezamos, falamos com Deus. Quando meditamos, ouvimos. Cayce colocou-o uma vez desta forma: “Encontrai-o dentro do vosso próprio coração, dentro da vossa própria consciência. Se meditardes, abri o vosso coração, a vossa mente. Deixai que o vosso corpo e mente sejam canais para que possais fazer as coisas que pedis a Deus que faça por vós. Assim chegais a conhecê-lo.”

No início, a meditação deve ser praticada à mesma hora, no mesmo local, durante quinze minutos todos os dias. Devemos escolher um local sossegado onde possamos aguardar a "quietude interior" e, se tal local não puder ser encontrado durante o dia, podemos marcar o despertador para as duas da manhã. A paz e a quietude desse intervalo de quinze minutos compensarão largamente o sono perdido.

Deite-se de costas, ou sente-se com a coluna ereta e confortável. Respire ritmicamente, enquanto foca a atenção num único objeto, imagem mental ou pensamento espiritual. A mente indisciplinada divagará frequentemente, mas deve ser capturada e devolvida suavemente ao foco central. Seja paciente. A

quietude, a luz e o conhecimento interior podem não chegar durante meses ou anos mas, mesmo quando desesperamos de alcançar a iluminação que procuramos, estamos a mudar por dentro — tornando-nos mais intuitivos, mais percetivos, mais seguros e conscientes.

Se não observarmos esta melhoria gradual em nós próprios, outros observá-la-ão; pois à medida que abrimos os centros psíquicos para uma troca livre de amor entre Deus e nós próprios, estamos também a abri-los aos outros. Podemos até aprender a amar-nos a nós próprios, a tarefa mais difícil de todas, porque passaremos a conhecer-nos.

Deus está morto? Não, Ele está simplesmente a tentar despertar os nossos eus adormecidos; a dizer-nos que todos os homens são irmãos, independentemente de credo, sexo ou cor, e que o que fazemos aos outros fazemos a nós próprios. De nada serve exclamar: "Depois de mim, o dilúvio", ou "Graças a Deus que não viverei para ver o desastre que se avizinha"; pois a vida é contínua e provavelmente em breve nos encontraremos de volta num corpo terreno, colhendo o turbilhão que semeámos. Se um sofre, todos sofremos, porque somos uma comunidade de almas que regressou junta. Melhor será, então, que nos unamos na nossa busca de Deus — o Deus que está dentro de todos nós.

## Capítulo 17
## Deus não Castiga Homem Algum

A tendência hoje em dia é culpar qualquer pessoa, exceto nós próprios, pelas nossas desventuras. É culpa dos pais ou da sociedade moderna que os jovens se virem para a droga e o crime. A razão pela qual um homem não tem sucesso é que ele é o produto de um ambiente infeliz, ou membro de uma raça oprimida. Deus foi injusto ao dar-nos um corpo defeituoso, ou pais pobres, quando tantos outros têm maiores vantagens.

Mas a autocomiseração não tem lugar na filosofia da reencarnação. Conforme o homem semeia, assim colherá e, a menos que vivamos de forma prestável nesta vida, aproveitando ao máximo as nossas oportunidades para servir, a próxima encarnação será provavelmente ainda mais desagradável. A maioria dos orientais acredita que a lei do carma é inexorável. Se roubarmos nesta vida, os nossos bens ser-nos-ão roubados na próxima. Se matarmos, também morreremos por violência. Não há como escapar à roda do carma e às nossas próprias más ações.

Talvez a maior contribuição de Edgar Cayce para a filosofia da reencarnação tenha sido a sua mensagem tranquilizadora de que temos uma

escolha; que existe uma lei da graça, bem como uma lei do carma, e que temos livre-arbítrio para definir o caminho da nossa alma, antes de decidirmos reencarnar. Hugh Lynn Cayce, que dirige a fundação que prossegue o trabalho do seu pai, diz sobre este ensinamento:

"Entramos sob a lei da graça no momento em que começamos a perdoar a nós próprios e aos outros. Perdoar é divino. Deus já nos perdoou. De que outra forma poderia Ele ter recebido o filho pródigo de braços abertos, se já não o tivesse perdoado? Perdoar-se a si próprio é livrar-se da culpa. Perdoar os outros é livrarmo-nos dos ressentimentos e ódios que retorcem as nossas almas e nos tornam doentes. A raiva é um padrão de pensamento, e construímos carma a partir de padrões de pensamento tão certamente como a partir de ações. Como o meu pai tantas vezes dizia: a Mente é o construtor. A Graça é o amor de Deus derramando-se continuamente sobre o homem.

Devemos aprender a perdoar rapidamente, nunca dormindo sobre um ressentimento ou uma zanga. Culpar os outros impede-nos de amar os outros e impede a lei da Graça de assumir o controlo. Se não conseguimos amar toda a gente, então devemos praticar numa pessoa de cada vez, até termos aprendido a arte de amar. Entramos sob a lei da Graça sempre que a escolhemos em vez da lei do carma."

Edgar Cayce disse que o carma é uma reação que pode ser comparada à reação dentro do corpo quando um pedaço de alimento é ingerido pelo sistema. "O alimento é traduzido numa parte do próprio corpo", continuou, "penetrando em cada célula e influenciando a saúde do corpo e da mente. Assim é com uma alma quando entra num corpo para uma experiência na terra. Os pensamentos da pessoa são o alimento de que a alma se nutre, juntamente com as ações que resultam desses pensamentos.

Estes pensamentos e ações, por sua vez, foram gerados por pensamentos por trás deles, e assim sucessivamente até ao nascimento da alma. Quando uma alma entra num novo corpo, num novo ambiente, abre-se uma porta que conduz a uma oportunidade para construir o destino da alma. Tudo o que foi anteriormente construído, tanto o bom como o mau, está contido nessa oportunidade. Há sempre um caminho de redenção, mas não há forma de esquivar as responsabilidades que a própria alma assumiu."

Com isto, Edgar Cayce queria dizer que nós próprios selecionamos o padrão das nossas vidas antes de nascermos e, tendo uma vez definido esse curso, não podemos escapar das obrigações assim assumidas. Hugh Lynn Cayce disse que em várias ocasiões diferentes o seu pai tentou afastar-se da tarefa extenuante que definira para si próprio nesta encarnação mais recente; mas que, apesar do

peso do fardo, era sempre forçado a regressar a ela. O fardo era talvez ainda mais pesado para Gertrude Cayce, a mãe de Hugh Lynn, que suportou sem queixas o peso de um lar continuamente invadido por pessoas que sentiam que, através de associações de vidas passadas com o famoso vidente, tinham um direito legítimo à sua atenção constante para os seus problemas.

Hugh Lynn disse que sem a dedicação gentil da sua mãe à tarefa, o trabalho do seu pai nunca poderia ter sido concretizado, e ela sobreviveu apenas alguns meses ao marido que adorava. Curiosamente, numa leitura de vida que Edgar Cayce deu para a sua mulher, disse que a entidade vacilou durante vinte e quatro horas antes de entrar no corpo que habitou durante esta vida, por causa da tarefa invulgarmente árdua que atribuíra a si própria. Uma vez escolhido, no entanto, nunca fugiu ao seu trabalho.

Muitos hindus procuram alcançar o nirvana, ou a emancipação do ciclo de renascimentos, retirando-se dos seus semelhantes e vivendo uma vida ascética de meditação e contemplação. Mas a Graça vem com o amar, o perdoar e o servir os outros, não com o retirar-se deles, e Jesus Cristo deu ao mundo um novo mandamento: "Amai-vos uns aos outros." Não podemos amar verdadeiramente o outro se guardarmos rancores contra ele; por isso, se discutimos, é importante que digamos rapidamente: "Perdoa-me, sinto muito", ou "Eu perdoo-te. Amo-te."

Quantas centenas de vezes recitámos o Pai Nosso mecanicamente, sem parar para apreender o significado impressionante da linha "Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido". Ponderemos o significado da palavra "assim". O que estamos na realidade a pedir a Deus é que nos perdoe no mesmo grau em que perdoamos os outros. Isto coloca o fardo nos nossos próprios corações. Se queremos que Deus perdoe os nossos maus pensamentos e ações, para que possamos entrar sob a lei da Graça em vez da lei do carma, então devemos perdoar os nossos devedores com o mesmo empenho.

Amar. Perdoar. Será isto realmente tão difícil de fazer, se recordarmos que Deus também criou o nosso rival, e que Ele o ama tão compassivamente como nos ama a nós? Deus já nos perdoou a ambos. Não podemos nós fazer o mesmo?

Deus não castiga homem algum. Nós castigamo-nos a nós próprios através dos ressentimentos que nos dão alergias, dos ódios que nos tornam doentes e da retribuição cármica que escolhemos resolver. Trouxemos connosco para esta vida o registo permanente das nossas próprias fraquezas e más ações. Muitos de nós selecionámos cuidadosamente os nossos pais e atribuímos a nós próprios as circunstâncias em que nascemos. Se o papel é humilde, escolhemo-lo na crença de que poderíamos expiar melhor os erros passados suportando privações e superando barreiras difíceis. Sentimos que o sofrimento era essencial para o

processo de limpeza. Portanto, não é "quem" somos nesta curta vida, mas "o que" pensamos e fazemos, e quão alegre e amorosamente enfrentamos os desafios, que importa.

Porque é que a maioria de nós não consegue recordar as suas vidas anteriores? Porque o peso de tal conhecimento poderia ser maior do que conseguiríamos suportar confortavelmente, e porque uma consciência consciente de antigas queixas, ou de antigas competências, poderia interferir com o novo caminho em que nos lançámos. Tal como "a criança é o pai do homem", assim nós somos a soma total de todas as nossas atitudes, condutas e experiências em eras passadas. Mais importante ainda, estamos ocupadamente a criar o tipo de pessoa que nos tornaremos na próxima vida, e na seguinte.

Se cada homem pudesse aceitar a premissa de que não tem ninguém senão a si próprio a culpar pelas suas desventuras, e decidisse expiar o erro dos seus caminhos, o mundo poderia mudar dramaticamente. A guerra desapareceria, pois que pessoa ousaria seguir o caminho do agressor? Quem roubaria, mataria ou violaria se estivesse convencido de que estava a preparar um destino semelhante para si próprio? Preconceitos de raça, sexo e religião desapareceriam se um homem soubesse que anteriormente fora, ou que no futuro se tornaria, um negro, um oriental, um católico, um judeu, um muçulmano, um hindu ou uma mulher branca. Jovens rebeldes dificilmente ressentiriam os seus pais se pensassem que os tinham selecionado para cumprir uma missão particular pela qual escolheram renascer; e os pais poderiam compreender melhor os seus jovens obstinados, sabendo que estes poderiam anteriormente ter sido o seu próprio pai, irmã ou um rival formidável que quisera nascer deles para resolver uma situação cármica.

Não é excessivamente importante se "acreditamos" na reencarnação. Se as leis do carma e da Graça são reais, elas sobreviverão sem o nosso atestado. O que importa é que nos conduzamos de tal maneira que não incorramos em nenhuma dívida cármica má. O cético pode perguntar: "E se não existir tal coisa como o carma, ou a reencarnação, ou a vida eterna?". Sim, mas e se existir?